

CAMILA MARTINS

*mu*uito
ALÉM



das
ROSAS

E SE O FUTURO DOS LIVROS
ESTIVESSE EM SUA ALMA?





CAMILA MARTINS

muito
ALÉM
das
ROSAS

E SE O FUTURO DOS LIVROS
ESTIVESSE EM SUA ALMA?



Copyright: ©2020 by Camila Martins
Copyright: ©2020 by Editorial Hope®

Editora responsável: Jéssica Milato
Revisão inicial: Messias Santos
Revisão final: Venha Fazer História
Designer gráfico capa: Thamires S.
Designer gráfico diagramação: Venha Fazer História

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção Brasileira 869.3
2. Romance brasileiro 869.935

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta obra, protegida por copyright©, pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de alguma forma ou por algum meio, seja eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia e gravação, ou por qualquer outro sistema de informação, sem prévia autorização por escrito da editora.

Grupo Editorial Hope®

Rua Narciso Franzini, 103 – Sala 1 13600250 – Araras – SP – Brasil

Tel.: (19) 99920-5213

editorahope@gmail.com

www.editorahope.com

www.venhafazerhistoria.com



Venha para a luz



Breve comentário

Antes

O segredo

Antes

Gatuna do Breu

Antes

Perdas

Antes

O chão

Antes

Mil pedaços

A noite

Vestígio de passado

A tela e a tinta

Embalagens

A primeira leitora de Rosa

Avena

O amor por trás das fugas

O fogo

Vicktor

Pólvora

Trabalho em equipe

Os doze

Descobertas

Encontro inesperado

Promessas

Deixar partir

Revelações

A entrevista

Antes

Agradecimentos



Para os escritores e leitores das sombras



Breve comentário

Em Muito Além das Rosas, Camila consegue abordar assuntos pesados e sensíveis de forma doce e delicada, que encanta, emociona e diverte. Apesar de ser uma sociedade possível de existir futuramente e de abordar elementos que já estão se tornando reais, a autora tem um cuidado para permanecer com seu tom leve e esperançoso, que já é sua marca registrada.

Stefani P. Paludo – Autora de A missão



Antes

O porão guardava os poucos materiais de trabalho no campo da família Carmelo.

Precariamente iluminado por ínfimos raios de sol que, insistentes, vazavam pelas brechas da pequena janela no topo da parede escura do casebre. A única. A energia elétrica era poupada para ocasiões de extrema necessidade, pois a pequena família não tinha como arcar com a conta se a mesma viesse acima do padrão fixo, pré-estabelecido pelo governo, permitindo o uso sem custos.

Ali, entre caixotes, enxadas, ancinhos, roçadeiras manuais, com a visita vez ou outra de pequenos roedores, estavam Rebeca e sua filha Maria Rosa.

Maria Rosa ansiava por esse dia, há tempos prometido por sua mãe: o dia de estudar. Ela nem sabia ao certo o significado de estudar, mas queria ver e aprender. Queria uma novidade para preencher seus dias, cercados de labor, curtas brincadeiras e recolhimento. A menina, de apenas cinco anos, já havia sido introduzida nas lidas domésticas e de campo, fazendo o que sua pouca idade e força pudessem suportar.

Rebeca posicionou gentilmente sua pequena em um dos caixotes, pedindo que ficasse sentada. Puxou um pedaço de madeira escura e lisa e riscou nele, com uma pedra argilosa, alguns rabiscos que para Maria pareciam desenhos tortos semelhantes aos que fazia na terra embarrada do quintal.

— Quero que preste muita atenção no que vou te falar agora. Está prestando? — perguntou, olhando fixamente para os olhos redondos e astutos de Maria. Rebeca conhecia aquele brilho, conhecia aquele potencial e ela precisava rapidamente sanar aquele fogo, não sem antes deixar a única

herança que poderia para sua menina amada.

— Sim, mamãe. — respondeu com gentileza enquanto balançava seus pés que ainda não tocavam no chão. O caixote era alto para ela e Maria nascera miúda, a mãe achava que nem sobreviveria.

— Muito bem. Hoje vamos começar a aprender coisas novas. Vou te ensinar sobre as letras. Vê essas? — Maria assentiu, sacudindo muito a cabeça. — São letras. Cada uma tem um som e juntas elas formam seu nome, sabia?

— Oh! — exclamou encantada com aquela maravilhosa descoberta. Ela mal podia esperar para descobrir mais.

— Mas, tudo o que aprendermos aqui, ficará aqui! Você não pode contar pra ninguém que estudamos, nem mesmo perguntar sobre nenhuma ordem, nem as minhas nem de ninguém. Certo? Você entendeu bem, Maria?

— Por que não posso contar? Por que tenho que trabalhar? Eu não gosto. Quero letras só. — Rebeca assumiu um semblante tenso, contraído. Ali estava a fagulha, ela precisava conter imediatamente.

— Me dá sua mão! — ordenou firme. Maria obedeceu sem pestanejar, como num impulso. Rebeca puxou uma varinha larga e fina, amarelada, que guardava no bolso do longo avental cinzento que sempre vestia por sobre o parco, longo e grosso vestido de mesma cor. Maria conhecia outra vara, fina e comprida que a mãe usava quando ela desobedecia as ordens e era bagunceira. As pernas de Maria recordaram da dor ardida da varinha de marmelo, Maria esboçou uma careta pela recordação. Mas aquela vara era diferente. A menina encarou o processo com atenção, sabia que no fundo boa coisa não viria, mas sua curiosidade a impedia de temer no momento. Rebeca virou a palma da mão da filha para cima, segurando pelo estreito pulso, ergueu a vara e a desceu em seguida, num estalo forte e decidido.

Foi apenas um golpe, o suficiente para fazer verter lágrimas dos olhinhos até então atentos e luminosos da pequena. Doeu em Maria. Sangrou em Rebeca.

— Olhe pra mim! Viu o que aconteceu?

— Sim mamãe. Doeu muito! — disse chorosa, segurando a mão com a marca da vara estampada em vermelho.

— E isso vai voltar a acontecer sempre que desobedecer e questionar. Nunca me pergunte o porquê de nada. Nunca queira saber de nada além do que te for dado. Nunca pergunte. Nunca desobedeça. Nunca! Ouviu bem?

— Sim, mamãe.

— Vou machucar suas mãos sempre que você fizer isso. Você sabia que precisamos usar as mãos para escrever as letras?

— Ah! — expressiu, como que juntando as peças em sua cabeça.

— Se suas mãos estiverem machucadas, nunca poderá escrever as letras para aprender. Então me prometa que vai ser obediente, porque eu não quero bater em suas mãos, assim como nunca quis surrar suas pernas. Basta você ser comportada. Certo, Maria?

— Certo mamãe. Vou comportar.

— Muito bem! Como foi uma menina boazinha agora, vou te responder sua pergunta como prêmio. Será a última pergunta. Depois dessa, não quero mais ouvir nenhuma. Seus prêmios por bom comportamento serão outros. Está certo?

— Está! — Ela sorriu, gostando daquela parte. Prêmios eram bons e ela seria a menina mais comportada de todas para ganhá-los.

— Nós trabalhamos porque nascemos para isso. Somos camponeses, filha, nossa missão é linda! Nós trabalhamos duro, com muito suor, para levar os alimentos para outras pessoas comerem. Somos abençoados. — Maria olhava a mãe com toda a atenção, captando as palavras, sugando-as e unindo-as como uma esponja. — Temos que ser gratos ao bom Deus por essa tarefa. Trabalhe muito, pesado, todos os dias, nunca reclame. Trabalhe Maria, pois nosso cansaço, nossa dor faz as coisas mais bonitas para todos os outros. Nós não ganhamos muito com isso, fazemos para os outros, mas nunca podemos reclamar. Só agradecer, independente da dor que cause. Entendeu?

— Acho que sim, mamãe.

— Você vai entender isso melhor nas próximas aulas. Hoje começaremos com o básico.

Rebeca guardou a vara no bolso, para alívio de Maria Rosa, e pegou do caixote ao seu lado, um caderninho de capa marrom desbotada e folhas amareladas e um lápis de aproximadamente dez centímetros com a ponta retalhada à faca. Eram relíquias, raridades que em museus de lugares que Maria nem sequer sonhava que existissem, valeriam uma fortuna. Rebeca mostrou para a filha as peças que ela nunca tinha visto, ensinou para que servissem e deixou a filha manusear, sanando a primeira curiosidade.

Depois começou com as lições básicas com as vogais. Que Maria aprendeu como se fosse algo de que ela sempre soubera e que só estivera adormecido.

Ao final dos exercícios curtos com o A, E, I, O e U, Rebeca ordenou que

a filha aguardasse um minuto e foi até o outro extremo do porão, espanando e desvencilhando de caixas e ferramentas pesadas do serviço rural. Já nem se espantava mais com os ratinhos e aranhas, coisas que ela teve que aprender a encarar para poder trabalhar e viver logo depois de ficar viúva, pouco após o nascimento de Maria Rosa. Sem a presença masculina em casa, ter medo de bicho seria um luxo.

Chegando ao ponto em que queria, nos entremeios por baixo da escada que separava a casa do porão, olhou uma vez para trás para garantir de que a filha não estava espionando, vendo que a mesma seguia concentrada no caderninho, deslocou quatro tijolos, revelando uma abertura na parede, funda o bastante para abrigar os preciosos tesouros: livros das mais diversas qualidades e importâncias. Alocou todos que podia em seus braços e levou até a pequena, os colocando no caixote que servia de mesa para o estudo.

Maria Rosa olhou com espanto primeiramente — já muito encantada com o caderno de folhas vazias. Ali diante dela se abria, mostrados pela mãe, cadernos de folhas cheias. Letras e mais letras recheavam o interior dos cadernos diferentes.

— Livros. — respondeu a pergunta que ela sabia que estava na ponta da língua da filha, que não ousava questionar, lembrando-se da ardência em sua mão direita. — Esse aqui será nosso maior segredo. Nunca conte a ninguém sobre isso. Senão machucarei suas mãos até sangrarem. — advertiu com toda a rigidez que sua voz poderia imprimir. Maria engoliu em seco, ansiosa para olhá-los, tocá-los.

— Não vou contar mamãe.

— E esse será seu prêmio se for uma menina obediente, trabalhadora e comportada.

— Tesouros!

— São minha filha. São tesouros. — Maria iluminou-se. — Serão seus quando estiver pronta e poderá tocar e ler o que tiver neles se sempre obedecer e nunca perguntar sobre as ordens.

Ela assentiu. Nunca mais questionaria. Nunca mais perguntaria. Em troca, ela esperaria as letras e seus sons e formas. E ela ganharia exatamente isso.

Sobre desobedecer a ordens? Seria quase que um exemplo de disciplina. Quase, porque, pelos tesouros, ela romperia todas as regras.



O segredo

De longe se ouvia o ruído compassado da enxada de Rebeca, que golpeava o solo de forma precisa, para que a cada enxadada a erva invasora fosse cortada pela raiz, poupando esforço e tempo. Ao seu lado, Maria Rosa, agachada, puxa com suas mãos pequenos legumes temporãos, nascidos entre o mato daninho que a mãe eliminava. Um golpe e uma recolhida, num ritmo exato e repetido centenas de vezes ao longo dos anos, aprimorando o trabalho conjunto de mãe e filha.

Maria Rosa, em suas vinte primaveras recém-completadas, aprendeu a lida com determinado afinco. Fiel aluna de Rebeca, nunca poupou esforços para tirar o máximo que podia das lições aprendidas no dia a dia. Não poderia desperdiçar esse conhecimento, um dia seria ela a tomar conta de tudo sozinha, teria que ser tão capaz quanto sua mãe. E ela seria. Tanto quanto.

Passa suas horas no campo, entre o plantio e a colheita, adubando o chão ou carpindo. Separando legumes e verduras, lavando e embalando. Todos os dias. A mesma rotina. Quebrada só pelas vezes em que vai ao centro dos comércios levar o produto do seu empenho para ser recolhido nos postos, que organizavam a enorme feira dos pequenos comerciantes ou dos camponeses. Esses dias eram seus preferidos, pois Maria poderia ver gente, cores, movimento, sair um pouco da solidão do seu rancho, ouvir barulhos. Não que ela não gostasse da vida em casa e de seus afazeres, pelo contrário; Maria queria viver com sua família até seus últimos dias, ajudando em tudo o que fosse preciso, aprendeu a servir e a trabalhar com fervor, mas a quebra na rotina agregava novos conhecimentos que ela amava adquirir.

Cresceu uma moça bem moldada pelas mãos da mãe, que ora puniam ora acarinhavam, aparando arestas e contendo possíveis ímpetos que

poderiam se tornar inimigos no futuro. Tornou-se asseada e obediente, respeitando e nunca questionando. Aceitando as imposições sem nunca reclamar. Resiliente e compassiva. Dócil e empenhada. Assim como as grandiosas árvores de suas terras, suportando as mais diversas tempestades sem esmorecer, para no dia seguinte, aguentar o sol forte e ardoroso sem desanimar e ainda dando o frescor da sombra de sua copa vistosa e sempre pronta.

O suor empapa as vestes rudes de mãe e filha, o calor agreste já não é tão sufocante depois da prática repetida à exaustão. O costume faz o intempestivo se tornar banal. O traje de tecido resistente e acinzentado cobre braços, tronco e pernas com uma primeira camada de calças e camisa, por cima um vestido de tom igual, ajustado para compor o usual da vestimenta feminina, uma regra para seguir ao menos uma identidade designada às mulheres. Uma reminiscência que nunca se perderia. Ainda por sobre o vestido, avental cor de chumbo, com largo bolso para guardar pequenos instrumentos. Nos pés, botas grosseiras confeccionadas por artesanato das senhoras vizinhas que desenvolveram a técnica para angariar uma renda extra. Não se podia gastar adquirindo botas de silicone, macias e confortáveis, o preço de uma valeria o soldo todo da viuvez de Rebeca, que era depositado a cada dois meses. Não foi fácil comprovar o novo estado civil. Os fiscais eram rigorosos nos questionários e nas provas, exigiam todos os laudos com centenas de cópias e fotografias. Burlar esse sistema, inventando uma possível viuvez era um desgaste que não se valia a pena, ainda com o fato de que o valor recebido mal comprava os itens básicos para se praticar o serviço no campo.

Nas cabeças de ambas, largos chapéus. Em Maria, afofava os cabelos vastos, que os tinha com desenvolto volume e beleza em seus cachos miúdos e castanhos. Rebeca não contava com o mesmo cabelo, tendo os seus repuxados, presos eternamente em coque justo e baixo. Maria nunca viu a mãe de cabelos soltos.

Nas mãos, as luvas cobriam além do pulso, muito bem presas, também feitas pelas artesãs locais. A única parte descoberta de seus corpos são seus rostos, sérios, concentrados, molhados pelo suor que escorria do couro cabeludo.

A pele de ambas, adaptada aos raios solares desde o nascimento, trazia o tom escuro. Em Rebeca como um bronzeado homogêneo e sutil, em Maria mais intenso como café, cuja face era adornada por sardas por sobre o nariz e

abaixo dos olhos. Uma menina de beleza doce, olhos esperançosos e sorriso gentil, camuflada abaixo de camadas e mais camadas de panos reforçados.

— Preciso retornar Maria, você continua para mim por um tempo? — Rebeca pergunta, parando o serviço e se apoiando na enxada, puxando o ar em lufadas pesadas e engolindo a saliva com sede. Exausta. Maria ergue-se para dar atenção ao pedido da mãe e a mesma, em tom muito mais baixo e contido completa: — Preciso ver José. Já me demorei demais e ele anda muito arteiro. Não confio. Da última vez ele quebrou um copo!

— Claro mãe, eu continuo onde a senhora parou. Descansa um pouco.

— Não me demoro. — disse, entregando a enxada.

— Mãe.

— Que foi?

— Acha mesmo que vai conseguir esconder José até ele virar um moço? Desculpe perguntar, sei que não é da minha conta, só me preocupo.

— E o que mais eu poderia fazer? Ter matado seu irmão no ventre? — pergunta, sibilando, baixando o tom, porém ainda assim exaltada. Odiava ter que pensar nesse assunto. Seu maior medo desde que seu mundo virou.

— Não! Não! Nunca! Eu amo meu irmãozinho. Só pensei que poderia ter um jeito, eu pensei em...

— Não é mesmo da sua conta — interrompe. — Não me toque mais nesse assunto! Ouviu bem? — A ameaça velada na voz e no olhar, nas mãos completada pelo aperto doloroso no braço da filha. — José vai ficar bem, está aprendendo rápido, logo ele cresce e vai poder trabalhar por nós, como um filho de vizinhos distante que ficou órfão. Já te expliquei, não se faça de sonsa que eu odeio! Não seja estúpida assim novamente Maria Rosa! Hoje não vai ler, como castigo, mas na próxima vou rasgar um livro inteirinho. — A menina treme pela ameaça a um de seus tesouros. Os olhos grudados nos da mãe, temerosa.

— Não serei, mamãe, me desculpe. Não serei mais estúpida.

— Continue de onde eu parei, até o final da horta. Recolha os legumes e guarde tudo. Só depois entre em casa. Não me apareça sem antes terminar.

Dizendo isso, Rebeca dá as costas, deixando Maria sozinha com o anoitecer pairando em suas costas, com o trabalho triplicado por uma ousadia que ela sabia que deveria ter guardado na boca. A vida oculta do irmão, desde os quinze anos de Maria, é um perigo constante. A menina nunca questionou como surgiu a gravidez da mãe, nunca questionou quem era o pai, nunca sequer cogitou perguntar a mãe, pois aprendeu que ela não era digna de

respostas, quanto mais de fazer perguntas.

Cada família das estirpes baixas só poderia ter um filho. Nunca nenhum, nunca mais do que um. Ter mais de um filho gerava na hora — no mínimo —, a punição dada com a perda da cesta básica, restando somente o soldo dos maridos ou da viuvez. Rebeca engravidou e em nenhum momento cogitou tirar o filho. O plano era simples e arriscadíssimo: tê-lo e guardá-lo em casa, escondido dos olhos dos vizinhos, que moravam de forma afastada, pois se tratava de camponeses, cada qual com seu pedaço de terra, todos de mesma extensão. Não seria tão difícil esconder o bebê, visto que as visitas eram poucas, quase nenhuma durante todo o ano. Bastava aguardar os anos passarem até ele ser forte e grande o bastante para ser posto no trabalho, com a desculpa de ser um garoto que perdeu a casa e a família. Até lá, Rebeca teria que pensar como comprovar sua história, mas não achava que seria difícil, pois o que mais importava para o governo era ter mão de obra para as suas fábricas. José, quando crescesse, assim como todos os demais homens das famílias camponesas, iria para as fábricas ser operário. Trabalharia para sustentar sua família. Dependendo do posto, poderia vir para casa todos os dias da semana. Se fosse um posto longe, a visita seria mais espaçada, podendo chegar a uma vez ao mês. Depois só nas férias, onde era concedido, sem remuneração, um mês inteiro de descanso.

O plano da mãe tinha grandes chances de funcionar. A sorte estava lançada.

O problema é que a sorte raramente contempla os mais necessitados dela.

Maria roça o solo, enquanto pensa e a noite chega, juntamente com os insetos que buscam um trecho de carne para sugar. Ela os espanta e capina. Espanta e puxa. Espanta e guarda.

Desde que José nasceu, ela teve que tomar novas funções, as de sua mãe, que então tomava conta do bebê. Aprendeu novas lidas, sofreu pelo cansaço, penou pela dor dos erros. Tudo calada. Tudo agradecendo e bendizendo. O irmãozinho não poderia adoecer. Teria sempre que ter a sopa quente e reforçada. Se adoecesse, o segredo seria descoberto, pois precisariam de curandeiros. Por ele e pelo bem da família, a menina ia ao limite de suas forças na busca pelos legumes estragados ou feios, os que sempre eram recusados pelos postos, para dar de comer ao menino, tornando-se mais forte, ágil. Porém, igualmente exaurida e solitária.

Agora que a mãe voltava ao labor da roça, aos poucos, o menino

entendia que seu lugar era sempre dentro de casa. As punições com ele funcionavam tanto quanto com Maria. Um garotinho risonho, mas servil. Sozinho, mas a mãe não o deixava esmorecer na tristeza, armando, sempre que podia, pequenos planos, brincadeiras, aventuras para o pequeno usufruir em casa. Maria contribuía com contação de histórias, escondida da mãe, que iluminavam os olhos do irmãozinho. Plantando a semente do amor ao mundo literário no coração do pequeno.

Ali poderia ser o início de uma revolução.

Ao finalizar o trabalho com todo o esmero que poderia, para agradar sua mãezinha, Rosa recolhe o cesto com os legumes e as ferramentas, carregando nos braços que foram duramente fortificados. Suada, cansada, mesmo com a ajuda da mãe, que esteve presente em boa parte do labor daquele dia. Adentrando no singelo casebre de tijolos cor de lama, ela aloca o cesto de vime por sobre a pia, sob o olhar criterioso de Rebeca, que não perde um único movimento da filha. José janta a sopa recém-preparada e recebe um beijo nos cabelos pretos, lisos e grossos como linha de costura. Maria desce no porão para largar os instrumentos do arado e olha para o local onde sabe que repousam os livros. Ela está proibida de lê-los hoje. Isso lhe é pior do que os castigos físicos. Ela quer vê-los, mas ainda não, não agora com a mãe aguardando que ela lave os legumes e depois os guarde para só então poder jantar. Mas mais tarde, quando a casa estivesse mergulhada no breu do sono, Maria quebraria a regra, mais uma vez, sem se importar. É mais forte do que ela. Como um vício. Ler e escrever sob a luz do luar vindo da pequena janela no porão. Ela não precisava dormir tanto.

Não quando havia um mundo todo esperando por ela embaixo da escada, por detrás dos tijolos do porão, dentro dos livros proibidos.



Antes

— Hoje nós começaremos a estudar sobre este livro aqui. — Ergueu, mostrando a capa verde escura, no centro com uma paisagem de prados em tons dourados a se perder de vista. Um exemplar precioso de capa dura.

— Nova América: A história da República. — Maria Rosa leu em voz alta com muita desenvoltura. Com sete anos, ela já conseguia ler melhor do que muitos adultos de estirpes superiores. Rebeca não imaginara que sua filha pudesse captar os ensinamentos tão depressa. Surpreendera-se a cada aula, a cada retorno, a cada exercício concluído com rapidez e acerto. Um perigo que emergia e que ela deveria conter assim que pudesse, mas, primeiro, ensinaria, assim como um dia fora ensinada. Devia isso à filha, ao menos isso, já que de outras coisas não se fazia rica.

— Sobre o que eu falei de ler aos gritos?! — reprimiu.

— Desculpe. — pediu e baixou a fronte, olhando para seus pés calçados em botinhas de couro marrom desgastado.

— Tem que aprender a ser silenciosa como os ratos. Não queremos que nos descubram. Os ratos também não querem ser descobertos. Pois assim que os descobrem, eles são mortos. Quer ser morta como uma ratazana, Maria?

— Não, mamãe.

— Então mantenha sua goela controlada!

— Vou manter. — Quase sussurrou.

— Pois bem, pegue o livro e abra na página doze. — ordenou, entregando o objeto querido nas mãos já postas da menina.

— Tem mais coisas escritas aqui. Posso ler essas depois, mamãe? — Se referiu às informações contidas nas páginas anteriores: nomes, datas, locais, prefácio, sumário...

— Não. Começou se comportando muito mal hoje. Só faça o que eu mandar, que já será o suficiente. Leia da página doze até a vinte, depois conversaremos sobre a leitura.

— Tá bem, mamãe.

Rosa leu, devorando as palavras, guardando-as todas em suas gavetinhas mentais, com carinho, com esmero. Riquezas incontáveis, cultura. E ela nem sabia ao certo disso tudo, só sabia que era muito bom saber.

Enquanto a filha lia, Rebeca relia as questões que preparou sobre os textos do livro, aguardando a menina acabar as páginas, coisa que não demorou muito.

— Acabei! — exclamou Maria cerca de dez minutos depois.

— Entendeu tudo?

— Mais ou menos. É complicado.

— Nosso país é enorme, tão maior quanto o céu que cobre nossas cabeças no pasto. — Era um exagero, mas precisava ser assim para dar uma noção de tamanho à filha, que agigantou os olhos, vislumbrando tanta terra e mato quanto o tamanho do céu. Era mesmo grande! Quem capinava tudo? Pensou, em sua ingenuidade infantil.

— Uau!

— Antes de ele ser tão grande, era chamado de Continente Americano, dividido em outros países. Quantos? — indagou, já inserindo suas questões no contexto da explicação.

— Trinta e cinco países, mais os territórios.

— Isso mesmo! — Ao acerto, Rosa inflou-se, orgulhosa de si. Rebeca sentia orgulho da filha também, mas o medo acompanhava, sorrateiro, presente, fiel. Maria Rosa: tão esperta. Tão boa demais pra esse mundo! Divagava com tristeza. — Há mais de cem anos houve uma forte epidemia que devastou nosso continente. A doença se espalhou, levando à morte os menos afortunados. — Maria fez uma expressão de pena, entristecida com aquela informação. — Nossos cientistas conseguiram elaborar uma vacina em tempo recorde, que proporcionaria a cura ou bloquearia o acesso da doença em quem se vacinasse. Mas era um procedimento muito caro, apenas pessoas com muito dinheiro poderiam pagar. Os mais ricos não tiveram problemas, os pobres que conseguiram, venderam tudo o que tinham para arcar com o custo. Os miseráveis pereceram, morreram doentes.

Nossos governantes se uniram, reestruturando a sociedade, fechando contratos, firmando acordos, criando, do zero, um novo modelo de país. Tudo

muito bem organizado, pensado somente no bem do seu povo! — tentou soar confiante e verdadeira, patriota. E não falhou. Rosa achou linda a atitude do tal governo. Rebeca suava frio. — O continente americano passou a ser um único país, próspero e maravilhoso, chamado?

— República de Nova América! — respondeu, contendo-se na empolgação para ser silenciosa como um rato.

— Exatamente! Ou somente Nova América. Cada antigo país ou território se tornou um estado, ou seja, uma parte do país e não mais um país individual. Temos um presidente escolhido pelo povo, por voto, e ele mora bem ao norte — Apontou no mapa do livro o local, sob o olhar atento da pequena. —, num estado chamado United State, também conhecido como Distrito Federal. Nós gostamos muito do nosso atual presidente, pois foram seus antecessores que salvaram nosso país do total extermínio e pretendemos que ele permaneça na presidência até surgir algum sucessor designado por ele. Nós não votamos porque, para nós, o voto não é obrigatório, os postos de votação são longe, mas confiamos nos nossos conterrâneos das Classes Superiores, que votam a cada cinco anos, por eles e por nós. Entendeu?

— Sim, mamãe.

— Guarde isso na sua cabecinha: nós moramos em um lindo país, muito bem cuidado pelo presidente e seus governantes. Ame seu país. Nunca reclame. Honre seu presidente. E o mais importante:

— Seja obediente, nunca questione e nunca quebre regras.

Maria repetiria essa frase, todos os dias, várias vezes ao dia. Mas não seria o bastante, não quando ela tinha que bisbilhotar nas primeiras páginas do livro de história, aquelas que sua mãe mandou pular. Não podia dormir sem lê-las, sem sanar aquela curiosidade.

E então, naquele dia, começaria a compor suas próprias histórias, sem saber da proporção que aquele pequeno ato de escrever poderia alcançar.



Gatuna do Breu

Depois de separar as batatas e aipos frágeis da colheita daquele dia, Maria os limpou, secou e guardou nos potes herméticos — presentes que passavam de geração em geração da família Carmelo. Bons potes de vidro com fechamento especial, que protegia os alimentos. Uma relíquia cara, adquirida com muito esforço, décadas infindáveis atrás. Jaziam no grande armário da despensa, quase vazios. Ocupados um ou outro com grãos e o pouco que mãe e filha conseguiam armazenar para então usar nos preparos para o pequeno José. O menino que carregava em si a sina pavorosa por sua existência e a benção laboriosa do futuro.

Tê-lo parecia com o criar de um bicho selvagem: de começo tendo o desagrado de suas peripécias, correndo o risco de ser ferido por ele, para num futuro ser abatido, visando o sustento da prole do seu dono.

Depois de ter finalizado a tarefa, Rosa lava-se com brevidade para jantar. A sopa a aguarda, fumegante na panela que requeenta no fogão à lenha. Serve-se do caldo verde bem temperado, pegando a sobra recusada pelo irmãozinho. Talos de legumes, pontas secas dos vegetais e dois pés de galinha.

Come silenciosa, enquanto observa a mãe remendar uma calça de José. O menino crescia a olhos vistos, num ritmo que Rebeca não estava acostumada, pois Maria Rosa foi uma criança miúda, na adolescência é que cresceu com vigor e feminilidade.

— Maria, veja onde está seu irmão. Está quieto demais. — ordena sem tirar os olhos da agulha que penetra o tecido semelhante ao jeans, indo e vindo.

A garota, que tinha acabado de sentar, levanta-se prontamente,

procurando por vestígios do menininho, seja por seus barulhos ou por suas bagunças. Não o encontra no banheiro, nem no seu quarto, tampouco no quarto da mãe. Restava apenas o porão e a rua. Onde o menino se meteu? Se voltasse sem levar o irmão, Rebeca se zangaria. Só espera encontrá-lo antes dela e também espera que ele não esteja aprontando. Detestava vê-lo sendo punido.

— Maria! — Ouve a mãe chamar. Ela abandona a busca e vai de encontro à voz, ouvindo juntamente, ruídos e resmungos. É José. A mãe o achou.

— Sim, mãe. — diz solícita ao voltar para a cozinha, vendo a mãe com José em sua frente.

— Pode voltar a comer. Achei o ratinho encrenqueiro.

— Tudo bem. — Senta-se, apreensiva. O olhar da mãe para o menino não significava boa coisa. Rebeca leva José pela mão para o quarto e Maria já sabe que a tempestade virá.



Cada qual em seu leito, os irmãos dividiam o quarto, deitados em colchões finos de espuma e palha, com tecido grosso para deixar menos duro. Na escuridão, cortada apenas pela fraca luz da lua, Maria ouve a respiração de José, e a sente batendo em seu rosto. Ela sabe que o menino está acordado, aguardando uma história antes de dormir. Os olhos dele, arregalados, descortinavam o escuro, pidões e impacientes por novas aventuras vindas da imaginação da irmã. A melhor parte do dia, quando ele poderia sonhar com mundos novos além das paredes de sua casa.

— Espera. — Maria balbucia, sem sons olhando para o menino, frente a frente, separados apenas pelo espaço mínimo de centímetros entre os colchões. Ela aguarda o silêncio completo para ter certeza de que a mãe está dormindo. Rebeca havia proibido a filha de narrar histórias para o irmão. Só Rebeca poderia passar ao filho os estudos e conteúdos, nada além disso e ninguém além dela, assim garantiria a educação do filho — completamente uniforme, regrada por sua cautela, para ele viver como se podia dentro de uma sociedade limitadora.

Do exato modo que fez com Maria Rosa.

Assim esperava.

Após alguns minutos de tensão, Rosa entende que já é seguro o bastante

e que a mãe se recolheu no sono. Ajeita-se, apoiando a cabeça sobre a mão esquerda e o braço direito para ficar mais confortável. José sabe que chegou a hora e se empertiga, animado.

— Primeiro quero que me diga o que aprontou hoje. — cochicha.

— Me escondi atrás da cortina pra espiar na janela da mamãe. — responde, em resmungos sussurrados.

— José!

— Mamãe me achou antes de você. Você é lenta.

— Eu estava com fome e cansada. Mas isso não importa! Você não sabe que é proibido olhar na janela?

— Sei Malia. — Mesmo já sabendo pronunciar a letra erre o menino ainda chama a irmã da forma que chamava quando bebê.

— Pois então! Tem que ser obediente. Gosta de surras?

— Não.

— Também não gosto que seja surrado. Comporte-se, por favor!

— Eu vi uma coisa legal. — comenta, como que dividindo um segredo emocionante.

— O que viu?

— Uma estrela bem grande. — O coração da menina se parte ao meio ao ouvir o entusiasmo do irmãozinho que viu uma estrela pela primeira vez. Como ela queria poder abrir as portas e levá-lo campo afora para que ele pudesse ver mais. Ver tudo, tocar e sentir. Ela é abençoada por poder ter essa possibilidade, quanto que seu irmão só pode se contentar com a narrativa proibida de seus contos.

— É? Tem certeza?

— Sim! E eu fiz um pedido.

— Ah José! — recorda-se de uma das historinhas que contou, onde a personagem fazia pedidos a uma estrela e era atendida. — Apanhou mesmo assim. Talvez não valha a pena apanhar por causa de estrelas e pedidos, é uma bobagem.

— Não faz mal. Não é bobagem, Malia.

— Esqueça isso. Não quero mais que faça essas coisas, vai levar surra de vara na próxima.

— Deixa.

— Ai menino!

— Conta história Malia, conta.

— Antes, me prometa que vai dormir quando eu terminar de contar.

— Prometo.

— Está bem então:

“Era uma vez, em um lindo reino mágico, um menino que sonhava com estrelas. Ele morava em uma casa solitária no meio de gramas verdes e vacas leiteiras. O menino queria ser aventureiro, conhecendo o reino mágico canto por canto, parte por parte, para depois subir no maior dos montes e ver as estrelas que pingavam no céu bem de pertinho. Mas ele era pequeno demais para sair sozinho, não podia passar da porta de sua casa, o reino mágico tão bonito só era visto pela janela. Pobre menino! Mas o melhor um dia aconteceu! Uma fada, pequena criatura de asas brilhantes, apareceu em seu quarto e lhe concedeu um desejo. O menino pediu para poder sair e conhecer o reino. A fada concedeu com uma condição: ele deveria retornar antes de o sol se pôr.

— Mas como verei as estrelas? Elas surgem depois do sol, quando o céu anoitece!

A fada disse que esse era o único jeito. O menino aceitou apesar da frustração. No dia seguinte ele saiu pela porta sem ser impedido. Viajou por todos os lugares: matas verdes, céus azuis, cachoeiras e riachos. Ouviu o som dos pássaros, sentiu o cheiro das flores, provou frutas frescas direto das árvores. Ah o menino estava tão alegre! Era o melhor dia da sua vida. Mas o tempo estava passando e o sol dava sinais de que estava se pondo, ele precisava voltar. Antes, ele aproveitou para olhar melhor o sol se pôr, por trás dos vales, seus raios dourados, quentes e longos tocando a campina, as nuvens brancas como algodão e seus cabelos pretos como a noite. O menino ergueu uma mão para sentir o calor do sol, aquecendo-se por inteiro. Ele achou o espetáculo lindíssimo. Estava pronto, poderia ir para casa. Retornou em tempo, a fada o esperava.

—Então menino, gostou do seu dia especial no reino? — Ela perguntou.

— Foi um dia muito especial. Só não pude ver as estrelas. — respondeu o menino cabisbaixo. Agora só quando eu crescer.

— Você viu uma estrela menino tolo.

—Vi?

— Claro! Quando observou o sol se pôr, estava diante da maior estrela do nosso sistema solar, inclusive você a tocou com suas mãos. Você realizou seu sonho menino!

Ele se sentiu tão contente que gritou e pulou, animado por ter sido tão abençoado e assim viveu feliz para sempre.”

— Uau Malia! O sol é uma estrela mesmo?

— Sim, mas esse é um segredo nosso. Está bem?

— Você é uma fada, não é?

— Durma José. — A menina afaga os cabelos do irmão e beija sua testa. Ele sorri sonolento e em poucos instantes pega no sono, completamente feliz.

Assim que ela ouve o irmão rressonar, ergue-se do catre, pé por pé, furtiva como um gato, pelos anos de prática nas técnicas que aprimorou para escapular dos mil olhos e ouvidos da mãe. Rebeca a ensinou a mudez dos ratos. Maria desenvolveu por si só a artimanha e a tenacidade vivaz dos gatos noturnos. Tudo pelos livros. A única ordem que ela não cumpria. E não se arrependia.

Tateia no breu, encontrando a porta do minúsculo cômodo. Camufla-se entre as paredes, serpenteando, astuta e precisa imitando a víbora que de tanto observar, adquiriu a especialidade matreira dos esconderijos escusos.

Abre a portinhola que dá para a escada do porão, submersa em sombra absoluta. Maria dá o primeiro passo, seguido do segundo no degrau, fechando a porta às suas costas. Sente-se como sempre se sentiu: adentrando no mar vetado dos segredos do mundo.

Ela mergulha, sem medo, sem receio, sem pensar em nada. Só em nadar, solitária, entre as águas profundas da magia das letras subversivas.

Já dentro, quando sente que está segura, acende um toco de vela e percorre o espaço que a separa dos tesouros escondidos. Retira os tijolos, puxa um dos livros, trazendo para seu peito e senta-se num dos caixotes previamente posicionado. Solta a vela no encaixe de um barril de feno e folheia, percorrendo o indicador pelas linhas mal clareadas pela luz da chama tímida.

Ela relê um livro antigo, um de romance triste, chamado O Meu Pé de Laranja Lima, preferido de Maria, que se identifica com as decepções da vida dos personagens. Em Zezé, via muito de seu irmão, pobrezinho e sonhador.

Imersa na leitura, é despertada por um ruído diferente vindo do alto, mais especificamente da janelinha. Ela ergue-se, com a vela, abandonando o livro por sobre o caixote e se direciona ao som, para certificar-se de que não é um bicho querendo entrar no porão. Com a vela, ela ilumina aquele trecho o quanto pode e visualiza contornos vagos. Não é um bicho. É alguém.

— Maria... — Seu nome é cochichado.

— Zac? — questiona, duvidosa.

— Sim!

— O que você está fazendo?

— Sobe aqui.

Ela revira os olhos, numa expressão de contrariedade. Solta a vela e escala com habilidade os barris de feno, alcançando o topo e a janela.

— O que pensa que está fazendo? — pergunta, encarando os olhos do amigo.

Zachary, um garoto filho dos vizinhos do rancho leste, o mais próximo de sua casa, um amigo que cresceu ao lado dela, entre uma colheita e uma entrega nos postos de coleta. Da sua idade, o garoto porta olhos esverdeados e pele tostada pelo sol. Os cabelos raspados, indicando que ele não tinha sido capacitado para o trabalho nas fábricas quando se alistou há três anos. Rejeitado por ter os pulmões fracos. Uma vergonha e um desalento para a família que contava com seu trabalho para duplicar o soldo. Todos os rejeitados tinham as cabeças raspadas para serem reconhecidos, numa técnica praticada apenas pelos órgãos do governo que exterminava os fios de forma definitiva. Se fosse encontrado andando por aí, os fiscais saberiam, pela cabeça, que ele era um civil incapacitado.

Dono de bom porte físico do labor reforçado, cuidando de tudo em suas terras praticamente sozinho, para repor a falta que seu pagamento de operário faria e para ajudar a mãe enfermeira, possui músculos firmes nos braços e pernas ágeis. Maria não saberia dizer se ele fazia o tipo bonito, mas para Zac, Maria era a criatura mais bela que seus olhos verdes tocaram.

— Vim te ver. Você não apareceu mais na colina da árvore caída.

— Ando muito ocupada. — sibila entre dentes. Preocupada com a mãe que poderia ouvi-la matraquear.

— Eu sei. Por isso vim te ver.

— Pra quê, Zac?

— Pra conversar! É a única amiga que tenho.

— Oras, Zac, não posso agora, estou ainda ocupada!

— O que tanto você faz nesse porão?

— Coisas minhas. Como sabia que eu estaria aqui?

— Te procuro todos os dias pra conversar, já vi que adora o porão e que de noite vem pra cá com uma vela.

— Anda me espionando Zachary?

— É o que me resta!

— Você não tem um pátio pra carpir não? Lenhas pra rachar? Ovelhas pra tosquiarmos?

— Enquanto você dorme eu trabalho, para que quando você acorde, eu possa te ver.

— Você é exagerado.

— Na verdade o nome é outro, mas tudo bem.

— Que seja, mas pare com isso. Vai, volta pra sua casa, minha mãe vai acordar se continuarmos com essa tagarelice. E ninguém quer que isso aconteça.

— Promete que vai aparecer na colina amanhã?

— Não prometo nada. Vai Zac.

— Promete que vai aparecer semana que vem então? Promete que aí eu vou embora.

— Semana que vem. E pare de me espionar! — ordena apontando o indicador, mal visto pelo embaçado do vidro estreito. Zac deitado nas pedras da rua, Maria em pé sobre barris, separados por tantas coisas além daquela parede. Uma separação que Zac queria diminuir.

Cada qual quebrava regras à sua maneira. Maria pelos livros, Zac por Maria.



Antes

Mais um dia de trabalho findou.

Maria Rosa aguardava impaciente pela mãe que estava terminando algum serviço. Estudar era a melhor parte dos dias, tudo se tornava maravilhoso assim que a pequena Rosa abria seu caderno e os livros. Toda a dor passava, todo o cansaço sumia. A menina contava então com nove anos e seu aprendizado se demonstrava cada vez mais aprimorado e avançado para sua idade.

Ela esperava, sacudindo as pernas cruzadas na altura do tornozelo, sentada no topo de um dos barris. Ansiosa, contava os passos que a mãe dava para lá e para cá na casa. Os passos que soavam cada vez mais perto da porta do porão. Ela já identificava esses sons, uma prática que desenvolvera com os anos, era sempre bom se manter pronta, antecipando-se à rigorosa mãe, que exigia dela o máximo de disciplina.

Enfim a porta se abriu e Rebeca adentrou, fechando a porta em seguida às suas costas. Rosa deu um pulo do barril, aguardando a mãe em pé, reta e firme, como a mãe gostava.

— Sente-se, vamos começar as lições de hoje. — Maria Rosa obedeceu prontamente, sentando-se no velho caixote. — A lição de hoje é muito importante então você vai ter que prestar muita atenção. Está bem?

— Sim, mamãe.

— Hoje conheceremos a sociedade em que vivemos e suas divisões. Certo? Tudo que aprenderemos está contido nesse livro aqui. — Mostrou o exemplar, Rosa leu mentalmente: A nova era da América: sociedade e seus conceitos básicos. — Leia as páginas dez e onze. Não se demore. — disse, entregando o livro. A menina fez o mandado, completando a leitura em um

minuto e meio.

— Terminei mamãe.

— Certo. Feche o livro. — Maria fechou e ela prosseguiu. — Aí fala que nossa sociedade é dividida em três grupos principais. Designadas estirpes. Quais são?

— Governo, Estirpe Superior e Estirpe Baixa.

— Muito bem. A estirpe do Governo é dividida entre os políticos, é uma estirpe que nós não temos muito sobre o que discutir. Você só precisa saber que deve apenas cumprir com todos os desígnios deles, seja o Presidente, seja o Governador, sejam os fiscais, ou chefes. Entendido?

— Sim, mamãe.

— Muito bem. A estirpe superior é dividida em três partes. Quais?

— Alta, Média e Disciplinar.

— Isso! — Maria Rosa adorava ouvir que estava certa. Os desafios a enchiam de ânimo. — Na alta, temos os donos das fábricas que produzem tudo em grande escala. São nas fábricas que nossos homens, os camponeses que logo falaremos, trabalham. E isso é importantíssimo! Os de estirpe média são os donos das lojas grandes das metrópoles, que revendem o que as fábricas produzem. Também é composta por funcionários capacitados dentro dessa mesma classe. Os Disciplinares são os que escolheram profissões baseadas nos estudos superiores. São médicos, dentistas, seguranças, militares, veterinários, engenheiros e assim por diante, no próximo capítulo vai estar melhor especificado. A estirpe superior é rica e eles se abastecem do nosso empenho. Somos importantes por isso. Eles enriqueceram porque se esforçaram muito, por mérito. Então merecem estar onde estão. Entendido?

— Sim, mamãe. — A menina amava aprender essas coisas, sua mente viajava imaginando todo esse mundo com pessoas de classes diferentes e suas profissões. Quantas coisas lindas para serem descobertas! Ela não via a hora!

— A estirpe baixa é dividida em duas partes. Quais são?

— Camponeses e Comerciantes.

— Sim. Os camponeses somos nós. Na estirpe dos camponeses, os homens são empregados nas fábricas e lojas das metrópoles e centros, enquanto as mulheres cuidam da lavoura e dos animais, dependendo da especialidade de cada família. Nós somos uma família que trabalha com o campo, entregamos legumes e verduras, principalmente abóbora, alho-poró e agrião. Levamos duas vezes ao mês, até o posto de coleta no centro dos comércios, nossa colheita, para ser recolhida pelos fiscais responsáveis por

isso, que levarão em seus caminhões até os grandes mercados, onde a estirpe superior faz suas compras. Ao realizar essa tarefa, ganhamos gentilmente uma cesta básica por mês com grãos novos e embalados, especiarias, leite, ovos, partes menos nobres de frango, óleo, farinhas em geral e produtos de higiene como sabão em barra e líquido para o banho. Dos maridos que trabalham nas fábricas, ganhamos um pagamento que devemos usar para investir no trabalho, comprando ferramentas, mandando arrumar coisas estragadas, comprando sementes e etc. Podemos juntar uma parte do dinheiro que recebemos para tentar subir de estirpe, virarmos comerciantes, a escalada é permitida, só depende de nós. Entendeu?

— Entendi, mamãe.

— Os comerciantes revendem em seus mercadinhos o que passamos para eles, que são os legumes recusados, feios, machucados, fora de safra. Artesanatos em geral, peças de segunda mão. Eles também fazem troca. É uma estirpe que precisa usar de inteligência para negociar. São muito fechados, só empregam pessoas da família, muito dificilmente abrem exceções.

— Um dia a gente pode ser comerciante? É isso?

— Pode sim, mas é muito complicado conseguir subir de estirpe, demanda muito sacrifício. Mas temos que ser gratos, porque o Governo, logo após a grande epidemia ter sido controlada, nos cedeu gentilmente nossos ranchos, todos em tamanhos iguais, para que pudéssemos trabalhar em paz. Não há moradores de rua como há muitas décadas existiu. Os governantes escolheram priorizar moradia, saúde e alimento, tirando os investimentos da educação, mas por uma boa causa, já que aquele vírus terrível arrasou tudo, o foco mudou e foi bom assim. Hoje todos têm uma casa e um trabalho. Vivemos numa sociedade que se ajuda mutuamente e é feliz. Ser camponês é uma tarefa muito bonita e honrada. Nunca se esqueça disso, Rosa. Somos únicos.



Perdas

Mais uma manhã está prestes a nascer e, antes do sol esticar seus raios por sobre os montes e prados, Maria Rosa já despertou. Nem precisa de estímulos externos para isso, seu relógio natural funciona com perfeição, adaptado à rotina de Maria, que tinha apenas alguns minutos antes da mãe acordar para praticar sua escrita. Escrever é proibido para ela, sempre foi. Uma bobagem, uma perda de tempo que não servia de nada para quem trabalhava com terra e mato. Porém, a garota nunca conseguiu se ver sem o ato de escrever, estava ligado a ela, assim como ler e respirar. Intrínseco e vital.

Há algumas noites temeu ser descoberta quando Zac apareceu na janela do porão. Se não tivesse prometido que o veria em uma semana, ele teria ficado e posto tudo a perder, pois certamente a mãe escutaria os ruídos da conversa secreta. Agora ela tenta ser ainda mais cautelosa, não quer levantar suspeitas, parece que sua mãe tem radares sônicos que captam qualquer vestígio de Maria, pressentem que a filha está prestes a aprontar, a errar, a falhar. O olhar de Rebeca entrega tudo e esse olhar andava mais afiado ultimamente, penetrando a pele de Maria sempre que podia. A desconfiança ali, pairando, sutilmente.

A garota rasteja até a parede da janela, desviando do irmãozinho que dorme a sono solto, e ergue uma tira fina de madeira do assoalho, revelando um caderno muito já usado e um naco pequeno de carvão. Após pegar seu amado kit, retorna para o catre, abrindo o caderno em busca de uma folha com algum espaço ainda não usado. Está ficando difícil encontrar, o caderninho é antigo e, mesmo muito poupado, pouco espaço ainda resta. Maria não queria pensar no que faria quando ele acabasse, mas ela daria um

jeito.

Quando encontra alguns pares de linha vazios, anima-se e busca a poesia que há pouco estava fervilhando em sua cabeça, ocupando seus sonhos.

“Gosto de me lembrar dos dias nublados e dos ventos que embalavam...

O restante não é escrito.

O caderno foi roubado de suas mãos e agora é folheado pelas mãos nervosas da mãe, que não sabe o que sentir diante daquela nova descoberta.

Como Maria foi tão desatenta que não ouviu a mãe chegar?

— Eu não acredito nisso, Maria! De novo?! — esbraveja, inconformada enquanto sacode o caderno.

— Mãe, eu sinto muito! Sinto muito! — diz, erguendo-se, apavorada.

— Sente muito?! Você sente muito?! Pelo quê?!

— Por isso. Por escrever! Eu não consigo ficar sem, por favor, mamãe!

— Quantas vezes tenho que explicar que isso é uma enorme inutilidade que deixa as pessoas frouxas? Hein?! Já é a quarta vez que te pego com folhas escondidas! Onde arruma isso? — referia-se às folhas.

— São da época das aulas que a senhora dava. Eu guardei as cadernetas e folhas.

— Ainda são os mesmos? Depois de todos esses anos? Você não andou roubando, não é?

— Não mamãe, eu juro! São os mesmos.

— Tem mais algum escondido?

— Esse é o último, mamãe. — responde, sentindo que está perto de perder seu precioso material, a voz com o medo velado, os olhos muito abertos, grudados nas mãos da mãe.

— Espero mesmo que seja. Essa desordem acaba aqui. Vou levar mais esse comigo e queimar. Chega! — informa, resoluta, dando as costas.

— Mãe! Não! Por favor, não leve, não queime! Por favor, mamãe! — chama desesperada. Rebeca vira.

— Não erga o tom para mim! Sabe muito bem que minhas ordens devem ser respeitadas. Você me desonrou, descumpriu uma das regras diante dos meus olhos, quase esfregando no meu nariz. Como espera que eu reaja? — Dá as costas mais uma vez.

— Não! Mamãe! Espera! Eu imploro! Faço qualquer coisa! Não leve meu último caderno. — roga, jogando-se de joelhos diante da mãe, as lágrimas rolando soltas pela face.

— Esse é o comportamento que eu espero de você, — diz mais calma, o

tom de voz baixo vendo a filha prostrada no chão. — esse fervor e essa complacência. Exatamente como líamos nos ensinamentos da bíblia. Assim que você deve ser, sempre. Prestativa, dócil, servil. Essa é a nossa função na sociedade, minha filha. — Maria olha para a mãe, os olhos molhados, o coração partido, ainda com um resquício de esperança. — Isso aqui — aponta a caderneta. — não.

Dizendo isso, se vai, fechando a porta ao sair.

Maria cobre o rosto com as mãos, sentindo que uma parte de seu ser se rompeu. Todos os textos, poesias e versos perdidos para sempre.

Teria que começar do zero, forçar as gavetas mentais a colaborarem, recuperando cada trecho que primeiro foi composto pela alma e depois posto no papel. Daria muito trabalho, mas o que mais restava?

O irmãozinho, já desperto pelos barulhos, cuida a irmã de longe, sem se pronunciar. Maria não quer que ele a veja triste, chorando, ela sabe que é responsável por parte da alegria de viver do menino, se ela se abatesse o que restaria ao pobrezinho? Ela enxuga os vestígios das lágrimas com as palmas e coloca um sorriso luminoso no rosto, para transparecer que tudo está bem. Levanta-se e vai até ele, sentando à sua frente, com as pernas em posição de lótus.

— Pronto para mais um dia?

— Você tá triste?

— Não, não. Já passou. — Sorri para mostrar que falava sério.

— Não fica triste, Mãe, você escreve de novo.

— Ei, não pensa nessas coisas! Isso é uma bobagem minha e mamãe está certa. Não ocupe sua cabecinha se preocupando com isso. Tá bem?

— Quando eu for grande vou trabalhar e comprar pra você escrever.

— Não diga isso, nem sonhando, molequinho bobo! — repreende com carinho. — Quando você crescer vai trabalhar para comprar comida para casa. Coisas úteis. Escrever é bobagem de gente tola. Aprenda isso! Nunca mais repita essa sandice, entendeu? Mamãe fica zangada e com razão.

— Está bem.

— Eu não estou mais triste, mas vou ficar se você não se animar e me der um abraço bem apertado.

José pula na irmã, abraçando-a com toda a força e carinho que pode. Rosa ri da empolgação do irmão e o enche de cócegas.

— Pronto, agora vamos levantar que temos muito serviço! Estamos atrasados!

Os irmãos saem do quarto para mais um dia de tarefas no lar após o desjejum. Maria do lado de fora, na horta, aduba a terra e remove pragas, enquanto José, em casa, aprende com a mãe a cortar lenha.

No final da manhã, Maria já está concluindo a terceira tarefa, que é colocar as abóboras, colhidas no dia anterior, nos caixotes postos por sobre uma espécie de carroça, puxada pela força de suas mãos. A família Carmelo não possuía animais e nem condições de comprá-los, sobrando para a primogênita o encargo. Depois de tudo encaixotado e disposto na carroça, vai para frente da mesma, de costas, pegando em cada um dos braços de madeira, erguendo na altura de sua cintura e puxa para começar a locomover.

Rebeca aparece, vinda dos fundos, com a barra do avental molhado por estar lavando roupas.

— Pegou seu digital? — refere-se ao aparelho de identificação.

— Peguei. — Tateia o bolso da calça para comprovar. — Estou indo mãe.

— Cuide-se e não perca sua atenção.

— Pode deixar. — Maria baixa a cabeça e Rebeca beija sua testa, em despedida. O ressentimento de Maria do começo da manhã totalmente esquecido.

— Vai com Deus.

— Amém.

Maria agradece a prece e retorna a puxar a carrocinha. Rebeca acompanha o andar da filha, que carrega cinco vezes mais que seu peso com o auxílio das duas rodas que um dia pertenceram a uma moto. Um achado muito útil de Rebeca, em uma das idas ao centro dos comércios, pelas quais fez a troca por dez quilos de batata.

Depois de percorrer aproximadamente duzentos metros, Rosa olha para trás, Rebeca já voltou aos seus afazeres, mas não é por Rebeca que Rosa procura, e, sim, seu irmãozinho, arteiro, pendurado na janela do quarto deles, acenando freneticamente. A menina balança a cabeça contendo um riso e acena de volta, para depois gesticular mandando que ele saia dali.

Na estrada, Maria Rosa caminha de forma compassada, acostumada com o trajeto de cinco quilômetros que percorre duas vezes ao mês desde que atingiu os quinze anos. Ao final desse percurso, há uma parada por onde passa um ônibus de enormes proporções, para levar os camponeses e seus produtos até o centro dos comércios. Nele, viajam todos por cerca de duas horas, a lentidão devido às pausas para que mais camponeses subam. Estar

dentro desse ônibus, de começo foi uma experiência assustadora, com o tempo tornou-se banal. Acostumou-se aos sons de cabras e conversa e aos cheiros de porcos, flores e suor. Tudo junto, misturado. Uma feira inteira presa sobre oito rodas.

Nessa vez, Maria Rosa surpreende-se. Ainda no primeiro quilômetro, um caminhãozinho a alcança e o motorista controla a velocidade para se manter ao lado da moça. Rosa acha estranho e olha para o lado, encontrando um rosto já muito conhecido.

— Zac? — Ela pergunta duvidosa cobrindo os olhos com uma mão para afastar o sol.

— Oi Rosa. Quer carona?

— Onde arrumou esse caminhão?

— É da nossa vizinha. Estão nos visitando hoje, peguei emprestado. Vem, sobe. Eu te ajudo. — Ele desliga o motor e desce, encontrando a amiga com sua rapidez característica.

— Mas hoje não é o dia de vocês levarem nada. Por que está aqui? — Ela enfim pausa a caminhada.

— Porque é seu dia e eu quero ajudar. Vamos, não seja teimosa, está fazendo um calor de lascar.

— Essa vizinha sabe que está com isso? Ela não vai querer nada em troca? Sabe que não temos nada para trocar pela gasolina, Zac! Minha mãe me mataria se soubesse que andei fazendo negócios.

— Não é uma troca, eu juro! — Ele diz cruzando os indicadores e beijando, para reiterar a jura. Maria Rosa analisa a proposta, olha para os ainda quatro quilômetros e meio que a esperam e decide aceitar.

— Está bem. Vou aceitar dessa vez.

— Ótimo! Sobe que eu carrego o caminhão com suas coisas.

— Vou ajudar, não posso perder nenhuma abóbora, sou responsável por elas.

Ambos alocam os caixotes na caçamba do pequeno caminhão, em seguida, juntos, levantam a carroça, colocando-a também. Após, sobem para a boleia, fechando as portas de metal quase que juntos.

Zac dirige muito concentrado, gostando de estar fazendo algo por Maria Rosa. Gostava de se mostrar pronto e solícito para ela, queria provar que a recusa nas fábricas era apenas por uma questão boba dos pulmões, no demais ele estava pronto e preparado, um bom partido. Mas, como Rosa o aceitaria se ele não poderia trabalhar? Quem sustentaria a casa? Ele pensava nisso dia

e noite, mirabolando possibilidades e planos.

— Bem melhor assim, não? — pergunta, olhando de relance para a menina.

— Te agradeço.

— Eu trouxe água, está aqui atrás, quer?

— Agora não. — Ele assente e já emenda outro assunto:

— A colheita foi boa nessa quinzena?

— Foi boa. Conseguimos bastante, acho que ultrapassamos o peso mínimo.

— É? Fico feliz por vocês! Semana que vem é minha vez de levar leite e os ovos, estamos animados, acho que também passaremos da cota.

— Mas o que mais rende pra vocês é a lã, não é?

— Ah é sim, mas essa é uma vez por ano, então...

— Lã é preciosa. Vale bem.

— Estou fazendo uma poupança. — revela temeroso sem desviar os olhos da estrada terrosa. Ao redor, mato seco e árvores quebrando o clima de deserto.

— Pra subir de estirpe ? — Rosa olha-o curiosa com aquela chance. Nunca viu nenhum camponês trocando de estirpe .

— Também. E para outra coisa, ainda mais importante.

— O que pode ser mais importante para você do que subir de estirpe ? Sempre disse que queria ser comerciante já que não pode ir para as fábricas.

— Espero poder te contar logo. — responde nervoso, apertando o volante com mais força do que de costume.

— Quanto mistério.

— Você trocaria de estirpe se tivesse uma poupança?

— Não. Eu faria outra coisa, ainda mais importante.

— Sua vez de ser misteriosa! Posso saber que coisa é essa?

— Não.

— Tem a ver com suas idas ao porão, não tem?

— Nunca sequer cogite em abrir sua boca sobre minhas idas ao porão e sobre o que quer que você ache que eu faça lá! Entendeu? Não era pra você se meter nisso! — Maria empertiga-se exaltada, voltando seu tronco todo para o lado esquerdo, o lado em que Zac dirigia.

— Não se preocupe! Eu não conto pra ninguém, pode confiar em mim.

— Zac, é sério, por favor, não espie mais e não conte pra ninguém. Nem mesmo sua mãe, muito menos para a minha. — Ela quase implora.

— Seu segredo está a salvo comigo. Por que não confia em mim?

— Eu só confio em quem minha mãe diz pra confiar. Sou uma boa moça, obediente e temente.

— Sei que é. Te admiro por isso e por sua fé. E te juro por Deus Pai Todo Poderoso que nunca vou contar nada pra ninguém.

— Obrigada. — Rosa relaxa um pouco, voltando seu tronco para a posição normal, sentada olhando para frente.

— Estou guardando dinheiro para poder subir de classe e ter condições de te pedir em casamento, Rosa. — Ele confessa, sem aviso prévio. Rosa leva alguns segundos para compreender o que tinha acabado de ouvir. Ele tinha mesmo proposto casamento? — Sei que não sou o melhor partido para te desposar, por causa de, você sabe, minha recusa — Ele aponta a cabeça raspada, olhando rapidamente para Rosa, que estava com o olhar fixo no horizonte, perplexa. —, mas sou muito empenhado e posso fazer muito por você. Por nosso lar. Se sua mãe me der sua mão e se você aceitar o pedido, claro. Eu estou nervoso em revelar isso, desculpe, mas só queria que você visse que tenho as melhores intenções e que pode confiar em mim.

— Zac, eu não quero me casar. — responde sem sentir, como que anestesiada.



Antes

Naquele dia Rosa completava dez anos. Rebeca, quando Maria Rosa nascera, sequer cogitou que esse feito aconteceria. Que esse dia chegaria, que as duas conseguiriam chegar tão longe.

A filhinha viera ao mundo em condições precárias; Rebeca parira completamente só, sem recursos, sem apoio, sem estrutura, em um ambiente hostil e perigoso. Dera a luz aos dezenove anos, bastante jovem, porém bastante forte o que ajudou para que sua gestação fosse completada de forma razoavelmente segura, levando em consideração o fato que ela só descobrira a gravidez no auge das 25 semanas.

Rosa nascera muito pequena e sua saúde no mais alto grau de fragilidade. Não parecia que sobreviveria por mais que algumas horas, ali, sendo amparada pela mãezinha zelosa e preocupada. Mas as horas foram passando e o amor materno sendo o melhor remédio para fortalecer aquele minúsculo ser que lutava por sua vida.

Rosa crescera, vivendo, um dia de cada vez. Rebeca dera a ela um lar e jurara por tudo o que fosse mais sagrado que faria o que tivesse ao seu alcance para que Rosa vivesse. Seria sua maior protetora. O amor que sentia por ela era o maior que tudo o que ela pensara amar. Nada se comparava. Por Maria Rosa, Rebeca mataria. Por Maria Rosa, Rebeca morreria. Se assim fosse preciso.

Recordava desses momentos tão tristes e doloridos com lágrimas empoçando os olhos castanhos. Sua Rosa chegara aos dez anos e se tornara tão linda e inteligente, um retrato do pai que a menina não conhecera. Não dera tempo, Levi fora morto. Olhar para Rosa era vê-lo. Ambos com os mesmos olhos sonhadores, o mesmo sorriso gentil, as mesmas sardas, os

mesmos gestos e manias. Não fosse Levi ter o tom de pele escuro como uma noite sem estrelas, Rosa, cuja pele negra era mais clara, seria sua cópia. Levi teria ficado tão feliz se pudesse ter participado disso tudo, seria um pai tão bom!

Mas o tempo de lamentar passara. O que importava era que Maria Rosa estava bem e ficaria tudo bem, bastava Rebeca ficar atenta, vigilante e firme. O demais se ajustaria com o tempo.

— Você quer seu presente de aniversário, Rosa? — Rebeca perguntou enquanto olhava, pensativa, para a filha que fazia a lição de literatura daquela noite.

— Quero muito, mamãe. — Os olhinhos brilharam, acesos com a menção ao presente.

— Pois bem, vou buscar. Termine sua lição que eu já volto.

— Sim, mamãe. — Nem conseguia esconder a animação que sentia. O que será que mamãe teria feito para ela?

Rebeca subiu as escadas, indo até o andar da casa e pegou uma caixinha de madeira, que ela mesma esculpira, e, do forno, retirou um bolo de milho fresco que assara durante a madrugada, tudo para preparar a surpresa da filha.

Desceu para o porão novamente e posicionou o bolo por sobre o caixote-mesa, roubando a atenção da pequena que se concentrava nas últimas linhas do questionário que fazia. Ela sorriu imaginando em sua boca o sabor doce do bolo só pelo cheiro que vinha dele até seu nariz.

— Feliz aniversário meu amor!

— É para mim, mamãe?

— Sim Rosa, todo seu! E não é só isso...

— Não?

— Aqui está! Um presentinho especial — disse entregando a caixinha de madeira.

Rosa pegou, curiosa e abriu sob o olhar ansioso da mãe. Dentro, Maria Rosa encontrou duas tiras finas de seda branca e dois bons pedaços de couro. A menina adorou a textura da seda, já se vendo com as mesmas em seus cabelos, como laços bonitos, iguais aos das filhas dos comerciantes e das moças que apareciam nas novelas nas raras vezes quando sua mãe permitia que ligasse a televisão. Os pedaços de couro, Rosa imaginou um par novo de sapatos, os dela estavam muito gastos. Teria que fazê-los, mas isso não seria um problema.

— São lindos mamãe! Muito obrigada!

— Vamos nos divertir confeccionando sapatos novos! O que acha? —
No fundo, Rebeca queria poder ter comprado sapatos prontos, fitas de cabelo, laços coloridos, vestidos rendados, mas o sacrifício já tinha sido imenso ao conseguir trocar três das abóboras mais rechonchudas daquela safra. Talvez fizessem falta no final do mês, quando fossem entregar a colheita daquela quinzena, talvez a cesta básica viesse mais mirrada no mês seguinte, mas tinha valido a pena pelo sorriso da pequena com aquele presente tão pobre. Rebeca percebeu que estava no bom caminho na educação da filha.

— Mal posso esperar para ter meus sapatos novos! E de couro! —
ressaltou olhando para os chinelos de pano que precisavam ser remendados com urgência.

— Sim, o couro é o que temos de mais firme e resistente. Cuidando bem, vai durar anos! Uma vida toda!

— Esse é um aniversário muito bom, mamãe. Quero fazer dez anos todos os dias!

— É que esse número é mesmo especial! E como você tem se mostrado uma menina muito obediente e boazinha, mais tarde vou deixar que leia quantos livros quiser!

— Jura, mamãe?! — questionou mal cabendo em si.

— Juro!

— É verdade mesmo que os livros estão sumindo do mundo? —
arriscou uma pergunta, aproveitando o bom humor da mãe.

— Estão, mas isso não é um assunto para você se preocupar. Temos os nossos livros e eles um dia serão seus para seguir cuidando, como uma guardiã. São raridades, Rosa e só as boas mãos podem cuidá-los. Você acha que um dia estará pronta para isso?

— Serei a melhor guardiã do mundo mamãe. Pode confiar!

Rebeca via Levi em Rosa, nos olhos, no sorriso. Mas, a alma impetuosa era igual a sua, o gênio de Rosa era todo o seu. E ela sabia o que acontecia com pessoas de alma rebelde...

Mas se preocuparia com isso no dia seguinte, não naquele, não quando estavam em festa.



O chão

— Você não quer se casar comigo porque sou um rejeitado? — Sua voz transparece a angústia.— Porque eu posso trabalhar, estou dando um duro danado para economizar e mudar de estirpe, ser comerciante, ser dono de uma lojinha. Posso fazer muita coisa, Rosa, eu posso!

— Não é isso, Zac. Eu não me importo com sua condição, com o fato de terem te negado o emprego nas fábricas. Isso não é nenhum problema pra mim. — responde sincera, ainda receosa com a aquela situação que ela nunca imaginaria acontecer. Um pedido de casamento! De Zac! Quando que as coisas ficaram estranhas assim?

— Então é porque sou feio com essa cabeça careca?

— Zac! De onde tira essas bobagens?

— Quero te entender Rosa, quero saber se existe algo que eu possa fazer, mudar.

— Não há nada de errado com você. Nada mesmo! Você é um ótimo rapaz.

— E então?

— Eu não quero casar com ninguém. Quero ficar com minha família. Ajudar minha mãe e proteger meu ir...— Dá-se conta em tempo e pausa. Quase entregou a existência do irmão. Quase pôs tudo a perder. — Proteger minha casa! Não posso deixar minha mãe sozinha. — remenda apressada. Por sorte, parece que Zac não percebeu nada.

— Mas é assim que a vida é, Rosa! Para nós funciona assim. Deixamos nossos pais para criarmos nossa própria família. — diz enquanto faz uma curva, mudando a marcha. O trajeto entra numa estrada de terra revolta e o caminhão chacoalha, fazendo Rosa se alarmar com as abóboras na caçamba,

temendo perder alguma pelo caminho.

— Sei disso. Mas essa é uma escolha que fiz por saber que minha mãe não tem um marido para esperar, não tem companhia na casa, não tem mais ninguém além de mim. — responde assim que se certifica que está tudo bem com a carga.

— Não pensa em ter sua própria família? Ter seu filho para seguir seus passos? Manter o sobrenome? — Ela nunca tinha parado para pensar sobre isso. Filho? Será que queria?

— Não sei se quero ser mãe. Talvez eu não leve jeito. Só sei cuidar das plantas e da terra. — E dos livros. Pensa, guardando para si aquele segredo que ela tanto ama cultivar.

— Será que um dia você mudará de ideia?

— Não sei, Zac. Eu só consigo pensar em um dia de cada vez. Foi assim que minha mãe ensinou.

— Quero que saiba que se um dia mudar de ideia, eu estarei aqui. Está bem? Se algum dia quiser compor família, ter seu filho. Eu tenho certeza de que serei um bom marido e um bom pai.

— Sei que será! Espero que consiga um bom casamento, com uma esposa que te ame e que te dê um lindo filhinho. Você merece.

— Não vamos pensar nisso agora. Eu não vou mais tocar nesse assunto. Mas quero que se lembre de que eu gosto de você e que poderei esperar pelo seu tempo.

— Zac! Eu n...

— Só diga que vai se lembrar disso um dia. O demais não tem importância.

— Você é um garoto teimoso. — Ela diz de uma forma zangada, porém sem realmente estar.

— Olha quem fala! — Ele ri, ela acompanha com um sorriso contido.

Após alguns quilômetros vencidos, os amigos chegam ao centro dos comércios. Um vilarejo repleto de tendas, barracas, pequenas lojas de alvenaria simplória, barulhos, cores e cheiros.

O vai e vem das pessoas, carregando suas colheitas, animais e produtos; os comerciantes alegres, cada qual tentando atrair clientes com ofertas irrecusáveis de venda e troca; os fiscais da segurança de olho em cada um que passava; os coletores posicionados em tendas móveis aguardando os camponeses cadastrados trazerem o fruto suado dos trabalhos daquela quinzena. Conversas, gritos, ruídos dos bichos, odores característicos, cores

vibrantes das malhas ofertadas, das vestes diferentes dos comerciantes. Aquilo para Rosa é estupendo. Um mar de gente e de coisas diferentes para apreciar. Quase como respirar um ar novo, mesmo aquele ar sendo malcheiroso. Isso não importa para ela. Talvez um dia tenha sido confuso estar ali, hoje não. Hoje é maravilhoso! Sua mente ganha novas memórias e imagens para elaborar novos textos, um banquete para a escritora das sombras.

Ela contém um riso, satisfeita ao passear seus olhos pelas novidades das tendinhas, cada qual mais recheada do que a outra com diversos tipos de artesanatos, comidas, utensílios, adereços, tecidos, metais, aparelhos móveis digitais antigos. Esses últimos os mais caros da feira. Todas as pessoas de Nova América têm um digital móvel que carrega as informações pessoais. Uma espécie de celular (Esses que só os de estirpe superior possuem) com a mesma função dos documentos principais, só que digitalizados, facilitando as buscas por dados de cada cidadão. O primeiro digital é dado no nascimento, sem custos. Em caso de perda ou de dano ao digital móvel, o cidadão deve readquirir o seu, dessa vez comprando ou negociando, e transpor os dados de um para o outro, solicitando em seguida a visita do fiscal dessa área para confirmar a troca. Rebeca e Rosa cuidavam dos seus com toda a atenção que podiam, não teriam como comprar um novo caso viessem a estragar. Usavam apenas quando saíam para o dia da entrega das colheitas. Se esquecessem, não teriam como entregar os produtos, pois os coletores analisam os digitais para anotar no sistema as famílias contribuintes de cada período estabelecido.

Muitos negociam nas barracas desses aparelhos, tentando boas ofertas, mas Rosa não está interessada naquelas coisas metálicas modernas, ela só tem olhos para a prateleira de alimentos. Queijos, pães, bolos, fatias grossas de presunto defumado. Chega a salivar imaginando um sanduíche recheado e quente. Sua mãe ficaria imensamente feliz e seu irmão dormiria sereno com a barriguinha cheia pela sustança do pão.

Ela volta à realidade, ao ouvir seu nome sendo chamado por Zac, lembrando-se do seu propósito ali: entregar as abóboras, alhos-poró e os agriões. Faz a volta no caminhão, encontrando o garoto a sua espera, para descarregar a caçamba. Depois de tudo estar posicionado na carroça, Rosa puxa a mesma, não aceitando a oferta de ajuda de Zac. Ela guia a carroça até o posto de coleta de sempre, sinalizado com uma placa contendo pinturas de legumes e verduras. No caminho, ambos ouvem cochichos e zombarias sobre

a cabeça raspada de Zachary. O garoto, acostumado com aquilo, parece não se importar muito, entretanto, Maria Rosa sente-se muito mal com aquela situação.

Ao chegarem à tenda do posto de coleta, sem dizer uma única palavra, a menina deposita as sacas com muito cuidado na balança, vendo que tinham conseguido o peso mínimo e com uma leve sobra.

— Posso ver seu digital garota? — Rosa está tão submersa no sentimento aflitivo que a acomete por causa dos olhares e maus tratos ao seu bom amigo, que não ouve o pedido do coletor. — Ei, garota, você é surda ou burra demais? Pedi seu digital! — repete com grosseria, gerando mais olhares, risos e cochichos zombeteiros.

— Está aqui. — Enfim responde, pegando do bolso da calça cinzenta e entregando ao homem mal-encarado. Ele confere os dados, repassa para seu digital de controle, dando baixa.

— Família Carmelo. Certo. — diz, devolvendo o aparelho para Rosa. — É melhor você ficar mais atenta numa próxima vez, nem todos têm a mesma paciência que eu. Ok? E um conselho — Aproxima-se como que para contar um segredo. Maria Rosa não gosta do gesto, mas fica firme, recordando dos ensinamentos de sua mãe de nunca questionar ou desobedecer — não fique andando com esse rapaz. É um fraco. Vai manchar o nome da sua família.

Rosa apenas anui brevemente, para não parecer desrespeitosa e sai, levando sua carrocinha. Ela não sabe se Zac ouviu aquilo, torce para que não, isso o deixaria tão triste, tanto quanto ela já estava.

— Eu não ligo para o que dizem, já estou acostumado. — Zac menciona, andando lado a lado com Rosa, por entre as barraquinhas e feirantes.

— Ah Zac! Por que fazem isso? Por que te tratam assim? Que culpa você tem de ter um problema de saúde?

— São as regras do jogo, Rosa. Os mais fortes, mesmo que minimamente, pisam nos mais fracos. É assim que é, assim que a grande roda gira.

— Você pode não se importar, mas eu me importo. Não podem fazer isso com você! Nem com ninguém! — Maria pensa se um dia seu irmão sofresse algo do tipo. E se ele fosse um recusado? Será que ela conseguiria se manter obediente e compassiva?

— Eles são superiores a nós — diz, trazendo a reflexão sobre a ordem hierárquica e o respeito absoluto que deveriam ter por ela. Rosa assente,

aceitando que ele está certo e que eles deveriam se curvar. Nasceram para servir, é uma honra ser a base de um povo inteiro.

— Tem razão. Eu acho que o calor hoje deve ter me deixado confusa.

— Nós viemos do chão. Trabalhamos com o chão, servimos os frutos do chão para todos os outros. Nós somos o chão, Rosa. Feitos para sermos pisados. Feitos para sermos o suporte. É o que somos.

— Glórias ao bondoso Deus e ao bondoso presidente.

— Amém.

A oração é dita, porém pouco sentida naquele momento, Rosa se pune mentalmente por essa rebeldia e tenta esquecer.

Percorrem as tendas, encantando-se com os mimos bonitos confeccionados por artesãos, passam pela tenda dos tecidos e Rosa vê as fitas de seda e os pedaços largos de couro. Relembra do dia que os ganhou como presentes de aniversário, e do que sua mãe disse sobre o couro ser muito resistente. Uma ideia surge em sua mente, será que não é loucura demais? Quanto custariam os pedaços de couro? Ela se achega na banca e olha o enunciado: vinte notas por três pedaços grandes. Ela não tinha esse valor. É um terço do soldo da viuvez da mãe!

— Boa tarde! Troca? — pergunta ao comerciante dos tecidos.

— Claro moça! O que você tem? — O que ela tem? Somente suas vestes e sua carroça, nem mesmo uma abóbora para tentar um escambo.

— Agora nada, mas posso vir outro dia e trocar. Eu planto legumes. Batatas, cenouras, vagem, abóboras...

— Uma saca de abóboras ou dez quilos de batata e troco por dois cortes de couro. Pegar ou largar! — Ela se alarma, como conseguiria aquilo tudo? Abóboras são o de mais precioso da suas terras e a principal produção da família. Batata tinha poucas, juntar dez quilos levaria mais dias do que planejava.

— Uma pele de carneiro, limpa e pronta. Troca? — Zac oferece, fazendo Maria arregalar os olhos.

— Sem dúvidas meu rapaz! Esse sim sabe negociar! — comenta o homem, como que menosprezando a pobreza de Maria Rosa.

— Zac, o que está fazendo? — Ela cochicha enquanto ele passa por ela, indo até o caminhão. Ele não pausa. Busca a pele felpuda que jazia guardada em um baú na boleia. A seguir entrega para o comerciante, sob o olhar atento de Rosa, que não compreende a atitude do rapaz.

— Aqui está. — Ele diz, entregando os quadrados de couro para Rosa.

— Por que fez isso?

— Você queria muito. Fica como um presente de aniversário. Agora vamos! Já está ficando tarde.

— Zac, espera! — Ela apressa os passos para alcançá-lo. — Era a sua pele, parte da produção da sua família!

— Consigo mais dessas no começo do ano. Não faz mal.

— Mas...

— Você é uma garota teimosa. Venha, vamos.

A menina não sabe como responder ao gesto. Fica pensativa, parada no lugar, olhando para o couro novo que tinha em mãos. É despertada do torpor quando ouve um som na televisão da tenda dos eletrônicos. Um anúncio chamativo brilha na tela colorida, livros e letras pulam entre as imagens. Ela se aproxima para ouvir melhor e quase perde os sentidos quando assimila que é uma propaganda de um concurso de escrita que aconteceria a partir do dia seguinte na capital. Rosas da Alma, dizia o apresentador muito animado, a essência poética de cada ser escritor!

Livros, letras, papel, lápis. Tudo novo, tudo ao seu dispor, tudo livre para tocar e ler e escrever. A realização do seu sonho e de suas preces mais sinceras bem ali, diante dos seus olhos. Ela iria. Ela não perderia essa chance por nada! Custe o valor que for, Rosa está pronta e disposta sem nem ao menos cogitar negar.



Antes

— Os estudos acabaram filha. Já passei tudo o que sabia e podia. — respondeu Rebeca dobrando as roupas antes de se recolher após o dia cansativo.

— Acabaram? Para sempre? Não terei mais aulas no porão? Nunca mais?

— São muitas perguntas Maria. O que eu te falei sobre perguntar?

— Desculpe mamãe. Mas...

— Mas nada! Acabou! Você já é uma mocinha, filha, está na hora de começar a pegar mais pesado no trabalho, se esforçar mais para aprender tudo o que eu sei sobre o campo, a terra, as épocas e tudo mais. O estudo é bom por um tempo, mas no nosso ramo não serve pra basicamente nada. E você anda muito desatenta por causa das lições e da sua ansiedade pelas aulas diárias.

— Prometo que vou me dedicar mais no trabalho, mamãe, mas não termine os estudos. Por favor!

— Maria, escuta: acabou de verdade. Não tenho mais lições, tudo o que sei te passei nesses sete anos em que te dou as aulas. Essa fonte secou. Tudo o que sei você sabe também. Desde o básico das letras até os conceitos históricos da nossa sociedade. Está tudo com você.

— Então me deixe apenas reler tudo. Refazer as lições. Tem muitas que já esqueci... — mentiu. A mãe balança a cabeça diante da afirmação da filha. Ela realmente era ferrenha em seus objetivos. Rebeca queria sorrir por aquilo, via-se em Rosa. E por essa razão é que o sorriso deveria ser podado. Ela não poderia se sentir orgulhosa por ter uma filha com seu temperamento. Não nessas circunstâncias. Não nesse mundo.

— Se tem uma coisa que essa sua cabecinha não faz é esquecer. Boa tentativa Maria Rosa, mas agora já chega. Vá arrumar seu leito para dormir, amanhã começamos cedo, antes mesmo de o sol nascer. — Deu o assunto por encerrado enquanto empilhava as peças dobradas recém-recolhidas do varal. Porém Rosa não deixou o quarto da mãe. Ficou ali, olhando para ela, do outro lado da cama. Rebeca ignorou a presença da filha o quanto pôde, até se irritar com a menina ali, como um fantasma. Bufou! — Maria! O que está fazendo aqui ainda?!

— Mamãe...

— Que foi?!

— Eu descobri que gosto muito de escrever. Gosto de verdade. E acho que o que eu escrevo, as historinhas, ficam mesmo boas. A senhora não gostaria de ler algumas? — disse encabulada. Sua mãe conhecia bons autores, ela era somente uma menininha, lógico que seus textos não seriam excelentes como dos livros do porão, mas queria tanto que a mãe lesse e se orgulhasse dela por isso. Então arriscou.

— Você pode achar que gosta de escrever, mas o que eu te digo é que você é nova demais pra achar que sabe alguma coisa. Ainda mais escrever que é uma tremenda bobagem, perda de tempo. Não vou ler absolutamente nada e vou te dizer só dessa vez: não quero ver você escrevendo, não quero que escreva e não quero que mencione isso novamente. O estudo acabou. As lições acabaram. Escrever não é mais útil para nós. Eu proíbo você! Ouviu bem? Proíbo! Coisa de gente tola e sem nada na cabeça! Burrice. Nós plantamos e colhemos e só. Pegue os seus escritos e me entregue tudo, vou jogar tudo fora. Anda!

As palavras cortaram o jovem coração de Rosa. Todo o seu empenho em criar versinhos bonitos declarando seu amor pela mãe totalmente descartado. Taxado de burrice, de tolice. Doeu tanto na menina que seus olhos se encheram de lágrimas. A mágoa escorrendo pelas bochechas. Os lábios tremendo na tentativa de conter o pranto que se achegava.

Maria Rosa baixou a cabeça demonstrando sua obediência e saiu do quarto para cumprir o pedido da mãe. Rebeca sentou-se na cama, pesarosa, triste, chateada, frustrada, com o peito doendo. Massacrada pela rudez que teve que impor. Mas era para o bem da filha, era por amor. Teria que ser assim. Não havia outro jeito, por mais sofrimento que causasse, era o melhor a se fazer.



Mil pedaços

No caminho de volta, Rosa não consegue pensar em outra coisa a não ser naquela propaganda da televisão. Zac segue conversando com a amiga, sendo respondido apenas com monossílabos ou sons de aquiescência.

Ela não foca por mais que segundos no que ele diz, pois seu pensamento retorna para as informações que viu sobre o concurso. Um concurso que envolvia livros! Seu maior sonho bem diante de si! Ela precisa saber mais sobre isso. Precisa rever o comercial e descobrir mais detalhes. Mais! Muito mais!

Sua cabeça não poderia ter imaginado tudo aquilo. Ela viu os livros, viu letras douradas, viu folhas de papel. Ouviu que estava para começar o maior concurso de escrita de Nova América, que estavam esperando pelos escritores, que eles seriam bem-vindos e reconhecidos em seus talentos. O apresentador também falou de um prêmio grande para o primeiro colocado: um digital contendo cem mil notas e mais uma casa na capital. A grande possibilidade de subir de estirpe se o vencedor fosse de estirpe baixa. Poderia dar esse prêmio para sua mãe. Rebeca teria que aceitar que ela fosse! Tudo o que Rosa mais pedia em suas orações estava mais perto de acontecer do que ela sequer um dia cogitou ser possível.

Não tinha a menor possibilidade de dizer não para aquela chance.

Perto de chegarem, Zac estaciona o caminhão.

— Prefere que eu te deixe no portão? Não sei se não te causaria problemas com sua mãe. — A garota leva instantes para perceber que Zac tinha feito uma pergunta.

— Ah! Aqui está bom. Agradeço, Zac. — responde prestes a descer.

— Ei, Rosa, o que houve?

— Nada. — soa evasiva.

— Foi por causa do couro? — Ela então recorda dos quadrados de couro que carrega em suas mãos suadas, apoiados em suas pernas.

— Eu fiquei constrangida com essa situação. Não achei justo. Aquela pele era um item caro para sua família.

— Ah, vou te falar que nem era um pelego tão bonito assim. Tinha falhas e manchas cinzentas. Não valeria tanto. Foi uma troca justa para ambos. Deixa isso. Aceite de coração. Um presente meu por seu aniversário e amizade.

— Não tenho como retribuir...

— Só seja minha amiga. — diz sincero. Pausa e vê que Rosa está insegura, ele suspira e completa: — Não quero que as coisas mudem entre nós pelo que aconteceu mais cedo. Por eu ter dito que queria me casar com você. Nada mudou está bem? Depois que nos despedirmos hoje, esqueceremos por completo que isso aconteceu. Não tocaremos mais nesse assunto. Está bem? — pergunta cauteloso olhando para ela.

— Tudo bem.

— Só quero que se lembre disso no futuro, se vier a pensar em casar. Que ao menos cogite na possibilidade de me pôr na lista de pretendentes. Nos demais dias, tudo será exatamente igual ao que sempre foi.

— Não quero que fique esperando por mim. Vai perder a chance de ter sua família? Vai viver solteiro apenas porque eu não quero casar?

— Minha mãe é uma mulher doente. Os pulmões dela também são fracos. Ela tosse muito e tem dias que mal consegue se erguer do leito. Conseguimos consultar com o curandeiro, passou ervas e chás, fizemos infusões e orações, melhora um pouco, mas não totalmente. Eu cuido dela, do rancho e dos nossos bichos. Sem mim, ela já teria definhado, junto com nossas criações. Não tenho pressa de casar, não vai ser ruim ser solteiro. Vou cuidar da minha mãe. Um dia meu pai vai aposentar e ajudar a cuidar da casa e dela. Enquanto isso, eu faço. E é exatamente por isso que entendo sua decisão de não querer casar, você quer ajudar sua mãe e eu também quero fazer o mesmo.

— Acho que foi uma providência Divina você não ter sido aceito nas fábricas. Quem cuidaria da sua mãe?

— E foi providência. Então não me importo com as zombarias, estou fazendo o que Deus quer que eu faça.

— Honrar pai e mãe. — menciona a passagem bíblica.

— Isso.

— É um bom homem Zachary. — Ele não responde, apenas aquiesce, olhando para a paisagem através da janela. — Te agradeço pela carona e companhia hoje. E pelos presentes.

— Você pode me contar o que pretende fazer com o couro? — Retorna a olhá-la.

— Não. — responde simplesmente, arrancando sorrisos do garoto.

— Maria Rosa e seus segredos! Tudo bem! Gosto de você por isso também.

— Tchau Zac, até breve! — Despede-se com um sorriso franco.

— Até breve, Rosa.

Ela desce do caminhão, pegando sua carrocinha vazia sem muita dificuldade. Guarda os pedaços de couro por dentro da calça, para que a mãe não veja. Acena mais uma vez para Zac, que liga o motor e parte, erguendo um pouco da terra seca e poeirenta.

Rosa retorna para seu rancho, não levando muito para chegar. Teria que contar sobre a carona para a mãe e não saberia como ela reagiria a isso. Mas o que mais a deixa agitada é a parte que contaria sobre o concurso. Rebeca não seria tão protetora a ponto de sequer analisar essa ideia. Seria? O prêmio é maravilhoso! Mudar de casa, de vida, ter segurança e um futuro melhor, com comida e médicos de verdade, sem precisar esconder José. O irmãozinho poderia conhecer a rua e as coisas livremente. A mãe teria que aceitar que uma oportunidade dessas não poderia ser desperdiçada.

Com esperança de que tudo estava prestes a mudar, envolvida numa aura positiva, ela chega à casa, deixando a carroça protegida abaixo do telhado da pequena varanda.

— Já em casa? — Rebeca pergunta preocupada, vindo apressada da cozinha, encontrando a filha no meio do caminho.

— Estou bem. Consegui uma carona com Zac. — Rebeca respira mais aliviada por notar que Rosa estava inteira. Temeu que a menina tivesse sofrido algo no caminho, uma queda, um desmaio, ou... Não queria nem pensar naquilo, seu pior pesadelo.

— Mudou o dia deles nas entregas?

— Não. Ele apenas foi gentil. Não se preocupe mãe, eu não aceitaria se tivesse que pagar. — completa em seguida para não dar motivos para a mãe questioná-la.

— Tem certeza? Temos que desconfiar de tudo, filha, poucas coisas

caem do céu.

— Só chuva e cocô de passarinho. Não é? — Ela esboça um sorriso mínimo ao dizer a frase que ouvia constantemente da mãe. Rebeca quase sorri. Quase. Mas acha engraçado, expressando do seu jeito taciturno particular.

— É exatamente isso. Se vierem cobrar, você que dê jeito de pagar. — fala retornando para os afazeres domésticos que pausou. Espanando o pó aqui e ali.

— Não se preocupe.

— E entregou tudo direito?

— Sim. Conseguimos com sobra essa quinzena! — responde, indo atrás da mãe, tentando soar o mais positiva para ir preparando o terreno.

— Muito bem. Agora vamos focar na próxima, estamos mais lentas, tenho quase certeza. — comenta enquanto enxuga uma xícara de barro com um pano que um dia foi uma camiseta.

— Mãe — começa cautelosa, sabendo que chegou a hora de contar. — eu vi uma coisa na feira. Algo novo e maravilhoso.

— Não temos dinheiro para comprar nada. Você sabe. Não temos nem para trocar. — alerta, pegando outra xícara para secar.

— Eu sei. É uma coisa que nunca vimos antes. Não é de comprar.

— Pelo amor de Deus, Maria Rosa! O que foi? Está me deixando preocupada! — Rebeca já sente que algo não está certo. Pressente o perigo. Desde que a menina chegou ela sabe que alguma coisa não está normal.

— Vi um comercial, mãe.

— Ai Deus! Seja o que for que tenha visto, esqueça! O que já te falei sobre essas idiotices que passam na televisão? Não é para ver sem estar comigo! — esbraveja nervosa. Aflita. Com muito medo.

— Mãe, escuta, é diferente!

— Não, não é diferente! — quase grita.

— Falava de livros mãe. Um concurso! — exclama agitada, a mãe tem que ouvir.

— Ai meu Deus! — Sente perder os sentidos, procurando uma cadeira para sentar. Seu horror ali prestes a se tornar realidade. Aquilo pelo qual ela tanto lutou para esconder.

— Com um prêmio incrível para o vencedor. Cem mil notas e uma casa na capital com tudo pago. Subir de estirpe, mãe! Ser superior! Ter José livre para ir e vir. Eu posso vencer, mamãe, a senhora sabe que sim! — diz muito

empolgada olhando para a mãe que buscava o ar e a força que haviam sumido.

— Fale baixo Rosa! — consegue enfim exprimir, num cochicho sôfrego.
— Fale baixo!

— Mamãe. — Rosa se abaixa, ajoelhando-se para ficar na altura da mãe que estava sentada. — Vai me deixar ir, não vai?

— Escute bem o que vou te falar. Porque só vou falar uma vez! — diz com dificuldade. — Nunca mais fale de nada parecido com isso!

— Mamãe! — interrompe, querendo chorar.

— Não me interrompa menina abusada!

— Mas...

— Nunca mais mencione isso! Nem pense! Nem queira pensar! Esqueça o que viu! Você não vai a lugar nenhum. Sua vida é aqui. E é aqui comigo que você vai ficar! Pra sempre!

— Você não percebe mamãe?! A oportunidade que está pondo fora?! A chance de melhorarmos a vida?! Por que não quer que a gente melhore?! Por que me privar da única coisa que mais me faz feliz no mundo? Você não me ama mãe! — Lança as palavras sentindo o coração cheio de raiva como nunca sentiu em seus vinte anos. Rebeca tomada por dor, mas conseguindo se manter consciente e firme na sua função de educar, ergue a mão, desferindo uma bofetada sonora na face da filha, deixando a marca de sua palma estampada na pele de Rosa.

— Você não pode me questionar! Vá para seu quarto e só saia de lá quando eu mandar!

Maria Rosa, muito ferida, mais no sentimento do que no rosto, obedece no mesmo instante.

Assim que ela sai, Rebeca se parte em mil pedaços em meio ao pranto.



A noite

Assim que a casa se fez silenciosa, Rosa conta mais uma historinha para o irmão. José dorme contente mais uma vez, com o lindo final feliz daquele conto de fadas narrado por sua irmã.

Rosa suspira ao ouvir o ronco suave do menino, podendo, enfim, pôr suas angústias para fora. Seu pesar. Seu desapontamento. Estava tão certa de que a mãe entenderia dessa vez! O que havia com a mãe que nunca aceitava novidades? Parecia gostar das mesmices e daquela rotina cansativa e, por vezes, monótona!

Mas ela está pronta, quer e precisa fazer algo. Precisa desabafar, pôr os pensamentos alinhados, as palavras que gritavam em seu peito e garganta necessitavam de liberdade. Doía tanto mantê-las presas. Escrever sempre foi a solução e a menina estava sem seu último caderno. Porém isso mudaria naquela noite. Desde que viu os pedaços de couro naquela banca, já tinha um futuro para eles, e seria traçado exatamente agora.

Ergue-se, sorrateira como sempre, abre o pequeno roupeiro e encontra o couro, pega-o e deixa o quarto, rumando até a cozinha. Chegando à mesma, posiciona um banco perto do armário, subindo e encontrando uma caixinha onde a mãe guardava linha e agulha. Escolhe a agulha mais grossa e um carretel de linha qualquer, não consegue precisar a cor, está bastante escuro. Devolve a caixa para o topo do armário e abre a gaveta, pegando uma vela, um fósforo e uma boa faca de cozinha. Desce para o porão, silenciosa como aprendeu a ser durante os anos e habituada à escuridão dos cômodos. Quando sente que está tudo seguro, acende a vela, posicionando-a fixa no barril.

Desloca os tijolos da parede, retirando-os e puxa para si os treze livros escondidos, colocando-os no chão. O que ela está prestes a fazer será um

crime diante das preciosidades que possui em mãos, ela que seria guardiã deles um dia, cometeria uma atrocidade com suas lindas folhas, mas a causa é nobre. Ou isso ou ela enlouqueceria.

Abre o primeiro, cheira as páginas amareladas e grossas, marcadas pelo tempo, e pede desculpas ao livro. Em seguida arranca a folha de guarda com todo o cuidado que pode para não soltar as demais do miolo antigo. Repete o mesmo processo nos outros doze exemplares, conseguindo treze folhas vazias. Já está de bom tamanho.

Pega um dos pedaços de couro e o deita no chão, coloca as folhas no meio, medindo um bom tamanho para cortar. Faz a marcação com um pedaço de carvão — há muitos no porão —, e passa a faca, cortando o mais reto que suas mãos calejadas conseguem. Faz um corte no meio, partindo o pedaço em dois, aparando rebarbas. Ajusta uma das metades por sobre as folhas e separa para depois. Pega linha e agulha e com um pouco de trabalho devido à semiescuridão, consegue acertar o buraco. Retoma as folhas com o couro e começa a costurar com muita firmeza, indo e vindo tantas vezes até achar que estão bem firmes. Corta a sobra da linha com a faca e repete a costura, agora confeccionando uma contracapa para as folhas. Ela testa, abrindo e fechando, comprovando a firmeza da costura. Fica realmente bom e suficientemente maleável. O couro é o que há de mais resistente, sua mãe disse há anos, suas folhas estariam a salvo.

Senta-se com as costas apoiadas na parede e tateia encontrando mais um naco de carvão. Seus dedos não demoram a percorrer as folhas, escrevendo, formando palavras, derramando seu interior, seus medos, temores, decisões, aflições. Sua esperança, receios e seu amor pelos livros e por escrever. Narra fatos, recorda versos já feitos nos outros cadernos, contos, historinhas, fatos. Tudo desaba de sua alma, como que se a portinha do seu porão interno tivesse sido aberta, jorrando o escuro e os segredos afora, sem reprimendas. Escreve sem cessar até o sufoco que a prendia ser totalmente sanado. A letra miúda ajudou a poupar papel, ainda restam folhas livres, decide guardá-las.

Sentindo-se muito mais leve, a mente consegue acertar os pensamentos, eles fluem e a decisão pôde ser tomada com plena consciência. Agora ou nunca. A chance ali em sua frente, chamando por ela, não poderia ser coincidência. Acreditava na Providência pela leitura da bíblia, que a mãe fazia esporadicamente quando ainda liam juntas, há anos, entre uma aula e outra. Até que um dia nem isso mais elas fizeram. Tudo parou.

Só podia ser obra de Deus. E quando Ele faz o chamado, seus filhos

devem obedecer.

Resoluta e mais confortada com essa ideia, que mais era uma desculpa para a decisão que acabara de tomar, Rosa repõe os livros no lugar, fecha o porão e retorna para seu quarto. Pega o outro quadrado de couro, esse o dobro do tamanho do primeiro e monta uma pasta, usando da costura para finalizar ao pregar um botão que retirou de uma de suas calças. Assim que a pasta fica pronta, guarda nela seu novo caderno e o digital. Em uma bolsa grande de palha, ela aloca peças de roupa, poucas para não pesar.

Aproxima-se dos leitos e ajoelha-se, sentando por sobre as pernas dobradas e admira o sono do pequeno José. Seu coração aperta com a despedida. Mas seria por pouco tempo e esse afastamento é também por ele, para que ele tenha uma vida melhor, com liberdade, com direito de ir e vir. Por ele, ela estava indo embora; por ele, ela partiria; por ele, ela faria qualquer coisa. E quer que ele não seja só mais um operário de fábrica que passa horas e dias trancafiado sem poder ver sua família, para poder contribuir com um soldo simplório. José é um sonhador e merece tão mais que isso! Ele merece tudo de mais bonito e colorido. E Rosa está indo atrás disso.

Beija os cabelos do irmãozinho e seca uma lágrima que teimou escorrer. Não choraria. Não quando está fazendo algo pelo bem de todos. E ela voltaria. Não é um adeus. É um até breve!

Levanta-se, pega a sacola com todos os pertences básicos e sai fechando a porta. Não poderia se demorar tanto, do contrário desistiria. Passa em frente ao quarto da mãe e pausa com um suspiro longo. Toca a porta com a palma direita, encosta a testa na madeira e se despede:

— Isso também é por você mamãe. Mesmo que a senhora não consiga ver. É por você. Para que seja feliz e tenha descanso. Eu volto logo. Perdoe-me. Eu te amo. — sussurra.

Vira as costas e se vai, rumando para a cozinha antes que seu coração se parta em mais pedaços.

Chegando lá, enche um cantil com água, pega duas bananas e duas laranjas, pondo-as na sacola, encontra a chave da porta da casa no esconderijo embaixo de um vaso de flor, abre-a e sai, fechando atrás de si e trancando, para em seguida devolver a chave por debaixo da porta.

Rosa olha para a Noite e a Noite olha de volta para Rosa. Ambas se encontrando pela primeira vez, desconhecidas uma para a outra, se encaram olho no olho, buscando um ponto de igualdade de onde partir. Um

reconhecimento. Um início.

A Noite chama Rosa, convida-a para entrar, diz que é bem-vinda. Rosa aceita o convite e lhe entrega sua mão, num acordo mudo. Não é tão tarde, o sol se pôs faz apenas quatro horas, então a Noite se apresenta como uma criança e com crianças é mais fácil fazer amizades.

Rosa já está na estrada, caminhando e se afastando do lar, sem saber exatamente o que fazer. Só pensa no passo seguinte e no seguinte, sem olhar para trás. Sabe que a cinco quilômetros terá a parada dos ônibus, então traça essa meta: chegar até lá. É bom caminhar à noite, o ar é mais fresco, o vento bate de encontro à garota, de forma muito agradável. Ela vence a distância em pouco tempo. Agora o que fazer? Ela pensa. Será que passa algum ônibus por essas horas? Alguém vai até o centro dos comércios depois do sol se pôr? Resolve esperar, sentando-se por alguns minutos. Ir até o centro dos comércios é um bom plano, quando lá chegasse pensaria no próximo passo.

Sentada, balança os pés soltos no ar enquanto come uma laranja, olhando vez ou outra para a sua direita de onde os ônibus costumavam passar. Ela não sabe há quanto tempo está esperando, como também não sabe se já se passou horas desde que deixou sua casa.

Uma luz surge no final da estrada, fazendo Maria saltar do banco. Seria enfim o ônibus? Ela aguarda até o veículo tomar a forma que tanto anseia e confirma, pegando a sacola e se posicionando na beira da estrada. Gesticula para ele parar como de costume. O veículo para e ela sobe, descobrindo que havia sim pessoas que iam ao centro de noite. Quem eram? Ela paga a passagem mostrando seu digital, que é conferido no sistema.

— Maria Rosa Carmelo. Carmelo. Sua família fez a entrega hoje de manhã. O que veio fazer mocinha? — pergunta o cobrador depois de conferir o sobrenome e ver a listagem. Rosa olha ao redor, vendo que tipo de trabalho aquelas pessoas poderiam oferecer para dizer que estava fazendo o mesmo. Aparentemente não são camponeses, sim comerciantes pelo tipo de roupa que vestem, coloridas. Certamente eles estavam indo para o trabalho preparar as bancas para a manhã seguinte.

— Eu quero fazer uma compra. É aniversário da minha mãe e pensei em dar algo para ela de surpresa. — mente, tentando soar confiante.

— Presente é? — O cobrador parece desconfiado.

— Sim. Surpresa. Quero voltar antes do amanhecer.

— E essa sua sacola?

— São coisas que trouxe pra trocar.

— Posso ver? — indaga com os olhos já desbravando o conteúdo sem permissão. A menina abre a sacola e ele vê a pasta de couro, duas bananas, água, uma laranja e quatro peças de roupa dobradas.

— Tem só lixo aí. O que acha que vai conseguir com isso?

— Um sanduíche de queijo com presunto ao menos. Nós nunca temos isso para comer. Minha mãe vai ficar feliz.

— Entra. Mas vou ficar de olho em você. — Ele libera a passagem, Maria respira aliviada.

— Obrigada senhor. Deus te abençoe e lhe conceda bons anos de vida.

— Amém.

Maria Rosa arruma um espaço em pé entre os outros passageiros e tenta relaxar. Está indo bem. Para mais perto do concurso. Para mais perto do futuro.

Sem ter mais passageiros para pegar, logo chegam ao destino. Maria Rosa deixa que os comerciantes tomem o espaço primeiro e se infiltra entre eles para despistar os olhos do cobrador. Puxa da sacola uma das camisetas e enrola na cabeça para camuflar os cabelos vastos que entregariam fácil sua posição. Desce sem ser incomodada, amontoando-se no aglomerado de gente e enfim respira mais uma vez o ar puro da rua. Segue com um grupo, buscando esconderijo; ao longe, vê que o cobrador busca por ela entre as pessoas, Rosa abaixa a cabeça e caminha com passos rápidos, se afastando o máximo que pode.

Quando percebe que conseguiu escapar das vistas de seu olheiro, solta o ar, relaxando a tensão. Senta-se no chão, ao lado de uma pequena loja de alvenaria que permanecia fechada, talvez o turno dos comerciantes que trabalhavam nela fosse mais tarde. Ali é um bom lugar, longe dos holofotes e confortável dentro do possível.

Os feirantes começam a adentrar nas barracas, ajeitando alguns fardos, consertando telhas soltas, pregando placas novas, limpando o lixo acumulado. Ela percebe que alguns puxam colchões e ajeitam abaixo das tendas. Eles vão pernoitar ali. Devem morar longe e trabalhar em turnos com os outros da família. Deve ser bom ter uma família numerosa, com irmãos, tios e tias, primos e primas, avós e avôs. Pessoas para conversar e trocar ideias depois do dia de trabalho. Ser comerciante parecia muito bom. Ficaria feliz se pudesse apenas subir para essa estirpe. Já terá valido a pena aquela fuga se o concurso a presenteasse com uma tendinha no centro dos comércios.

Os olhos de Rosa começam a fechar pelo sono, ela cochila apoiada na sacola, totalmente cansada e escondida naquele canto mais escuro da feira. É despertada com o ronco de motores ao longe, ela abre os olhos, esfregando-os com o dorso das mãos e nota caminhões sendo carregados com produtos das entregas. Couro, ovos, peles de animais, frutas, verduras variadas. E se estavam sendo carregados, então eles iriam até a capital! Rosa levanta vendo que ali estava seu embarque. Esgueira-se pelas sombras e lê a placa de um dos caminhões, sim! Eles iriam para a capital! Ela precisava entrar em um deles!

Sorradeira, rasteja rente ao chão e observa os carregadores levando os produtos para dentro da caçamba, passando caixotes de mão e mão. Faltam poucos. Mais três. Mais dois. E o último. Eles se distraem, devolvendo os caixotes e é o momento certo! Rosa corre levemente agachada e sobe para dentro da caçamba do primeiro caminhão.

Ele é fechado com uma carga extra.

Rosa situa-se na escuridão, se vendo entre vários tipos de alimentos. De relance, encontra as abóboras e sabe que vieram da sua família. Estavam partindo rumo aos mercados para alimentar outras pessoas. Mas não estavam sendo bem cuidadas como ela e a mãe faziam. Eram só coisas largadas de qualquer jeito entre tantas outras coisas. Pela primeira vez não se sente satisfeita de saber que seu trabalho alimentava o povo. Não quando aquele povo não parecia dar a devida importância para o que para sua família valia dias de puro empenho sacrificante.

O tempo passa.

O embalo do veículo pesado indica que o mesmo segue rua afora, ganhando o mundo. Ao menos um mundo novo para a menina que nunca saiu daquele lugarzinho no meio do nada.

Maria dorme completamente exausta. Um sono sem sonhos, mas muito benéfico. Talvez o melhor período de sono que já teve. Não precisava sonhar ali. O sonho seria ao acordar e descobrir que tinha sim chegado à capital e que nada mais seria o mesmo na sua vida a partir daquele dia.



Vestígio de passado

Rosa desperta com o alarido que vem de algum lugar. Demora a entender o que tinha acontecido e onde está. Até que se recorda que fugiu de casa para entrar no concurso. Ela realmente fez isso. Foi corajosa e capaz.

Coça os olhos, procura pelos itens que trouxe consigo, encontrando a sacola de palha ao seu lado, que lhe serviu de travesseiro. Confere se não perdeu nada de seu conteúdo, encontrando os pertences módicos ainda ali.

Quanto tempo dormiu? Não saberia dizer. A única coisa que sabe é que precisa sair dali e logo, pois, pelos sons, os homens estavam prestes a descarregar o caminhão.

O que poderia fazer?

Só tinha uma alternativa: correr!

Abre a sacola, retira uma camiseta e cobre os cabelos. O mesmo truque que fez há algumas horas para se esconder dos olhos do cobrador. Ergue-se, posicionando-se como se fosse participar de uma corrida, com o tronco levemente inclinado para frente.

Aguarda as portas serem abertas, pacientemente. Ela aprendeu, com a vida, a não ter pressa, a esperar pelo exato tempo de cada coisa e se preparar para elas. O tempo de preparar o solo, de plantar, de regar, de colher e de guardar. O tempo de recomeçar.

Ela está pronta, calma e na espera.

O ruído de metal e correntes é o sinal de que está chegando o momento. As portas estão se abrindo, puxadas por mãos masculinas.

Rosa vê tudo com precisão e não é vista por ninguém. Camuflada no escuro. Seu eterno aliado.

Ela só precisa de que abram apenas mais um pouco, o espaço suficiente

para passar, pular e correr.

Só mais um pouco.

Mais um pouco.

Agora!

Maria Rosa corre, passa e pula pelo espaço entre as portas enormes. Como uma sombra. Um vento. Um fantasma. Ela não olha para trás ao ouvir o chamado:

— Ei! Ei! Volta aqui! Ladrão! É um ladrão! Pega! — Ouve os gritos.

Ladrão? Não! Ela não roubou nada! A mercadoria está intacta! Ela quer voltar e dizer, mas não pode. Ela só corre. Socorrendo, naquele instante, a si mesma do perigo.

O sol ainda não nasceu. Graças a Deus! A Providência ao seu lado dessa vez, permitindo que ela tenha como se esconder nas brechas das paredes. Agora ela é como um camaleão. Sua pele no mesmo tom do céu que cai por sua cabeça como sereno. A Noite, sua amiga, abrigando-a em seus braços quentes e estrelados.

Ela poderia amar a Noite para sempre, desde que o Dia não se magoasse e não tachasse aquela escolha como ingratidão, pelos anos em que estiveram lado a lado nas lides. Ela é grata pelo Dia, por doar o dom de fazer tudo crescer e frutificar... Mas seu amor é todo da Noite pelo reconhecimento que sentia ao tocá-la, percebendo que ambas são da mesma cor. Irmãs. Filhas da Lua.

Rosa corre, virando esquinas e esquivando de postes, placas e automóveis estacionados. Chega a uma rua e se vê como que diante de um precipício, freia seus passos em tempo, antes de cair na avenida. Há carros passando em velocidades irracionais e pessoas andando quase que por entre eles, num ir e vir despreocupado. Maria Rosa se sente tonta e aflita. Como que não batem umas nas outras? Não entende como aquele sistema funciona. É quase alucinante!

Luzes coloridas piscam aqui e acolá, vindas de placas enormes ou da ponta dos postes. Seriam os sinais de trânsito? Sons estridentes vêm dos carros, que buzina sem cessar, como que competindo para ver quem conseguia ser o mais barulhento ou o mais insistente. Pessoas caminham; umas riem para outras, entrecortadas por conversas altas e banais, outras sequer olham ao redor, imersas em si mesmas. Que povo mais esquisito é esse da capital? Seus contrterrâneos! Como podem ser tão diferentes?

Seus trajes de cores berrantes e sintéticas fazem Rosa se lembrar de um

livrinho de histórias que tinha ilustrações representando alienígenas. Também se recorda dos tubos de pasta de dente que vinham na cesta básica.

Será que ela viajou no espaço e nem percebeu? Estaria em outro planeta? Ou as pessoas resolveram que tubos de pasta de dente são bonitos o suficiente para se vestir como tal?

Parada ali, perdida entre tantas informações, ela sente um sorriso querendo surgir. Aquele mundo é assustador, mas fascinante!

Ela ri sozinha daquilo tudo. Um riso que nasce do fundo do seu peito e brota em seus lábios feito mágica. Porque parece que ela entrou para um dos livros de sua mãe. Uma vida nova e tão diferente da dela.

É como estar se lendo em uma das histórias. Virado um personagem!

Rosa se abraça instintivamente, aquilo que sente é felicidade? Não sabe dizer ao certo. Só sabe que quer rir e gritar ao mesmo tempo, porém se contém. Não é de bom tom se expressar assim.

Após alguns segundos, mais calma e mais adaptada ela reflete: precisa seguir.

Ela se junta a um grupo de pessoas que estava reunido na calçada e resolve fazer o mesmo que eles para poder passar para o outro lado daquela via. Quando eles começam a caminhar, ela caminha junto, como num cardume. Algumas pessoas reparam nela, olhando de forma torta e desdenhosa. Ela pensa que talvez esteja com mau cheiro ou com uma aparência estranha por causa da camiseta na cabeça. Alguns comentários soam maldosos, mencionando sua aparência suja e de que os fiscais deveriam ser mais rigorosos com mendigos e com a segurança. Ela não é mendiga. Isso nem existe mais! Só veio do campo e da simplicidade, do trabalho que os alimenta. Será que não reconhecem um camponês? Não tiveram aulas? Não estudaram da importância desse trabalho?

Maria decide que ignorar é o melhor que pode fazer agora, não conhece aquelas pessoas, não pode julgar, deve ser indulgente. Foi isso que sua mãe ensinou.

Atravessa a avenida, ganhando a outra calçada e se vê sozinha mais uma vez. Para onde seguir? Dá alguns passos tímidos e resolve perguntar para alguém. Aproxima-se de uma mulher que aguarda sua vez de atravessar. Ela tem cabelos muito amarelos, bem presos e intactos, rentes à cabeça, nenhum fio fora do lugar. Veste roupas brilhantes em tons de rosa e prata e carrega uma bolsa em cores, combinando. Quando vê Rosa se aproximar, a mulher, de aparência exageradamente jovem, puxa a bolsa de encontro ao seu corpo,

como que a protegendo e se afasta. Ela está com medo? De quê? — pensa Rosa.

— Olá, boa noite. — tenta começar um diálogo. A mulher finge não ouvir. — Eu só gostaria de uma informação...

— Não, não. — diz e gesticula como que espantando uma mosca.

Maria Rosa não entende o que há de errado com a mulher. Será que está também perdida? Ela decide que é melhor seguir adiante.

Não muito distante dali, Rosa encontra um *outdoor* chamativo e reluzente como uma televisão, em meio a tantos outros pontos brilhantes e a barulhos desconexos do centro da capital. Ela chega até onde seus olhos conseguem ver com mais facilidade e lê os anúncios. Seu sorriso aumenta ao descobrir que nele se falava justamente do concurso. Estava para começar naquela manhã, com um enorme prêmio e a chance de um futuro brilhante para o vencedor!

A menina primeiramente se encanta com as imagens que quase saltam do *outdoor*, girando e flutuando: livros e palavras douradas. A imagem a seguir mostra barras de ouro e uma casa imensa com um carro na garagem. Depois, pessoas felizes, sorrindo e comemorando algo. Então, fica intrigada com o que vê: câmeras filmando pessoas juntas dentro de uma sala conversando coisas, gargalhando, se beijando na boca e um anúncio pairando por sobre aquela última cena: O Novo Reality Show da Mundo América! Não perca! Rosas da Alma!

Ela não sabe bem o que é um *reality show*, nem sabe por que tinha gente se beijando, talvez comemorando a vitória, o povo da capital deve ter hábitos e formas diferentes de comemorar e se expressar... Ela dá de ombros e continua assistindo os flashes do *outdoor*. O último é o que mais importa: o endereço e o local. O concurso será no prédio principal da Emissora Mundo América. Um edifício imenso, com detalhes em vermelho e no topo uma ponta muito fina como que arranhando o céu.

Maria Rosa anota o endereço em seu caderno improvisado — de folhas de livro e capa de couro e se vai pela estrada. Pelo que entendeu o prédio não era longe e isso se confirma quando o avista no horizonte.

Direciona-se apressada, cada vez mais perto do seu sonho. Nem acredita que está tão perto, que conseguiu chegar tão longe!

Frente a frente, ela encara o edifício e não sabe precisar exatamente o que sente: ansiedade, medo, esperança. Só sabe que ela precisa ir, como que puxada por um ímã. Atraída pela luz.

Ela vai.

Bate na porta de vidro e aguarda, olhando tudo ao seu redor. Será que é só bater e esperar? Precisaria apertar algum daqueles botões do painel ao lado? Botões redondos e com símbolos que Rosa não sabe o que significam.

— Pois não? — A voz faz Rosa estremecer de susto. Ela se vira e encontra um homem alto, de envergadura larga e pele negra, trajando um terno também negro e usando óculos escuros.

— Oi! Eu..., eu vim para o concurso. É aqui? — indaga olhando para o chão como sua mãe ensinou que deveria fazer ao se dirigir a pessoas de estirpes superiores.

— Veio para o concurso? — O homem também questiona, olhando para aquela menina tão frágil e de vestes tão rudes. Ela só poderia ter vindo de um único lugar!

— Sim, senhor. — responde prontamente, ainda com a fronte voltada para baixo.

— É uma camponesa, não é?

— Sou sim senhor. — Ele confirma sua suspeita e se aflige imediatamente, sentindo-se saudoso e angustiado. Não se recordava mais de como era a situação das pessoas que viviam à margem da sociedade. De como um dia ele também pertenceu àquele mundo.

— Posso ver seu digital, por favor? — Rosa vasculha na pasta de couro, encontrando o aparelho e entregando para o superior sem hesitar. — Maria Rosa Carmelo.

— Sim, senhor. Sou eu.

— Pode olhar para mim, Maria Rosa? — A garota ergue o rosto lentamente, temerosa, e retira o pano de seus cabelos. Olha para cima, para o peito do segurança, onde encontra um aparelho muito pequeno com algo escrito: Telmo. Ela presume que seja o nome dele. Depois olha para o rosto de Telmo: imparcial. — Sua família é das abóboras? — pergunta num tom mais baixo, arriscando aquele palpite.

— É sim senhor. — Maria Rosa vê a posição de Telmo mudar, desfazendo a postura rígida.

— Eu mal posso acreditar nisso! Eu conheço sua família! Minha família conhece a sua, moram perto! — confia para não chamar muito a atenção. Ele está animado com aquela memória, é como ver sua mãe outra vez.

— Conhece?

— Sou Abraham Telmo. — Aponta para o crachá digital do peito, mostrando o sobrenome que reluzia em tom verde, demonstrando sua patente intermediária de segurança. Um dia chegaria ao tom vermelho. A cor da patente dos chefes. — Sou filho dos Telmo. Sabe?

— Apicultores.

— Isso! Você lembra! Os conhece! — Ele se empolga por ver que a menina conhecia os seus. Uma parte da vida dele, ressurgindo. Quase pôde sentir o cheiro do mel depois de quinze anos.

— Conheci sim senhor. Não lembro muito, pois era pequena. Eu sinto muito!

— Não os viu mais?

— Dona Marta faleceu faz dez anos senhor. Muito doente. — Abraham não recebe bem a notícia, ficando atordoado. Ele não sabia! — Seu Arcelio faleceu um tempo depois. Não sei a causa. Dizem que foi tristeza. — Os pais mortos e ele nem imaginava. — O senhor está bem?

— Eu..., eu estou sim. Eu só não esperava.

— Sinto muito. — Rosa diz com sinceridade.

Abraham desfaz-se por inteiro — como que se tivesse desmoronado do alto do último andar de si mesmo, sentando na calçada, sem se importar com seu cargo ao menos naquela vez. Maria senta ao lado dele, ressentida pela dor que ele transparece. O grande homem e a pequena menina. Lado a lado. Iguais. Rosa é então um vestígio de passado.

— Saí de casa há anos para trabalhar nas fábricas e fui recrutado numa seletiva para fazer parte do corpo do serviço de segurança. O dinheiro é melhor do que de um operário. Só que havia uma condição: só poderia voltar para casa quando aposentasse. Eu aceitei por pedido dos meus pais. Mando todo o mês o soldo para eles. Não os vejo. Não falo com eles. Mando cartas que nunca são respondidas. Eu os perdi e não sabia. — Cobre o rosto com as mãos. Rosa o acalenta com seu silêncio condolente. — Desculpe por isso, por essa fraqueza. — diz, buscando refazer-se, prestes a se levantar depois dos minutos em que foi ele mesmo, o garoto entregador de mel.

— Não tenho muita coisa para oferecer senhor. Sei que nessas horas nós devemos auxiliar com o que temos, para aliviar a dor. — Ela revira a sacola de palha, pegando do pouco que tinha. — Não sei se vai servir para algo, mas essa laranja — Ela mostra. — é das terras da sua família. Das laranjeiras que os galhos despençam para dentro das nossas terras. É pouco, mas acho que ela é mais sua do que minha.

Rosa entrega a fruta na palma da mão do homem, que olha para ela sem saber como responder àquele presente tão simples, mas tão precioso.



A tela e a tinta

— Ei, moça. Desculpe incomodar. Moça, acorde! — Rosa ouve a voz feminina a chamando ao longe, sente no braço que a tocam. Começa a despertar. Senta-se, encostando as costas na cabeceira da cama de solteiro, os olhos se ajustam à claridade do local e então ela recorda de onde está.

— Oi? — diz sonolenta, focando seu olhar ainda confuso no rosto da menina que a chamava.

— Bom dia! Achei que você dormiria para sempre! — A interlocutora desconhecida responde, sentando-se no espaço vago da cama de Rosa. Ela fala com uma musicalidade diferente na voz. Um sotaque. Rosa conhece esse jeito de falar de algum lugar...

— Quem..., quem é você?

— Lily! — A moça estende a mão, espontânea. Rosa demora alguns segundos para estender a sua mão, confusa com a visitante. — Na verdade meu nome é Yliany, mas prefiro Lily. E você é Maria Rosa.

— Como sabe? — Rosa se empertiga de repente, preocupada com aquela menina. Como ela sabia seu nome? Onde estava sua pasta de couro? Seu digital? Levanta de um salto, assustando Lily, e começa a procurar sua sacola de palha.

— Está na porta. Não viu quando chegou?

— Não. Onde estão minhas coisas? — indaga, após revirar o local sem encontrar nada seu.

— Devem estar naquele armário ali. Quando eu cheguei, encontrei uma bolsa de palha. É sua? — Rosa vai direto ao armário enorme que ocupava a parede inteira daquele lado do quarto. Não há puxadores. Como abrir? — É só tocar nele. — Lily informa. Ao tocar, fazendo como a menina ensinou,

Maria encontra suas coisas, tudo nos conformes. Alivia-se imediatamente.

— Obrigada, mas por que está aqui? Eu estou um pouco confusa, acho que dormi demais.

— Seremos colegas de quarto nessa primeira fase. Não ficou sabendo? Se bem que não me lembro de ter visto você no saguão mais cedo...

— Eu cheguei de madrugada, encontrei o segurança, ele me deixou entrar antes do horário, me guiou pelo edifício e me trouxe para cá. Eu entrei, deitei e não me lembro de mais nada.

— Que sorte! Eu fiquei horas numa fila para poder entrar, depois mais um bom tempo no saguão com os outros candidatos, aguardando a saudação inicial e as informações. Aí vim para cá, encontrei você dormindo e te chamei.

— Não estou acostumada a dormir tanto. — Rosa caminha até a janela, toca-a como fez com o armário, já entendendo como as coisas funcionavam por ali. A janela se abre, revelando uma vista ampla da capital, com prédios gigantescos e prateados, *outdoors* e... Veículos! Sim, um acaba de passar rente à janela, cortando o céu. Maria Rosa dá um passo para trás, se assustando com aquilo. Carros que voam! Vários! Andando de um lado a outro. É apavorante!

Começa a percorrer seus olhos pela paisagem, guardando e mapeando o cenário em sua mente. Tenta visualizar o chão e não o encontra, está em um andar alto demais! Perde-se na distância e recua. Olha para cima, avistando o sol bem no topo, no pico do seu calor. — Já está tarde! Meio-dia! — constata após se recuperar daquelas descobertas.

— Devia estar mesmo cansada. Mas, não se preocupe, não temos nenhum compromisso por enquanto. Somente o almoço, em breve.

Maria Rosa fecha a janela com mais um toque e retorna para sua cama, de colchão mole e travesseiros fofos. Nem em seus sonhos ela se imaginou em tanto conforto. Olha para Lily, sentada na cama do outro lado do quarto bonito. Ela tem cabelos castanhos, muito lisos, escorrendo por seus ombros como água. Aparenta dezessete ou dezoito anos. Seu rosto é redondo e seus olhos, pequenos e gentis. Ela usa óculos arredondados de grau, com uma armação bastante rudimentar, Rosa diria que artesanal. Usa uma saia longa em tom vermelho-terra e uma blusinha sem mangas, mas com uma gola alta, de cor roxa. Nos pés, sandálias de couro com flores coloridas, pintadas à mão.

Maria já viu aqueles trajes, cores. Conhece a vestimenta e os tecidos. E

também a sonoridade da fala...

— Você é comerciante?

— Sou sim. Minha família vende roupas e acessórios. Nós mesmos que fazemos. — diz orgulhosa. — Erandi Tecidos Tingidos. Conhece? — Rosa não conhecia propriamente, mas deveria ter visto em uma das idas ao centro dos comércios. Seu objetivo nas idas nunca era ver os tecidos, só pensava nas comidas e itens semelhantes aos livros.

— Devo conhecer.

— Nós fornecemos tecidos para o grupo dos comerciantes. Praticamente vestimos todos. Nossas peças são boas e famosas. Sempre que você vê um comerciante, você vê Erandi Tecidos Tingidos.

— Que Deus continue abençoando os negócios da sua família!

— Amém!

Maria Rosa imagina o quanto deve ser bom ter esse talento e essa prosperidade. A vida dos comerciantes, de longe, parecia feliz e animada. Só pelas roupas que usavam, com cores e texturas, já se poderia deduzir que eles viviam em alegria. Tão diferente dos camponeses, sisudos e apagados...

Rosa tenta deixar esse pensamento para lá, recordando das lições da mãe. O luxo desvirtua as pessoas, o luxo cega e tira do bom caminho. O riso e as cantorias são sinais de tempo livre e tempo livre é sinal de ociosidade e pecado. Mente vazia pensa em bobagens. Ser camponês é uma dádiva que o bondoso presidente os outorgou para que vivessem na simplicidade e na linha reta, seguindo pelos caminhos de Deus. Sendo tementes. E gratos.

Estaria ela saindo desse caminho? Estaria em pecado? O que a mãe estaria fazendo bem agora? Provavelmente pensando em mil coisas e orando. Sendo resiliente e compassiva àquele sumiço da filha. Nada sai dos planos de Deus. Ele sabe de todas as coisas. Rebeca estaria confiante de que o melhor aconteceu. Com esse pensamento, Rosa consegue se acalmar; se nada escapa dos planos de Deus, ela está no plano, fazendo seu caminho, com a permissão do Senhor.

É um bom modo de pensar. Uma boa distração. Um engodo. Um remendo. Melhor que nada.

Volta ao quarto, depois de vagar por pensamentos variados. Ela está ali, Mundo América, perto dos livros e do seu sonho. Lily também está ali, companheira de quarto. E se Lily está ali, com ela, significa que ela não é apenas uma comerciante!

— Você escreve?! — A pergunta sai alta, esganiçada, meio confusa,

como que jogada logo que Rosa chegou naquela conclusão tão óbvia. Lily acena positivamente, sorri e se aproxima, vencendo a distância entre as duas camas.

— Você também. Não? — questiona com um leve sorriso, como se estivessem dividindo um segredo juvenil de amigas.

— Uhum. — Rosa apenas assente. Será que é seguro revelar isso?

— Por isso estamos aqui, florzita! — Lily dá pulinhos, sentada sobre a cama de Rosa. — Porque somos escritoras! O mesmo motivo dos outros participantes também. Todos escritores! — Lily soa animada, em expectativa.

— Muitos?

— Muitos! — Rosa nem pode imaginar tantos assim. Todos como ela. Seria mesmo possível?

— Onde você vive, deixam que escreva?

— Deixam. Desde que eu mantenha meu trabalho em dia, posso fazer o que quiser nas horas de lazer. Papá me ensinou matemática. Mamá me ensinou a ler e escrever. Na nossa função precisamos conhecer as letras e números, para fazer as somas e medidas e negociar. É importante. E você? Não deixam que escreva?

— Não. Minha mãe diz que não serve pra nada. Mamá é sua mãe?

— É sim, jeito carinhoso de chamar mi madre. Madrecita, ou mamá. Faz parte de nossa cultura. Compreende? — Rosa balança a cabeça em afirmativa. É a primeira vez que ela conversa com uma moça dos comércios por tanto tempo. Percebe o quão diferente esse povo é. O quão diferente ela e Lily são uma da outra. O quanto ainda tinha que aprender. Achava que sabia tudo pelas aulas da sua mãe, mas o que sabe é uma minúscula parte do que ainda havia para se saber, conclui. E isso é ruim, mas também é bom. O desafio a estimula. — É uma camponesa. Não é? — A jovem comerciante pergunta receosa, depois de uns segundos.

— Sou.

— Eu imaginei por suas vestes, mas estava em dúvida, poderia ser seu pijama.

— Reconheceu minha estirpe pelo traje?

— Sim. Camponeses usam esse tecido cinza e grosso. Reconheço esse tecido.

— Não sabia que era tão óbvio assim. — Realmente, parando para pensar, o traje de todos os que trabalham no campo são iguais. Grosseiros e

sem cor. Como um uniforme desbotado. Ela pensava que talvez pudesse ter alguma variação, que houvesse diferenças; as roupas de Zac são mais maleáveis e com botões azuis. Mas, se vistos de longe, os camponeses poderiam realmente formar um conjunto homogêneo e pálido. Invisível.

— Assim como você me reconheceu como dos comércios. Somos reconhecíveis por detalhes que nos condicionam. Como marcas de nascença. Genética.

— Você tem um jeito diferente de falar. Sua voz soa musicada, com o som diferente de algumas letras. Comerciantes falam assim.

— Porque somos um povo de raízes andinas. Do idioma espanhol latino. Sim? — indaga, sondando até onde ia o conhecimento de Rosa naquele assunto. Rosa não conhece sobre o idioma, sua mãe não ensinou isso, disse que aprender outros idiomas era perda de tempo. Porém, agora, ela quer tanto aprender! Será que sua nova amiga ensinaria? — É um idioma antigo, hoje em dia pouco usado, virou quase que um dialeto. Praticamos mais entre nós, como que numa forma de código, ou para nos sentirmos mais próximos uns dos outros. Numa grande família! Comerciantes são bastante ferrenhos e apegados em suas tradições. Queremos manter sempre acesa a chama do nosso passado valoroso. Nossas origens. Nossos antepassados. Tudo isso é precioso para nós. Foi o jeito que encontramos de nos mantermos unidos, mesmo diante de tanto caos.

— Nossa! Isso parece tão bonito! Tão rico e vivo! — Maria se expressa, com os olhos brilhando perante aquele conhecimento novo. Uma cultura nova. Poderia passar horas apenas escutando e anotando aquilo tudo. Exatamente como tingir uma tela em branco. Ela, a tela. Lily, a tinta.

— É mesmo muito bonito. Você deveria conhecer um dia! Se bem que é complicado adentrar nas aldeias. Nos protegemos muito dos de fora. Não é por mal, nem por preconceito, mas se não fizéssemos assim, já teríamos sucumbido. Sumido na poeira. Misturar as culturas acabaria dissolvendo, aos poucos, nossa essência. Compreende isto? Somos protetores de nós mesmos.

— Eu entendo. Sei como devem se sentir. Se eu tivesse família assim, viveria eternamente feliz, sem me importar com o mundo de fora. Nem ia querer que se intrometessem.

— Minha família é antiga, somos originários do antigo Peru. Povo muito antigo, de séculos incontáveis atrás. Percebe o quanto isso é maravilhoso? Grandioso? — Quantas coisas novas para Rosa aprender. Ela se agita inteira, desejosa por novas lições.

— Eu bem que gostaria de saber mais!

— Ah não seja por isso! Posso passar horas falando da história do meu povo. Não nos vai faltar tempo, te garanto.

— Eu quero muito! Se não se importar...

— Você encontrou la chica certa! Que tal à noite, antes de dormir?

— Ótimo! Eu acho ótimo! Você acha ótimo também?

— Claro! — Lily ri. — Mas, e sua família? Eu conheço muito pouco dos camponeses. Só o que vejo quando vão fazer as entregas das colheitas e algumas trocas. Estudei um pouco dos costumes quando tive aulas com Mamá, mas nada muito aprofundado.

— Minha família é minha mãe e eu. Só nos é permitido ter um filho, mais que isso é prejudicial à nação, pois recebemos auxílio do governo com mantimentos e o soldo do trabalho dos homens nas fábricas.

Uma batida na porta rouba a atenção das meninas. Lily volta para sua cama e avisa Rosa para acionar o botão ao lado da cabeceira da cama, indicando que o visitante poderia entrar. A porta abre e uma mulher relativamente jovem, de cabelos ruivos presos em coque impecável, usando uma roupa justa, bem cortada em tecido nobre e social, entra se apresentando:

— Boa tarde garotas. Me chamo Bridget Collins, mas podem, por favor, me chamar de Bree. Sou uma das assistentes de produção do *reality* e responsável por vocês.

— Olá Bree! Como vai?

— Muito bem! Obrigada! Pois então, meninas, alguma dúvida até agora?

— Sem nenhuma dúvida por enquanto, Bree.

— Certo. E você, Maria Rosa?

— Eu — Rosa não sabe como responder. — Eu não sei senhora.

— Sem formalidades comigo minha querida! Eu não vi você no saguão essa manhã. A segurança me informou que você precisou entrar mais cedo, pois estava passando mal, muito cansada da viagem. É verdade?

— É sim senhora.

— Me chame de Bree, somos como amigas. E está se sentindo melhor?

— Estou. Bree. — fala o nome com certa dificuldade.

— Tem alguma pergunta?

— Não sei se devo. — Rebeca, por anos, doutrinou-a para não fazer perguntas. Sente-se como pisando em terreno proibido.

— Claro que deve! Afinal, tudo é bastante novo para todos. Estou aqui

para sanar dúvidas!

— Por que chamam de *reality*? Não é um concurso? — As perguntas que estavam presas desde o dia anterior saltam da boca.

— Filmaremos as competições em tempo real, por isso chamamos de *reality*, mas o programa em si é um concurso de escrita. Para que vejamos as rosas das almas florescendo! A rosa mais bela terá a vitória no concurso. Mas não se preocupem, só será filmado quando estiverem competindo ou no intervalo de uma competição e outra em dias de programa. Nos outros momentos ou dias, não terá transmissão. Vocês não estão sendo filmadas aqui. Tudo muito privativo.

— Parece maravilhoso para mim! Obrigada Bree!

— Disponha, Lily!

— Agradeço, Bree.

— De nada Maria. Serviremos o almoço no refeitório geral dentro de vinte minutos. Pedimos que não se atrasem. Tudo bem?

As meninas anuem, Bree deixa o quarto com um leve sorriso nos lábios.

— Você deve se soltar mais se quiser jogar o jogo deles.

— O quê?

— Ser mais solta e amável. Esse mundo da capital se faz apenas de aparências. Tudo artificial. Você vai ter que fingir se quiser prosseguir sem grandes problemas por aqui.

— Não sei como fazer essas coisas.

— Na verdade você vai ter que ser muito forte e engolir muito desaforo, mas não se preocupe. Eu estou com você e posso te dizer com toda a minha certeza de que se você tem uma descendente de andinos ao seu lado, você estará segura para sempre! De agora em diante, somos irmãs. Somos uma família!



Embalagens

Rosa não sabe bem o que sente, mas gosta de saber que não está sozinha. Que tem alguém ao seu lado, uma amiga. Nunca teve uma presença feminina em sua vida além de sua mãe. Ela pode até não ter certeza, mas no fundo sabe que Lily é especial e tem vontade de guardá-la bem protegida em uma capa de couro, igual fez com as folhas dos livros.

Elas combinam de Lily dar “aulas” para Maria, sobre a cultura do povo comerciante e andino, todas as noites antes de dormir e ambas se animam com isso. Lily por amar falar sobre os seus conterrâneos e suas tradições tão vivas e Maria por amar aprender.

— Temos que descer para o almoço, mas antes eu preciso te explicar e alertar sobre algumas coisas. — diz Lily pensativa, em pé de frente para Rosa, que a olha pacientemente sentada em sua cama.

— Sei mesmo que preciso, devo ter perdido todas as explicações por ter dormido demais.

— Não se preocupe. Eu tenho uma ótima memória e sou uma observadora nata, posso narrar exatamente tudo o que você precisa. Primeiro! — exclama erguendo o dedo indicador, dando um leve susto em Maria Rosa. — Lá embaixo teremos os demais participantes. São muitos: cem inscritos. — Rosa não poderia imaginar tantos escritores! Isso a deixa animada e nervosa ao mesmo tempo. — Todos conseguiram as vagas para essa primeira seletiva e estão hospedados nesse mesmo andar que nós, dois participantes por quarto.

— Será mesmo que estou inscrita? Porque não fiz nada. Apenas entrei.

— Para a inscrição, só bastava chegar dentro do horário. Você chegou antes mesmo de abrirem as portas, está mais do que dentro. Foi a primeira!

— Ah... — Maria solta o ar, aliviada.

— E isso é muito bom! Mostra sua força de vontade, mostra que é proativa. Ponto extra pra você! — Lily parabeniza e bate palmas, satisfeita. Rosa fica constrangida. — Bem..., onde eu parei? Ah, sim! Só que desses cem, apenas doze vão ficar. Ou seja, oitenta e oito darão adeus para a competição e os doze escolhidos serão apresentados no programa, depois dentro de três dias, na estreia.

— Apenas doze... — balbucia para si mesma, num espanto contido.

— Pois é! E esses selecionados vão querer arrancar o fígado uns dos outros. Tem que ficar muito atenta! Mas, eu estarei com você e a gente vai conseguir segurar essa barra juntas.

— Nós não temos muitas chances... São muitos concorrentes. — conclui um tanto triste. Com certeza ela não passaria. É apenas uma sonhadora que aprendeu a escrever por pura teimosia e que achava que sabia algo pelas aulas da mãe. Ledo engano! Sua instrução é muito precária. Seus textos devem ser tão pobres e simplórios quanto ela. Ninguém nunca os leu. A mãe nunca quis. Só podia ser pelo fato de serem fracos! Agora ela seria uma vergonha passada ao vivo diante de todo o país. Deveria ter pensado nisso antes de fugir de casa.

— Ah Rosa, Rosita! Os outros concorrentes é que devem ter medo de não passarem e não nós.

— Não entendo.

— Nós duas somos as únicas de estirpe baixa aqui mi amiga! Só há a mim de comerciante e só há você de camponesa. Os demais são todos superiores. Somos únicas! E, portanto, preciosas para o *showbiz*.

— Somos únicas? Não há mais nenhum de nós? — Rosa espanta-se com aquela notícia e com seu ímpeto ao questionar tanto. Retrai-se imediatamente, tentando voltar à sua posição natural: ombros e fronte baixos. *Somos o chão, Rosa*. Ela recorda da frase dita pelo amigo. — Desculpe...

— Desculpar pelo quê? — Lily interrompe o seu caminhar de um lado a outro no quarto e senta-se ao lado de Rosa. Sua nova amiga precisa muito dela, ela vê o quanto a vida judiou de Maria. Mas nada que uma boa dose de Yliany para sanar tudo. Para fazer ressurgir cor naquele tecido desbotado.

— Por questionar tanto...

— Ei! Pode perguntar tudo para mim, eu amo responder! Já deve ter dado para notar, não é?

— Você não vai se zangar? Pode me dizer, eu vou entender.

— Nem por um mínimo minuto eu vou me zangar. Se existe algo que mais me alegra é dividir as coisas que sei. Eu falo demais, sabe? Mamá sempre me diz isso. Às vezes nem ela tem paciência para ouvir tudo o que tenho pra dizer, muito menos meus irmãos. E eu tenho o que dizer sobre tudo. Então, enquanto estou respirando, estou falando. Nem quando durmo eu paro. Falo dormindo também. — diz e ri, fazendo sua nova amiga esboçar um sorriso tímido.

— Deve ser bom poder falar e perguntar tudo.

— É sim e comigo você tem essa liberdade. Já disse a você que agora somos irmãs. Uma nova família que surgiu do zero. Esqueça seu passado. Página em branco. Livro novo. — Rosa gosta do que ouve. Livro novo. Pode até sentir o cheiro das páginas frescas.

— Obrigada.

— Não há de quê! Quanto a sua pergunta: sim, únicas mesmo. E, por isso, nossa passagem para o programa está garantida. Seremos uma espécie de raridade; bichinhos selvagens, para entreter o povo superior e um talismã para empolgar o nosso povo, que com certeza vai ligar a televisão para nos ver e torcer por nós. A única coisa que precisamos mesmo é saber escrever. E nós sabemos, não é?

— Eu sei escrever, mas acho que não sei realmente. Nunca ninguém leu o que eu escrevo. Minha mãe não gostava. Não permitia.

— Sei que se você viajou tanto e de tão longe para estar aqui é porque você sabe que o que escreve é bom. Do contrário, acreditaria na sua mãe.

— Não estou tão confiante mais. O mundo é tão maior do que eu pensei. Sou realmente um bicho selvagem que vai ser um bom entretenimento para os ricos. Nada mais do que isso.

— Guarde o seu melhor para você e deixe que os outros pensem o que quiserem. Não ligue para nada do que disserem sobre você. Não dê importância. Seja muito forte! Eles — Ela aponta para a porta, indicando os concorrentes lá fora. — vão nos desprezar. Vão querer fazer a gente se sentir mal e inferior. Temos que suportar. Suporte! E mantenha a sua essência intacta. Ainda não li nada do que você escreveu, mas só por ver todo o seu empenho e coragem, eu tenho certeza de que você tem o dom.

— Por que vão nos desprezar?

— Porque somos de estirpe baixa. Somos ralé para eles. Não valem nada.

— Não! Está errado! Minha mãe me ensinou que camponeses são o

povo abençoado por Deus com a missão mais bonita de levar o alimento para a mesa de todos. Que somos a base de toda a nação.

— E é assim que deveria ser. Infelizmente, para os outros, nós não passamos de resto. Por isso nos colocaram juntas aqui e sei que esse deve ser o quarto pior. O quarto dos outros deve ter muito mais do que apenas um armário, uma mini geladeira vazia, um banheiro minúsculo e uma janela. — Para Maria aquele quarto era maravilhoso, haveria coisa ainda melhor?

— Acho que só vivi em ilusão esse tempo todo. Minha mãe mentiu a vida toda para mim.

— Ela só estava te protegendo e te fazendo se sentir especial. Mães fazem isso. Não a culpe, sei que ela fez o melhor que pôde por você. Vem, temos que ir almoçar. — Lily levanta e estende a mão para Maria, convidando-a para irem juntas. Maria pega na mão estendida e também levanta. — Vamos conseguir. E lembre-se: você vai passar na seletiva, os outros lá embaixo é que têm que temer você e não ao contrário. Eles são todos iguais: ricos, artificiais, mesquinhos. Totalmente descartáveis. Sinta-se superior! Você é valiosa! Nós somos!

Maria suspira e acena positivamente, tentando absorver aquelas palavras e tomá-las para si. Ela conhecia de perto o desprezo, viu quando foi com Zac ao centro dos comércios e não gostou nada daquilo. O foco seria ela quando descessem. Ela poderia lidar com isso. Já se acostumou com os desgostos da vida. Seria difícil se pedissem para ela suportar se o alvo fosse seu irmãozinho ou sua mãe, até mesmo Zac. Mas, com ela, estava tudo certo, só bastava seguir como sempre seguiu: rente ao chão, no seu lugar.

Depois de se ajeitarem brevemente, elas saem do quarto e encontram o elevador. Lily aciona o mesmo e elas adentram. Logo ele começa a descer e Maria se distrai olhando ao redor, pela vista panorâmica do elevador. Seu estômago se remexe e ela se dá conta de que está com muita fome. A última coisa que comeu foi uma laranja na noite passada.

O elevador chega ao andar solicitado, as portas abrem e Yliany conduz Maria, indicando a escada para acessarem o refeitório geral. Lá do alto da escada, antes de descer o primeiro degrau, Maria vê que realmente Lily estava certa: são muitos e são todos superiores. De longe aparentando um formigueiro de formigas do tipo albina; andando de um lado a outro carregando algo em mãos, suas cabeças quase todas de cabelos amarelos e suas peles brancas do tipo que não veem o sol há anos, pois do contrário assariam imediatamente.

— Vem! Não se assuste! Eles são estranhos, mas inofensivos. Do tipo que só ladra, mas não morde. Inúteis demais pra isso. — Lily puxa Maria Rosa pela mão, sabendo que a amiga precisaria daquele apoio.

— São muitos mesmo.

— E estão todos basicamente a passeio, sabendo que só dez deles estarão no programa conosco em três dias. Por enquanto apenas conhecendo a emissora e aproveitando um dia de estadia no grande Edifício Mundo América.

— Queria ter sua confiança. — confessa, descendo mais um degrau da longa escadaria.

— É só você olhar para eles como se olha para embalagens plásticas. Bonitas, porém vazias e irrelevantes. Serão jogadas fora mais cedo ou mais tarde.

— Aquela embalagem lá adiante — Maria entra no jogo de palavras da amiga e mostra, apontando com a cabeça de forma sutil, uma moça usando um conjunto de saia e blusinha totalmente rosa, aparentando vinte e quatro anos, cabelos lisos e loiros. — que está olhando para nós, não parece que está tão atemorizada com a possibilidade de ir para o lixo. Eu poderia dizer que, para ela, nós somos duas latas de lixo ambulantes.

— Ah, aquela! É Candy Lollypop Marshall. — Lily acena como se fosse amiga íntima da moça, Candy revira os olhos e volta sua atenção para o aparelho digital que tinha em mãos enquanto outras moças conversavam futilidades a sua volta. — O pai dela é fabricante, dono da maior doceria do país. Ela trabalha com ele, herdeira única. Produzem as balas Lolly. Conhece? — Maria acena negativamente. Nunca tinha ouvido falar. — Ah, melhor assim. São maravilhosas, doces, com recheios que explodem em sabor cítrico na boca, coloridas e perfumadas, em formato de ursinhos, corações, unicórnios, quase colecionáveis se não fossem comestíveis. Mas são altamente viciantes. Eu ganho uma vez ao ano no meu aniversário. — Maria sente ainda mais fome com aquela descrição. — Melhor ficar longe das balas, mas de Candy é bom ficar perto, fazer de conta que gosta dela. Ser boba como ela. Ela tem chance de ser selecionada, então é interessante manter as aparências. Ela tem experiência, é mais velha que nós, acha que sabe tudo, mas é só mais uma mimada, porém não podemos deixar que ela saiba que pensamos isso.

Maria Rosa guarda os conselhos da amiga; mesmo sem saber como usá-los, acha difícil conseguir jogar aquele jogo.

Elas vão até a ilha onde está o *buffet* e servem-se de tudo um pouco. Maria não conhece quase nenhum daqueles pratos, mas os aromas são incríveis. Alguns ela reconhece de ter visto nas feiras como sanduíches e pedaços de presunto defumado, outros viu na televisão, como carnes assadas e tortas. Ela mal pode esperar por comê-los.

Encontram uma mesa vazia e sentam-se lado a lado. Há muitos olhares sobre elas. Yliany ignora todos com maestria, fazendo de conta que está à vontade e de bem com tudo. Rosa sente-se vigiada e procura ser o menos visível possível, para não chamar tanta atenção. O que percebe que é praticamente impossível.

— Você não vai comer? — Lily indaga alguns minutos depois ao ver que Rosa não tinha tocado na comida ainda.

— Eu acho que não vou conseguir.

— Oh minha querida. Por quê? — Lily se apieda e toca no ombro da amiga. — Já sei, por causa da sua mãe.

— Eles não têm isso em casa e eu estou tendo. Não é justo. Não posso comer sabendo que eles não terão o mesmo. — Rosa menciona no plural, pensando no irmãozinho, mesmo sabendo que era errado dar essa ideia de que ela tinha mais um membro na família.

— Eu entendo. Então coma um pouquinho. Só o arroz e o molho. O restante você pode deixar no prato se quiser. Eles descartam.

— Vai fora?

— Vai. Mesmo com tanta gente passando fome, eles têm comida de sobra e jogam fora.

— Isso é tão triste. Não posso deixar que joguem fora.

— Então coma, Rosita. Quando chegar o dia de irmos para casa, vou ajudar você a dar um banquete para sua mãe. Sim?

Rosa come o arroz branco, duas batatas e um pouco do molho do frango assado. Os pedaços de carne ela enrola nos guardanapos e consegue esconder no bolso da calça sem que se apercebam. Não podia deixar que jogassem fora sabendo que sua mãe e José nunca tinham comido aquelas comidas.

Enquanto almoçam, Yliany conta das pessoas que estão ali, ela conhece sobre quase todos, sempre gostou de estar por dentro da vida da sociedade, assistia televisão com a mãe, sabendo de cada pessoa importante do país. E ali no concurso ela via os filhos dos famosos que só conhecia pela TV. Não tinha como não dividir isso com Rosa.

— Ah e aquele lá é Brian O'Connell. — gesticula discretamente,

mostrando o rapaz loiro de dezenove anos sentado duas mesas à frente com um grupo de amigos usando jaquetas de time de futebol americano. — Ele é filho do Comandante de Segurança. É bonitinho, porém desnecessário. Tão fútil quanto uma bala Lolly. — Maria olha para ele com curiosidade. Não conseguia ver nenhum tipo de beleza nele, só conseguia ver uma embalagem descartável, como Lily mencionou quando chegaram ali.

— E aquela lá? Quem é?

— Onde?

— Lá. — Maria Rosa indica a moça que vinha pela escada em trajes cinza escuros. De boa estatura, esbelta, porte firme, andar preciso e olhar despretenso, como que ignorando a todos. Mas o que mais chamou a atenção de Rosa foi a cabeça da moça: raspada, com um corte que deixou apenas os pontos pretos dos fios. Igual a cabeça de Zac.

Lily fica intrigada:

— Olha, eu conheço todos daqui, os que não conheço ao menos suponho quem sejam ou de onde vêm, mas essa pessoa, essa moça..., eu não sei quem é!



A primeira leitora de Rosa

Rosa e Lily aguardam o próximo chamado de Bree para saberem do jantar. O lanche da tarde foi servido no quarto. Rosa não conseguiu comer o sanduíche mesmo com muita vontade, lanchou apenas o pão puro com café preto, o restante ela reservou na geladeira. Depois, a jovem comerciante começou suas explanações sobre seu povo e cultura. Explicou como era a vida nas aldeias andinas, as famílias, os costumes e tradições. Maria Rosa pôde ver tudo com clareza em sua imaginação e desejou muito poder ter nascido entre eles, ter descendido deles, ter visitado o povoado antigo de Peru e Colômbia, ter conhecido os Andes.

— Nós temos famílias grandiosas, vivemos em povoados, aldeias nos territórios que foram designados para nós. Construimos nossas regras e as seguimos à risca para nos mantermos seguros. Mas é tudo muito alegre e festivo. Graças ao nosso empenho em manter nossa essência intacta.

— O governo não interfere? Não manda que façam diferente com as regras?

— Eles podem tentar, nós fazemos de conta que obedecemos, porém seguimos como bem queremos às escondidas. Não nos intrometemos na vida dos outros povos, cuidamos apenas de nós e dos nossos, portanto não causamos problemas. O governo nos deixa em paz assim como deixamos em paz os demais. Vamos vivendo.

— Meu povo, vendo por esse lado, é tão desunido. Vivemos separados, cada qual em um sítio. Um pedaço de terra em proporções iguais para todos. Os vizinhos mais próximos ficam a quase mil metros de distância, nos ranchos ao lado ou atrás. Não os vemos praticamente nunca, a não ser nas idas às entregas no centro dos comércios ou quando se precisa de algo, como

alguma erva para chá. Não se tem o costume de visitar, de tomar café juntos, de conversar, muito menos festas. Esse tipo de coisa é desperdício e leva para o pecado, diz minha mãe. Quando se consegue um casamento, aí se deixa a casa, indo morar em algum rancho sem dono ou dividindo com os pais, onde construirão sua própria casa. Então você terá seu canto e poderá ter apenas um filho. Dificilmente verá seus pais de novo, não vai ter tempo para isso, pois se precisa produzir o tempo todo.

— Que coisa mais triste! Eu não suportaria!

— Não se tem tempo para ser triste. Você dorme assim que o sol se deita, trabalha quando o sol levanta e come para poder ter força para o dia seguinte.

— Por Deus! Que vida mais difícil. E apenas um filho? Sem irmãos? Primos? Sem os tios e tias para visitar?

— Apenas um. Mais que um não é permitido. Se você tiver mais e descobrirem, cortam a cesta básica.

— Tanto trabalho para ganhar uma mísera cesta! Eu imaginava a vida de vocês, já estudei, mas nunca pensei que pudesse ser tão triste.

— Nossos homens trabalham nas fábricas, vêm para casa algumas vezes na semana e o trabalho deles rende o soldo. Meu pai morreu antes de eu nascer, então recebemos pela viuvez da minha mãe, e o que vem é ainda menos que um soldo básico.

— Lastimável!

— Queria que fosse diferente. Que fosse como a vida de vocês.

— Você me conheceu e agora sua vida vai ser diferente. Confia em mim! Mas, por enquanto, vamos focar no agora. Estamos aqui para mudarmos nosso futuro. Precisamos nos preparar para o que vem a seguir.

— E o que vem?

— Primeiro a seletiva para os doze finalistas. Nós vamos passar de qualquer forma, só temos que mostrar nossos escritos para eles. Bree vem buscar amanhã e o resultado sai dois dias depois. Você trouxe, não é? Foi pedido na propaganda.

— Eu não consegui ver todo o comercial, mas eu trouxe um caderno que fiz ontem. Consegui escrever algumas coisas.

— Posso ver?

— Quer mesmo ver?

— Lógico!

Maria sorri. É a primeira vez que mostraria para alguém. Alguém que

queria ver! Ela levanta da cama, indo até o armário para pegar sua sacola. Na mesma ela encontra a pasta e retira o caderno, levando para a cama onde Lily aguarda sentada com as pernas cruzadas abaixo de si.

— Aqui está. — diz e entrega seu amado caderno artesanal. Lily fica encantada com a peça, folheando com delicadeza.

— Nossa! Parece um item antigo e precioso. Eu já vi algumas raridades, seu caderno parece uma peça encontrada em escavação. É lindo! Olha essas folhas. São páginas de livros?

— Eu fiz tudo. Escrevi com carvão. — Não se demorou no assunto, ela não podia revelar sobre os livros escondidos para ninguém.

— É mesmo um lindo caderno, meus parabéns!

— Obrigada.

Lily começa a leitura na primeira página, dedilhando as folhas como que se estivesse diante de um achado histórico, desejou ter luvas para manuseá-lo.

As palavras de Rosa formavam frases de significado forte, intenso, verdadeiro. Lily pôde sentir a dor e ver o sangue das frases sentidas e bem compostas. Havia sofrimento ali, porém muita beleza também. Versos simples da vida de Rosa, entrecortados por medos, anseios. Um sufoco, um grito de ajuda feito de dentro de um buraco profundo cavado no chão.

— Querida amiga! Isso é tão lindo!

— É?! — Rosa indaga vendo os olhos de Lily marejados.

— MUITÍSSIMO! É forte e belo. Você está no lugar certo e eu não poderia ter mais certeza de estar também. Estou aqui vendo o surgimento de uma estrela! Bravo, Rosa! Bravíssimo!

— São apenas textos que eu joguei aí, estava tão aflita e ferida. Eu só coloquei para fora o que sentia.

— O que não tira o encanto das palavras. Ainda as intensifica. Você é poderosa com as letras, você as domina! Eu sabia que meu palpite sobre você estava correto. Eu nunca erro um palpite! — gaba-se, satisfeita.

— Acho que você está exagerando.

— Talvez. Meu estilo preferido é o drama, então o exagero faz parte de mim. Ainda assim, eu nunca erro um palpite.

— Vou poder ver o seu caderno?

— Claro que sim, espera que vou pegar.

Lily levanta para buscar sua bolsa e ambas escutam a campainha do quarto sendo tocada. No topo da porta o nome da visitante aparece: Bree. Pela manhã Rosa não tinha percebido aquele pequeno digital informativo ali.

Elas vão para suas camas e apertam o botão, permitindo a entrada de Bree.

— Boa noite meninas! Eu trouxe o jantar de vocês. — diz apontando para o carrinho com pratos cobertos às suas costas.

— Boa noite, Bree. Todas as refeições serão no quarto agora? — Lily indaga desconfiada.

— O almoço é geral, porém as demais refeições serão nos quartos, para melhor privacidade.

— Ah claro!

Bree puxa o carrinho, posicionando o mesmo no espaço entre as camas. Diz para comerem à vontade e que quando terminarem, ela viria para buscar o carrinho.

— Se precisarem de algo, basta chamar. Com licença meninas.

— Obrigada Bree. — Lily agradece muito solícita e então olha para Maria, como que pedindo para ela fazer o mesmo.

— Ah, muito obrigada Bree! — exclama com a maior amabilidade que consegue expressar. Bree deixa o quarto com seu habitual sorriso gentil nos lábios cor de rosa. Lily posiciona o carrinho perto da cama de Rosa para ambas se servirem juntas.

— Tenho certeza de que os outros estão no refeitório geral jantando, assim como também tomaram o lanche da tarde juntos.

— Por que acha isso?

— Eles devem ter reclamado de nós, da nossa presença. Para eles nós somos sujeira. Mal sabem eles que é do seu trabalho que eles se alimentam e do meu trabalho que eles adornam suas casas frias. Ridículos!

Elas jantam, mas o mesmo se repete. Maria Rosa não consegue comer as melhores comidas. Deixando no prato.

— Eu preciso te mostrar uma coisa que eu fiz. — Rosa confidencia, não podendo mais esconder aquele seu pequeno segredo.

— O que foi?

— Estou guardando a comida. — confessa ao levantar e abrir o frigobar, mostrando o pequeno embrulho escondido no canto.

— Está guardando para quê? — Lily pergunta enquanto come mais uma garfada de purê de batatas.

— Não sei o que fazer com isso. Não consigo comer, mas também não posso deixar que joguem fora.

— Vai acabar estragando. Precisamos resolver isso.

— O que podemos fazer?

— Tive uma ideia, mas é arriscada.

— Qual?

— Poderíamos dar para alguém.

— Mas quem? Aqui todos são ricos, têm comida de sobra.

— No edifício sim. Na rua não. Há mendigos, Rosita, pessoas que fugiram dos campos e vieram tentar algo na capital. Cansaram das lidas, que agora sabendo da sua história sei o quanto são pesadas, para viverem de restos aqui. Não é fácil.

— Achei que não existissem mendigos. Minha mãe disse que todos tinham suas casas e comida. Que mendigo era algo do passado, de séculos atrás.

— Existem. Eles querem que você pense que não, mas eles existem sim! E podemos tentar encontrá-los amanhã à noite.

— Faria mesmo isso comigo?

— Claro que sim! — Rosa sorri por ter encontrado ajuda para seu problema. — E hoje, depois que o prédio dormir, vamos dar uma voltinha lá embaixo para conhecermos, assim amanhã saberemos como agir, sendo mais rápidas. Se alguém nos achar, basta dizer que nos perdemos e pronto. Vamos?

— Vamos!

E assim elas fazem. Após Bree retirar o carrinho vazio, elas aguardam as horas passarem e as luzes serem apagadas. Pela janela elas conferem a rua, é um andar alto demais, mal dá para ver o chão. O que conseguem ver são os prédios reluzindo em neon e alguns carros voando no horizonte, quase tocando o topo dos edifícios maiores. As amigas decidem que está na hora de irem. E se tem uma coisa que Maria Rosa sabe fazer é se camuflar nas sombras. Ela ensina Lily a procurar os trechos escuros enquanto caminham até o elevador e depois ao chegarem ao térreo. A porta logo a frente é vista e elas tentam achar o botão que a abriria, encontrando-o na terceira tentativa. Em seguida, após uma comemoração silenciosa, elas fecham a porta e saem, antes que algum segurança apareça. Resolvem explorar mais o andar térreo, descobrindo um local com enormes sofás fofos que parecia não ser visitado com frequência. Elas sentam e Lily puxa seu caderninho e um lápis, onde ambas, com enormes sorrisos pela peraltice em que se encontravam, resolvem escrever a pequena aventura.



Elas dormem a manhã inteira, cansadas por terem passado a madrugada rabiscando e registrando as impressões daqueles dois dias.

Mesmo já tendo usado aquele banheiro antes, Rosa ainda se surpreende com o delicioso conforto da água quente do chuveiro. Em casa, o chuveiro era menor, com poucos furos, e a água fria para não gastar energia elétrica, poupando para os invernos mais rigorosos. Ela gosta de como se sente bem com o banho, como que renovada e pronta. Em casa, os banhos a deixavam ainda mais cansada pelo estresse que o frio causava.

— Pronta? Bree já chamou para o almoço! — Lily bate na porta, chamando Rosa, que abre alguns segundos depois. — O único momento em que somos bem-vindas. Temos que aproveitar.

Elas descem para o andar do refeitório. Servem-se e encontram a mesma mesa do dia anterior, vazia para elas. Lá estavam também os olharem de desprezo.

— Aquele lá é Josh Pino Mackintosh. O pai dele é dono de uma fábrica de computadores. E aquela é Susan Lucas Leopold, herdeira de uma indústria de digitais. — Lily comenta despreocupada entre uma colherada e outra no caldo.

— E eu? Você sabe quem eu sou? — A voz diferente faz as amigas erguerem a fronte e as sobrancelhas, encontrando a figura chamativa do almoço do dia anterior.

— Eu..., eu não sei, mas adoraria! — Lily diz, soando amigável. Ela queria muito conhecer a desconhecida.

— E você? Não sabe quem eu sou também? — pergunta para Maria Rosa, que acena em negativo, ainda assustada com a visitante inesperada. Rosa repara primeiro na cabeça de cabelos cortados rente. Aquilo a deixa muito intrigada, nunca viu uma mulher sem cabelos. Na verdade só conhecia Zac sem cabelos, com o corte exatamente igual. Depois percebe o rosto de Avena: os olhos são da cor do mel, os lábios bem desenhados, a pele é branca, mas tostada de sol quase que por completo, os braços se revelam pela camiseta sem mangas, há bíceps e tríceps definidos e Rosa tem certeza de que ela derrubaria Brian O'Connell com apenas um soco. — Prazer meninas, sou Avena Camon. — Estende a mão para um cumprimento, primeiro para Lily ao seu lado, em seguida para Maria Rosa do outro lado da mesa.

— Prazer Avena. Eu sou Lily e essa é minha amiga Maria Rosa.

— Você não tem língua, Maria Rosa? Ou contratou Lily para ser sua porta-voz?

— Lily fala melhor que eu.

— Isso é verdade. Sou uma tagarela! Mas, Avena, de onde você é? Desculpe perguntar, é que sou muito curiosa e não conheço nada sobre você.

— Logo vi. Eu conheço pessoas do seu tipo. Sou observadora como você, porém eu guardo as coisas para mim. Quieta, como Maria. Seu nome é de origem camponesa. — constata encarando Rosa e mordendo uma cenoura.

— O seu também. Sobrenome bíblico. Significa “lugar permanente”. Seu nome é que é diferente. — Rosa comenta.

— Então você sabe muito das coisas, só é mais calada. Somos parecidas Maria Rosa. Essa característica é típica da nossa estirpe. Sabedoras, só que obrigadas a calar.

— Camponesa? — Rosa assombra-se por encontrar mais uma de sua estirpe. Todavia, Avena é muito singular, como se pertencesse a uma estirpe própria, Rosa conclui em seus pensamentos.

— Campos de aveia. Meu nome é uma homenagem. É uma longa história.

— Pois adoráramos ouvir, não é Rosa?!

— O que houve com seus cabelos? — Rosa não responde a Lily, intrigada ainda com Avena.

— Faz parte da longa história.

— Pois queremos ouvir! — Rosa e Lily dizem juntas, entusiasmadas como que diante de um livro novo.



Avena

No quarto que dividiam Rosa e Lily aguardam o horário combinado: 21h.

— Mas será que é certo? E se a monitora do quarto dela aparecer?

— Não estamos fazendo nada demais! Apenas visitando e caminhando. Que mal há nisso? Não somos prisioneiras.

— Não sei o que pensar disso tudo aqui. Não me sinto a vontade.

— É só porque não está acostumada. Fica tranquila, está tudo certo. Vem, vamos!

— Está na hora?

— Em ponto!

Elas deixam o quarto e caminham em direção ao informado por Avena mais cedo no almoço. Não há movimentação por ali, nem mesmo luzes acesas por trás das portas vizinhas.

— Além do mais — Lily segue o assunto. — estamos completamente isoladas nessa ala do andar. Não ligam para o que fazemos. Não ainda. Só espera até estarmos diante das câmeras...

— Como sabe que não tem mais ninguém aqui?

— Nunca percebeu? Olhe ao redor! Nem mesmo uma alma viva circulando por aqui. Sem sons, sem luzes. São pessoas jovens e não um bando de idosos para estarem tão silenciosos ou dormindo a essa hora. Não há mais ninguém além de nós e agora da nossa nova amiga.

— Acha que ela quer ser nossa amiga? — Maria pergunta ao lado de Lily ao passarem pela frente do elevador.

— Acho que ela quer saber se somos confiáveis. Na verdade ela já confia na gente, do contrário não teria proposto essa visita. Quer formar

alianças. É o que eu acho, sabe?

— Talvez tenha razão.

— Meu sexto sentido é apuradíssimo, querida Rosita.

As amigas encontram a porta que Avena indicou: número 916. Posicionam-se de frente e a comerciante aperta o botão campainha. Um sensor invisível faz o reconhecimento facial e do outro lado da porta, nesse instante, o digital no topo da porta mostra os nomes das visitantes. Elas ouvem um clique, som da porta sendo destrancada e adentram: Lily afobada como uma criança em banca de brinquedos e Rosa cautelosa como um gato da noite.

O quarto está com a luz acesa, Avena deitada completamente descansada em sua cama. As amigas reparam que só tem uma cama e que o tamanho do aposento é metade menor do que o delas.

— Ei meninas, bem-vindas ao meu lar! — Avena saúda sentando-se de forma preguiçosa. Rosa repara que a anfitriã estava de botas por sobre a cama. Recorda-se de Rebeca imediatamente. Ela arrancaria suas orelhas se Rosa se atrevesse a tanto. — Sentem-se! Ah, verdade, eu não tenho cadeiras. Bom, podem sentar no chão, ao menos está limpo. — Dá de ombros.

— Estamos bem de pé. Não pretendemos demorar. — Maria Rosa diz com uma simplicidade muito sua.

— Ah, se a história for realmente boa, eu não tenho pressa! Deito até em sua cama, comigo não tem cerimônia! — Avena ri do jeito despretensioso de Lily.

— Bom. Isso é bom. Não sou chegada à frescura das boas maneiras. Podem se espalhar por onde conseguirem.

— Obrigada. — Lily agradece pelas duas. Gostava de ser a porta-voz como Avena tinha sugerido naquela tarde.

— Não vejo vocês em outros momentos, só no almoço.

— Bree nos serve o lanche e o jantar no quarto. Ficamos lá o dia todo. Não é Rosa?

— Sim, só nos chamam para o refeitório ao meio-dia, nos outros momentos nos levam a comida.

— Ah, bem como eu imaginei! Também me fazem o mesmo. Mas sabem o que eu faço? — As amigas negam com um gesto de cabeça. — Pego a bandeja e desço para o refeitório igual a todos os outros. Não é justo separar. Somos iguais nessa porra aqui, não é? Competidores que escrevem em busca da porra do prêmio. Todos na mesma porra de barco! Se a estirpe

realmente não interfere no potencial de escrita, como o apresentador disse naquele comercial idiota, então sem essa de os superiores terem livre acesso a tudo enquanto nós não. Simples! Vocês deveriam fazer o mesmo. — aconselha e morde uma maçã que encontrou rolando entre os lençóis.

— Eu sempre soube! Não te disse Rosa? Estão nos separando do resto!

— Eu ainda custo a acreditar que realmente achem que somos sujas. Nós trabalhamos duro, de sol a sol, debaixo de chuva e tempestades. Damos nosso suor diariamente para produzir alimento para eles. É quase um pecado esse desprezo.

— Você é ingênua garota! Eu também já fui um dia, há anos, quando era apenas uma garotinha assustada. Logo você vai descobrir muita coisa. Descobrir é bom e é ruim. Bom porque você aprende, ruim porque pode simplesmente surtar ou se corromper. Ou as duas coisas. Foi o que aconteceu comigo.

— Eu sinto muito. — Maria se apieda.

— Ah não sinta. Eu não sinto mais nada.

— Seu quarto é menor que o nosso e só tem uma cama. Você não tem colega de quarto? — Lily pergunta, já mudando de assunto e olhando ao redor para ver se não encontrava sinais de outra pessoa.

— Sou só eu aqui. Sem colegas. — Outra mordida na maçã.

— Por quê? Rosa e eu estamos juntas no 901.

— Porque eu sou uma aberração para eles. Mais do que vocês duas. Sem ofensas. — Ela ri. — Eles não quiseram arriscar a me pôr com um menino ou uma menina. Não tiveram certeza do que eu sou. E estão certos. Não há como se ter certeza. Talvez eu não seja nenhum... Talvez eu seja os dois...

— O que você é? — Lily indaga imediatamente.

— Importa?

— Se você tiver uma resposta eu gostaria muito de saber. — Avena sorri, ela já imaginava essa resposta.

— E para você Maria Rosa. Importa?

— Não. — Rosa é sincera ao responder. Realmente aquilo não tinha importância para ela. Avena esboça outro sorriso, porque também já supunha aquela resposta.

— Eu sou algo além da definição. Sou os dois, mas sou muito mais do que dois. Sou grande demais para limitar em números pequenos.

— Pansexual? — Lily arrisca um palpite.

— Não e sim. Não gosto de rótulos. Sou Avena e é tudo.

— O que aconteceu com seu cabelo? — Rosa não estava interessada na sexualidade de Avena. Ela queria saber daquela particularidade que a intrigava, aquela parte mais próxima de sua realidade. Ela sabe que tem uma história ali e ela ama histórias. Avena meneia a cabeça, gostando da curiosidade peculiar e simplista de Rosa.

— É melhor sentarem-se garotas, pois eu tenho uma historinha para contar. Sintam-se privilegiadas porque eu não divido isso com ninguém. Porém vocês duas... Algo me diz que vocês não são como todos os outros.

— E não somos. — comenta Rosa de forma consciente sentando-se no chão.

— Nem por um mísero minuto. — Lily completa e senta ao lado da amiga. Avena desce de sua cama e fecha um círculo ao lado das meninas do 901.

— Bem, eu nasci no campo. Minha mãe filha do campo e meu pai um comerciante que se apaixonou por quem não deveria. Ele que deu meu nome, Avena, um nome antigo, latino, referente aos campos de aveia onde fui concebida, gerada, parida. Minha mãe me teve e meu pai ia visitar escondido quando podia, Lily sabe que comerciantes não aceitam a mistura das estirpes.

— E como sei. Sei bem. — diz com um leve pesar.

— Pois é. Meu pai, com o tempo, não nos visitou mais. Minha mãe também não o via em sua tradicional tenda de bibelôs decorativos. Ele sumiu do mapa! Fui criada por mamãe e ela não pôde comprovar a viuvez. Não sabíamos do meu pai. Só nos restava a cesta básica. Passamos muitos apertos. Mamãe, cada vez mais magra e fraca, deixava o melhor dos alimentos para mim. Eu precisava fazer alguma coisa. Quando tive idade, decidi que estava na hora. Era arriscado, mas só me restava aquilo. Cortei meus cabelos, consegui trajes masculinos e burlei as informações do meu digital para mudar de identidade. Consegui isso tudo fazendo algumas trocas no centro dos comércios que não vêm ao caso. — Ela faz um gesto desdenhoso e come mais um pedaço da maçã. — Despedi-me de mamãe, ela não tentou me conter, sabia que eu iria, ela querendo ou não, estava fazendo por ela, para que vivesse. Parti rumo às fábricas. Eu era magra e sem os atributos clássicos femininos. Ou seja: peito pequeno, quadril estreito, nada delicada. Não foi difícil me misturar entre os outros meninos franzinos de dezessete anos que se amontoavam para a vistoria geral no dia do alistamento.

Passei nos exames de saúde com louvor. E tive sorte por não pedirem para baixar as calças. Eles não desconfiavam de que uma menina poderia

estar ali, nunca tinha acontecido, meninas camponesas eram criadas para serem do lar, dóceis e incansáveis nas lidas domésticas. Domadas desde o berço para sempre obedecerem. Maria sabe do que eu falo. — Maria acena positivamente, pois essa era sua vida. — Nenhuma ousaria tal coisa. Eu ousei. E virei um operário de nome Paulo. Trabalhava numa fábrica que confeccionava aparelhos de academia; ferros, barras, pesos e outras daquelas parafernálias. Montávamos tudo. Peguei fácil o jeito de trabalhar, conseguia produzir rápido e com capricho, coisa de mulher sabe? Ganhei bons músculos com o trabalho pesado. Meu salário começou a ser mandado para o endereço que passei. Eu ia para casa duas vezes na semana, nas demais eu pernoitava no trabalho para poder trabalhar e render mais, uma escolha minha. Estava tudo indo muito bem. Três anos que minha mãe viveu com um pouco a mais de comida e dinheiro. A fábrica me dava as refeições no local, eu não precisava de mais. Até que em um dos banhos, um babaca entrou na minha cabine para fazer alguma zoação, coisa típica de macho escroto. Ele viu coisas que não deveria. Eu tinha ganhado corpo e curvas além da massa muscular. Ele me fez uma proposta para não me entregar: me ter em seu leito em algumas noites. Aceitei. Não tinha escolha. Dei meu corpo pra ele pra que pudesse seguir trabalhando. Mas logo a notícia se espalhou, outros apareceram. E mais outros. Não tive mais como suportar. Eram muitos, dois, às vezes três por noite. Estava exausta, sem render no trabalho e me sentindo imunda. Eu disse não.

Então vocês podem imaginar o que aconteceu. Fui descoberta pelo administrador da fábrica. Eu estava cometendo uma fraude, burlando uma regra importantíssima. Seria mandada de volta para casa, não sem antes receber meu castigo por isso. — Ela toca a cabeça. — Me levaram na salinha dos rejeitados e raspam meus cabelos para que eu tivesse a marca eterna da minha desobediência. — As meninas fazem sons de pena e dor. — Voltei para casa. Nos deixaram um ano sem a cesta, mesmo com nossas entregas em dia, mesmo ultrapassando o mínimo do peso pedido. Mesmo implorando de joelhos diante do fiscal que passava para entregar nos ranchos ao lado. Ainda estavam nos castigando. Me castigando. Vivemos esse tempo com frutinhas e raízes. Minha mãe adoeceu, a fraqueza voltou. Estava disposta a fazer qualquer coisa para ter o remédio para ela. Não deu tempo. Então estou vivendo há três anos por aí, sem rumo, sem destino. A esmo no mundo.

— Eu estou sem palavras. Pela primeira vez. — Lily balbucia com os olhos úmidos.

— Sinto muito por sua mãe. Você foi tão forte e fez tudo o que pôde. Eu não teria suportado metade do que suportou. Sua mãe deve estar muito orgulhosa da filha. Tenho certeza. — Rosa diz e estende a mão para tocar na de Avena. Ela precisava dar algo para a moça para ajudar a sanar a dor e não tinha nada nos bolsos. Então só restou consolar. Ergue-se brevemente e abraça Avena com força, pegando-a desprevenida. Era só o que tinha e era tudo o que Avena precisava: um toque sem segundas intenções. Um abraço sincero e verdadeiro.

— Está tudo bem. Já passou. Águas passadas não movem moinhos, não é o que dizem? — Avena diz após o abraço tentando não demonstrar a emoção. Ela se ergue e volta para a cama.

— Por que você não vive mais em seu rancho? — Rosa pergunta ainda sentada no chão ao lado de Lily, essa que acena concordando com o questionamento.

— As mulheres do campo não vivem muito tempo. Não pelo trabalho em si, mas pelos venenos que são obrigadas a usarem nos plantios e no trato com os animais. Ele já vem na cesta básica, nem precisa comprar e serve para acabar com as pragas. Mas aquilo não mata só as pragas da lavoura e dos animais das criações. Aquilo mata quem aplica também. Uma morte lenta. Mas quem come os alimentos depois não sofre esse mal. É um veneno moderno com justamente essa finalidade.

— Por Deus, que coisa horrível! — Lily exclama consternada.

— Você nunca reparou Maria? A expectativa de vida das mulheres do campo é muito baixa. Raramente se vê uma mulher com mais de cinquenta anos. Os homens duram mais porque trabalham fora, longe do produto tóxico quase que a vida toda, mas as mulheres não têm como escapar. — Aquilo deixa Rosa muito pensativa. Começa a juntar as informações e a perceber que realmente aquilo parecia mesmo fazer sentido. E se fosse real, seria algo extremamente desumano.

— A vizinha Raquel do rancho oeste faleceu há uns quatro anos. O marido ainda é vivo, operário numa fábrica de carros, mas quem cuida da casa e das colheitas dos temperos e hortaliças é a filha, que casou e mora lá com o esposo desde então. Ela já foi ao nosso rancho ano passado ver se não tínhamos ervas para um chá, estava se sentindo exausta e sem saber o motivo. Os Telmo, do rancho sul, faleceram há mais de dez anos, dona Marta primeiro, depois seu Arcelio. Nos dois casos, as duas senhoras tiveram como causa da morte uma doença, não disseram qual.

— Lógico que foi do veneno. Lógico que não vão dizer nada. — Avena comenta encarando as meninas ainda no chão e joga o resto da maçã na lixeira com um arremesso certo. Rosa recorda-se da sua mãe, estava com quase quarenta anos, ainda com boa saúde, Rebeca não adoecia, ou sabia esconder muito bem. Teria que alertá-la. O problema seria Rebeca acreditar. — Foi esse produto tóxico que matou minha mãe com o agravante da falta de comida. Ela enfraqueceu e não resistiu. É isso o que eles querem. Que a gente trabalhe muito e dure pouco para não dar despesas e sempre fazer o ciclo girar, favorecendo a eles, claro. Somos somente engrenagens da grande roda dos superiores. O chão que eles pisam. Menos que nada. Eu não vou ter o mesmo fim. Por isso fui embora. Vivo por aí de canto em canto, eu não serei mais uma nas estatísticas das camponesas. Todos nós morreremos um dia, eu pretendo morrer de qualquer outro jeito como forma de protesto. Eles não vão me ter.



O amor por trás das fugas

No dia seguinte, no mesmo horário, após um dia de almoço em conjunto e as outras refeições isoladas, Rosa e Lily se dirigem até o quarto de Avena para mais um encontro secreto. No dia anterior, Avena as dispensou dizendo que precisava dormir, uma desculpa apenas para ficar só e poder se ajustar após tantas recordações. E aquilo era somente uma parte de tudo. Prometeu que contaria mais na próxima noite, para alegria de Lily que mal podia esperar por mais um pouco da história de vida da misteriosa Avena Camon.

A porta se abre e elas adentram, encontrando Avena em pé abrindo uma embalagem de salgadinho.

— Bem-vindas de volta. Já sabem né? A casa é nossa. Querem? — oferece, esticando o pacote com cheiro de queijo e pimenta. Lily pega alguns, Rosa recusa com um agradecimento contido. — O que querem saber hoje? — pergunta colocando uma porção enorme de salgadinhos na boca e se sentando na cama bagunçada.

— O que você ficou fazendo nas ruas esse tempo todo? — Lily questiona, acomodando-se ao lado de Avena para dividirem o petisco. Rosa senta-se no chão, completamente atenta, como uma aluna em sala de aula. Avena é um livro vivo, ela pensa.

— Virei sem teto, vivendo da generosidade alheia, algo escasso entre os superiores que só pensam em si. Encontrei apoio entre os outros como eu. Me hospedei em suas malocas escondidas, conheço as que sei que posso ficar, fiz parcerias. Em troca, eu consigo comida para eles.

— Você consegue comida de que jeito? Com *aquelas trocas*? — Lily indaga proferindo as últimas palavras de forma a se entender o duplo sentido. Rosa arregala os olhos pela ousadia da amiga.

— Não. Não mais. Não sou prostituta se é isso que quer saber. Eu roubo comida dos restaurantes ou pego escondido as sobras dos *buffets* que os donos descartam nas lixeiras. Comida boa indo fora. Dei um jeito de instalar sacos limpos nas bocas das latas dos restaurantes e assim salvo muita coisa.

— É uma ideia bastante boa. — Rosa comenta, ela pensaria em algo parecido também se estivesse na mesma situação.

— Pois é. Precisamos nos virar. No mais eu vivo por aí, no mundo. Sem um endereço fixo. Nem quero ter. Porque teve uma vez em que me deixei ficar em um lugar e me arrependi. Foi quando me apaixonei. — confessa parando de comer, seu olhar se perdendo em algum canto do quarto e de suas lembranças.

— Ah que lindo! Conte para nós! Por favor! Queremos ouvir, não é Rosita?

— Eu gosto muito de histórias de amor. — Ela recorda de um dos livros do esconderijo, Romeu e Julieta.

— Ah meninas, não é uma história tão linda assim. Mas vou contar. Prontas?

— Sim! — respondem juntas e atentas à narradora.

— Eu estava no meu canto em uma calçada. Era madrugada e eu tava sem sono fumando um cigarro, pensando na merda que é a vida. Até que ouvi passos, sons de saltos finos batendo no basalto nobre. Olhei na direção do som e vi que era uma moça rica que vinha. Totalmente bêbada. Fiquei cuidando para ver se ela estava bem, para onde ia. Ela não estava nada bem, chorando e cambaleando nos sapatos cor de rosa. Eu precisava fazer algo, não poderia deixá-la sozinha de madrugada e ainda bêbada, seria perigoso. Me ofereci para ajudar, ela aceitou. Levei a garota até a casa que ela disse ser sua. Ela estava quase que pendurada em mim, sem forças para se manter em pé, muito tonta e abalada. Pela luz da entrada da casa pude ver seu rosto: tão lindo, mesmo com toda a maquiagem escorrendo dos olhos para as bochechas e com o batom pink borrado nos lábios.

“Ela me deu as chaves do seu palácio. A casa era imensa e cheia de peças caras. Encontrei o banheiro, liguei o chuveiro e consegui colocá-la embaixo da água de roupa e tudo. Preparei um café forte e deixei numa mesinha no corredor. Rabisquei um bilhete dizendo para ela beber o café e depois tomar um remédio para a ressaca. Fui embora.

“Na noite seguinte ela apareceu de novo na minha calçada para me agradecer. Na seguinte ela estava lá de novo, no próximo dia de novo e de

novo. Começamos uma amizade. Ela me convidou para ir na casa dela para conversar melhor e jantar. Eu fui. Papo vai, papo vem, rolou. Nos beijamos na cozinha dela, na sala dela, no quarto dela, na cama dela. E ali a noite foi nossa. Isso se repetiu muitas noites. Começamos um relacionamento nada convencional. Não havia regras. Eu só tentei de todas as formas não me envolver demais. Falhei. Eu sabia que o que tínhamos não duraria. Era *errado*, proibido, teria um final mais cedo ou mais tarde. Essa nossa sociedade é podre, condena o amor quando ele não é expressado do jeito que eles determinam. Não se pode amar alguém do mesmo sexo que você. É pecado. — Rosa acena, pois lembra-se dessa lição passada por sua mãe. — Minha doce menina não poderia ser minha, mesmo eu já sendo dela. E esse era só um dos motivos que nos separavam. O nosso relacionamento tinha os dias contados e no final eu me ferraria muito.

“Mas ela me atraía demais. Tinha algo nela que me tocava. Lindíssima, impecável, na pele, no cheiro, no vestir, no andar, no falar. Para os outros, durante o dia, ela era a esnobe e frívola menina rica e herdeira de um império. A máscara que era obrigada a usar. De noite, era ela mesma. Minha. Divertida, espontânea, inteligente, maravilhosa. Mesmo com uma tristeza profunda em sua alma. Uma tristeza que eu via em seus olhos. A mesma que eu via nos meus também. Nós éramos absolutamente tão diferentes e ao mesmo tempo tão iguais. Por fora, mostrávamos uma coisa, mas por dentro, éramos muito mais. Eu dei a ela orgasmos e liberdade, exatamente tudo o que ela nunca teve. Ela me deu acalento, um lar e amor do jeito dela, o máximo que podia, mesmo nunca tendo revelado seus sentimentos por mim. Já me bastava. Era mais do que eu nunca recebi. Me apaixonei perdidamente. Me fodi!

“Em uma das noites, ela não me deixou entrar. Disse que precisávamos acabar com aquilo imediatamente. Ela estava de casamento marcado. Eu não questionei. Não fiz o escândalo que ela achou que eu faria. Eu sabia que aconteceria. Ela não se conteve; chorou e fechou a porta. Fui embora daquele lugar. Pro outro lado da cidade. Cada vez mais longe. Dois anos passaram, vi o comercial, a chance de ganhar uma grana, uma casa, uma nova estirpe. E estou aqui com vocês e com mais esse bando de babacas superiores. Vendo quem eu achei e jurei que jamais veria. A vida é uma merda desgraçada.”

— Você sempre me faz chorar. Sou muito manteiga derretida. Não é justo! — Lily seca os olhos. — Rosa, você não tem coração! Como pode não estar debulhada em lágrimas como eu?

— Eu tenho meu jeito de sentir as coisas. Acho que minhas lágrimas me abandonaram em algum momento da vida. A gente não tem tempo de chorar e sofrer quando se tem que trabalhar a cada respiração.

— Eu sei exatamente do que você fala Maria. Eu também não choro. Quando a gente vem de um lugar que se vê desolação o tempo todo, pouca coisa vai ser capaz de nos fazer chorar ou sentir dor.

— Você vai ficar com a gente aqui, não vai? Vamos ser uma equipe. Uma família. Vocês têm a mim e eu não vou abandonar vocês. Juro! Não vão mais sofrer. E nós três temos vagas garantidas entre os doze. Sabe, não é Avena?

— Ah eu sei disso, Lily, sei que me querem entre os doze, sou a aberração perfeita para esse circo. Mas preciso dizer para vocês duas uma coisa: não se apeguem a mim. Não criem sentimentos, laços. Seremos aliadas, mas não uma família. Porque quando meu tempo acabar por aqui, vou virar as costas e ir embora, não vou olhar pra trás e nem dizer adeus, não vou levar vocês comigo, nem no pensamento. Não posso me dar a esses luxos. Eu preciso só seguir em frente. Sou do mundo e de ninguém. Tenho vinte e cinco anos, se estivesse no campo, seria uma mulher de meia idade, quero provar pra esse povo estúpido que quem decide meu tempo nessa vida sou eu.

— Mas você está quase que me pedindo o impossível! — Lily exclama já saudosa mesmo tendo todo o concurso pela frente.

— É bom ir se acostumando. — Dá de ombros e come mais salgadinhos, deixando o farelo laranja nos dedos, ao redor da boca e pelo lençol. — Meninas, sinto muito, mas vocês precisam ir. Eu tenho um compromisso. — Avena ri consigo mesma, pois sabia que Lily ficaria curiosa.

— Compromisso? Que compromisso?

— É uma coisa minha dona Yliany Erandi.

— Nós também temos um compromisso, talvez você possa nos ajudar. — Rosa comenta, não dando bola para a cara azeda de Lily pelas provocações de Avena.

— Rosa! Não!

— O que pretendem fazer?

— Rosa! — Lily alerta mais uma vez. Queria também manter-se com um segredo.

— Estamos escondendo comida. Não consigo comer sabendo que minha mãe está agora passando fome. Vamos sair e tentar achar alguém para dar.

— Ah, meninas! Meninas! Eu sabia que gostava de vocês por algum motivo! Sério que estão guardando comida para distribuir? Porque é exatamente o mesmo que eu faço e, sim, esse é meu compromisso. Posso mesmo ajudar, vocês encontraram a pessoa certa!

Mais tarde, as três garotas de mundos tão opostos, porém de conceitos iguais, saem pela porta do majestoso Mundo América, conduzidas pelas artimanhas de Rosa na arte de se esconder e do mapa ambulante que é Avena, conhecendo todas as ruas e vielas. Lily as acompanha, temerosa, mas animada, pois se tem uma coisa que ela ama fazer é conhecer e ajudar. Avena as guia até um viaduto, descobrindo uma porta camuflada, revelando três moradores de rua. Invisíveis. Esquecidos. Dois homens e uma mulher, todos de idades avançadas, todos irmãos que fugiram das intempéries das lavouras quando ficaram órfãos ainda crianças. Eles deram abrigo a Avena em algumas noites e Avena então retribui com comida farta, recolhida por ela e pelas meninas do 901. Rosa enfim se sente bem fazendo algo com aquele alimento, se sente bem pela primeira vez em anos! Lily chora pela segunda vez naquela noite e Avena sorri entre os seus.



O fogo

Quatro dias longe de casa. Rosa viveu muito mais nesses poucos dias do que em seus vinte anos de existência. Quantas coisas aconteceram. Quantas coisas mudaram dentro dela. Tudo o que ela achava que sabia, não passava de ilusão, um mísero ponto em meio a um mar de letras, em um livro de mil páginas. Nada.

Seu mundo se abriu e ela pôde ver com clareza que aquilo que fora ensinada, os conceitos, as lições, era só um modo de mantê-la na linha, como um bicho bem adestrado que vai feliz para o abate, sem saber o que lhe espera, com uma ideia distorcida, com uma mentira para que se sinta bem ao ser morto.

É para o bem de todos. Vocês são a base. O mundo cresce sobre suas costas e seus esforços. É uma benção enorme servir para o bem maior. Serão todos recompensados por seus sacrifícios. Morrer? Sim, morrerão se preciso for, mas é para o bem geral, pensando no futuro, nas gerações que virão. A recompensa virá no tempo de Deus. Sois adorados pelo Criador. Sejam obedientes e, acima de tudo, gratos.

Frases vazias. Lavagem cerebral. Ninguém se importava com eles, com a dor, com a saudade, com as perdas e sacrifícios deles. Além de não se importarem, ainda serviam como alvo de piadas, tratados pior do que lixo, menosprezados e pisoteados. Mas não pisoteados como o chão, que Zac se referiu naquele dia, pois o chão ainda tem serventia e valor, o chão dá frutos e sustento. Pisoteados como insetos. Como as minhocas que se embrenham no solo para torná-lo fértil, para depois serem esmagadas como se aquela nobre função fosse mesquinha demais.

O chão é ainda melhor que nós, meu bom amigo Zac. Nós somos os

insetos. Rosa pensa sentada em sua cama, aguardando Lily sair do banho para irem almoçar.

Aquilo estava muito errado. As pessoas precisavam ver com seus próprios olhos todo o esforço que trabalhar no campo despendia. Precisavam pegar numa enxada e se porem no serviço por apenas um dia; limpando a terra das ervas daninhas, colhendo as abóboras, preparando a terra para o novo plantio. Ainda tendo que cuidar da casa, do filho, do marido e de si mesma, se sobrasse tempo. Indo dormir junto com o sol poente para acordar antes mesmo de o sol nascer.

Seria impossível que os julgassem fracos depois disso tudo. Eles precisavam ver! Mas como?

— O que está pensando Rosita? Tão concentrada aí. — Lily pergunta ao sair do banheiro secando os cabelos numa toalha e pegando os óculos de cima de sua cama.

— Que o mundo é injusto. As pessoas deveriam ver nosso trabalho, deveriam estar nas nossas roupas, abaixo do sol, com calos nas mãos, com o suor lavando o rosto, capinando e capinando sem parar. Elas deveriam saber da nossa função, estudar sobre nós, nos ajudar a melhorar essa situação toda. Alterar as leis para que pudéssemos ter mais dignidade e descanso. — expressa pela primeira vez o que sente. Aquilo estava entalado em seu peito, assim como muitas outras palavras que precisou engolir e silenciar, fazendo mal como comida estragada. Dessa vez não. Dessa vez ela falou e enfim sente alívio e não mal-estar.

— Ah minha querida! Estou vendo o quanto esse tempo aqui está fazendo você pensar. E isso é bom! Mostra que está viva! Que ainda há tempo! Creia que há pessoas que depois de certo tempo não mudam mais suas cabeças. Que viveram tantos anos no mesmo pensamento que acabam se tornando mortos em vida. Sem raciocínio próprio, sem vontades, fantoches! É deprimente. — exclama em seu sotaque musicado. Aproxima-se de Rosa parando em sua frente, puxa a amiga pela mão, segura em seus ombros e diz olhando em seus olhos: — Você não se deixou levar totalmente, por mais que se sentisse honrada por seu trabalho duro recebendo uma recompensa miserável, havia uma essência questionadora em você. Uma essência rebelde que nunca se apagou. Você só está confusa e invertendo as coisas, mas logo vai enxergar com clareza e aí! Ah! O mundo que lhe aguarde!

— O que quer dizer? — Rosa indaga confusa.

— Eu posso ver o brilho em seus olhos. Eu conheço esse brilho. É o

fogo que arde apenas em corações guerreiros. Na minha aldeia, há muitos séculos, nosso povo teve que se rebelar para nos proteger. Hoje vejo em fotografias os bravos que lutaram por nossos ideais. É essa chama! La mesma que habitava nos olhos deles!

— Nos meus olhos?

— Sim! Nunca viu?

— Não me olho, não sei como são. Nunca me vi em espelhos. — diz tímida, olhando para baixo.

— Mas e o espelho do banheiro, Rosa, não se olha nele? — Lily se exaspera ao enfim compreender que a amiga nunca tinha visto seu reflexo, então esmorece, tendo compaixão da pobre Rosita.

— Não tínhamos em casa. E minha mãe não deixava ver nem mesmo na água das poças. Ela diz que isso é indício de vaidade e que a vaidade é um pecado.

— Sua mamá não está aqui mi amiga! Vê? — Lily abre os braços para mostrar o quarto com somente elas.

— Mas ela está aqui — Rosa aponta a cabeça. — e aqui. — E toca o peito. — Ela não permite e, mesmo longe, é minha mãe, devo respeito e obediência.

— Acho que está se esquecendo de uma coisinha. Desobedeceu a várias regras de sua mãe ao estar aqui. Ela não permitiu que viesse e você veio. O que me diz disso? Hã?

— Eu não sei. Quando o assunto são os livros, tudo muda. Eu não sou mais eu! Quando vejo eu já fiz, já desobedeci, já burlei. É mais forte do que toda a minha força de vontade. Fico cega, surda, quase que inconsciente. Eu faço.

— Arrepende-se?

— Tentei tantas vezes me sentir mal, me sentir arrependida. Tentei me dar penitências para apagar o pecado. Mas... Mas eu nunca me senti errando ao fazer isso. Sou uma pessoa má, não sou? Por isso minha mãe me surrava tanto quando criança e ainda nos dias de hoje me pune. Eu mereço muita punição e dor. Eu sou má e Deus não vai me aceitar no céu se eu não pagar. Ela só estava tentando salvar minha alma.

— Ah Rosa! Rosa! Você não é má! Não está nem perto de ser. Eu já vi pessoas ruins e Avena também. Acha que está no mesmo nível do que aqueles homens que abusaram dela enquanto ela tentava se manter trabalhando para salvar a mãe?

— Não! Mas...

— Acha que está no mesmo nível dos governantes que distribuem veneno para matar as pragas dos alimentos e matar quem os cultiva também?

— Não! Isso é terrível e eu temo que seja verdade. E temo mais ainda porque se realmente for, minha mãe não vai acreditar em mim quando eu disser.

— Vamos dar um jeito, fique calma. Tudo bem?

— Tudo bem. — Ela pausa, reflete e retoma o assunto que estava afligindo seu coração: — Mas o que significa eu não me sentir mal quando leio, escrevo e conto histórias escondida da minha mãe? E eu nem penso em voltar para casa depois que fugi para estar aqui. Estou quebrando muitas regras da minha casa e eu não quero voltar!

— Livros são coisas lindas. Correr atrás dos seus sonhos, de poder ler e escrever sem ser recriminada não é um pecado. Compreende?

— Será?

— Claro! Mas sabe o que é um erro? Você ser tão linda e nunca ter se visto no espelho.

— Eu não sei. Mas vamos deixar isso pra lá, temos que almoçar, estou com fome. — Ela mente pra desviar o foco.

— Então vamos senhorita.

No refeitório geral, Lily e Rosa encontram Avena na mesa que elas costumavam dividir. Avena comia muito concentrada uma coxa de frango. Ao ver as meninas se aproximando com as bandejas, ela as encara ainda mordendo o frango e fala com a boca cheia:

— Achei que Bree tinha proibido vocês de almoçar também.

— Ainda não chegou nesse nível, mas não duvido nada. — Lily comenta se sentando na frente de Avena, Rosa senta ao lado da colega de quarto.

— A escolha dos doze será hoje à noite, ao vivo em rede nacional! Estão prontas? — Avena pergunta soltando a coxa e pegando uma rodela de laranja com as mãos engraxadas.

— Estou! Não vejo a hora!

— E você Maria?

— Ah, acho que sim. Não pensei muito nisso ainda. E você Avena?

— Só esperando que chegue e acabe logo, pra que esse diabo de programa comece pra valer e eu possa ver no que vai dar. — responde e chupa os dedos ruidosamente depois de comer a rodela de laranja. Lily faz

caretas, Rosa e Avena riem da expressão de Lily.

— Será que um dia as pessoas daqui deixarão de olhar para nós como se fôssemos bichos? Por que nos olham tanto? O que tem de tão diferente na gente? — Rosa percebe que anda fazendo muitas perguntas, se preocupa com o futuro, quando tiver que voltar para casa, ela não voltaria mais a mesma, ela não se calaria mais, não guardaria as dúvidas. Isso seria um imenso problema; teria que apanhar muito para aprender a silenciar como as ratazanas do porão outra vez.

— O máximo que poderá acontecer é você se acostumar com os olhares. Logo vai aprender a fazer de conta que não existem. Eles sempre vão olhar e desprezar. Nós é que nos acostumamos. É assim que a banda toca.

Avena pausa a refeição e contempla o refeitório. De vez em quando, algum dos garotos atirava um pedaço de fruta, ou embalagem na mesa delas. As garotas superiores riam com deboche da maldade praticada. Um bando de crianças grandes, adultos que cresceram somente no corpo, a mente seguia pequena e moldada por mãos cruéis.

Todas aquelas cabeças amarelas — algumas rosas e alaranjadas, ao redor da pequena ilha das cabeças pretas. Uma ilha segura. Uma ilha diferente. Uma ilha que sofria tentativas de invasão todos os dias na hora do almoço.

Mas será que existia ao menos uma cabeça amarela que não pensava daquele jeito? Que não ria? Que não se comprazia? Será que havia uma garota de cabeça amarela com coração pulsando em seu peito?

Como Avena desejava saber! Porém não poderia. Seria melhor assim. Melhor jogar todas no mesmo balaio e ter raiva e pena delas. Todas elas. Das cabeças amarelas pobres em toda a sua riqueza.

Avena, em seus pensamentos saudosistas, nem percebe quando o murmurinho aumenta e o pessoal se agita, levantando de suas cadeiras, principalmente as meninas mais novas, que começaram a soltar gritinhos frenéticos e correr até a escada.

— O que tá pegando? — Ela pergunta mais para ela do que para suas amigas de mesa, vira em direção ao agrupamento que se formava no pé da escadaria e então percebe o motivo. — Ah, já vi. — soa com revolta e cansaço daquele circo. Volta a comer.

— Lily! Lily! — Rosa estava alarmada, esticando o pescoço para tentar ver por sobre as pessoas em pé. Lily subiu numa cadeira, se equilibrando para ter uma vantagem sobre as meninas que estavam na sua frente.

— É ele, Rosa! Ele está bem ali! — Ela aponta para o andar sobre o refeitório, de onde vinha a figura tão aguardada.

— Ele quem?!

— Ele! — Lily pula e grita por sobre a cadeira quando finalmente o tal *ele* aparece no topo da escadaria escoltado por seguranças.

Rosa sobe numa cadeira também e vê o homem que estava gerando aquele frenesi todo. Ela o conhecia de algum lugar. Olhos claros, cabelos castanhos em um topete bem penteado. A barba bem aparada, da mesma cor dos cabelos, cobria com perfeição o rosto do homem que aparentava ter idade entre trinta e quarenta anos.

— O apresentador. — Rosa conclui. Mas tinha algo diferente. O que era?

— Ele está tão lindo! Olha aquele terno! Que tecido maravilhoso! Não acha Rosita? — Ah a roupa dele está diferente. No comercial que viu, ele vestia camisa e calça jeans. Ali ele está mais social, elegante. Um típico superior.

— O quê?!

— O terno! É muito fino! Eu conheço um bom tecido fino quando vejo um.

— Por que essa agitação toda? Não entendo. — Rosa indaga enquanto observa as meninas mais novas cercando o apresentador, que sorria e escrevia algo em seus aparelhos digitais modernos.

— Ele é uma celebridade Rosa! Vicktor Downson! E é tão gentil! Um cavalheiro! Olha! Está autografando e tirando fotos! Eu quero!

— Todos ficam gritando assim quando o veem na televisão também?

— É diferente! Ao vivo é muito difícil de encontrar uma celebridade. É uma chance rara! Tem que se aproveitar.

— O que é uma celebridade?

— Uma pessoa famosa! Ele é famoso! Apresenta somente os melhores programas da Mundo América. Eu achei que não o veria tão de perto, que ele apenas ficaria no estúdio dele, mas veja isso! Está bem aqui a poucos metros! Um sonho! Preciso de um autógrafo para dar para minha mamã! Ela o ama! Avena! Venha cá! É Vicktor! Viu? — Yliany chama ainda com os olhos fixos na sua celebridade preferida que interagira com as fãs.

— Grande coisa. — Avena resmunga remexendo no macarrão do seu prato. Só mais um superior babaca que se valia das diferenças entre as estirpes, mais um rico idiota que não dava a mínima para mais ninguém que

não fosse lhe trazer benefícios. Era por pessoas — homens — como ele, que sua doce menina sofria. Para se adequar a eles. A todos eles. Zumbis!

—Eu não sei vocês, mas eu vou até lá. Você vem Rosa?

A camponesa olha para trás para ver o que Avena pensa daquilo tudo, mas não a encontra ali sentada. Avena deixou o refeitório.

Rosa recorda do comercial, do apresentador com livros, cercado por letras douradas. Se ele amasse ler e escrever como aparentava na propaganda, se ele tinha criado o programa para reunir escritores, então não seria tão ruim assim chegar mais perto e acompanhar Lily. E se ele tivesse algum livro com ele igual no comercial? Valeria mesmo a pena se aproximar!

Se os livros voavam ao redor dele na televisão, poderiam voar ali também, e isso Rosa não perderia por nada! Ela olha para o local onde Vicktor está e planeja uma boa maneira de contornar a barreira composta pelas meninas que o circundavam. Entusiasmada, pega no pulso de Lily e a puxa para levá-la até lá bem perto.

Mais um ato que quebrava regras. Mais um ato que ela não se arrependeria.



Vicktor

Rosa conduz Lily pela mão, contornando as cadeiras e mesas do refeitório, aproveitando que os participantes estavam atentos no apresentador e não mais nelas, como de costume.

— Rosa! Ele está lá! Pra onde está me levando? — Lily cochicha ao notar que estavam indo para o lado oposto.

— Levando você até sua celebridade. Confie em mim, tenho um plano!

— Ai meu Deusinho!

Elas sobem a escadaria do lado direito que também dava acesso ao refeitório. Pausam quando Rosa nota que há seguranças depois do elevador, que intermeava as escadas, fazendo a proteção da retaguarda de Vicktor Downson. Qualquer passo em falso chamaria atenção dos mesmos, que impediriam o plano de Maria Rosa. Com muita cautela, elas caminham rentes ao parapeito, buscando a discrição. Um dos seguranças resolve se aproximar ainda mais de Vicktor e chama os outros dois, conversando com eles. Um momento oportuno! A distração dos seguranças! E é nesse instante que Rosa sente que precisa agir: acelera o ritmo, sempre trazendo Lily às suas costas e ambas adentram no elevador.

— O que estamos fazendo? — a comerciante indaga levemente esbaforida, após ter se sentado no chão do elevador com as costas encostadas na parede lateral.

— Nos escondendo para você conversar com seu famoso. Lá embaixo você não teria a menor chance de chegar até ele. Ele vai ter que subir ou descer e tem grande probabilidade de usar este elevador e não o outro do corredor. A gente só precisa ficar quieta aqui nessa parede pra não aparecer naquela ali — Aponta para a parede de vidro do elegante elevador. — e

manter o elevador aqui. — diz e aperta o botão que mantinha as portas abertas. — Quando ele entrar eu fecho a porta e pronto.

— Rosa! Rosita! Você é um gênio das malandragens! Genial!

— Pode ser que dê certo, pode ser que dê bem errado.

— Não importa! Pelo menos a gente tentou algo inovador e eu aprecio isso!

— Tomara que ele não demore muito e que os seguranças não sejam maus.

— Ah que mal estamos fazendo? Apenas subindo para nosso andar no mesmo instante que Vicktor! Coincidência do destino não é?

— Você pode dar o nome que quiser. Eu chamo isso, na minha terra, de armadilha. — Lily começa a rir, se contendo para não ser ouvida, Rosa ri também.

As amigas ficam sentadas lado a lado com Rosa mantendo a porta sempre aberta. Os minutos foram passando e elas até pensaram que ele tinha ido embora por outro lado, até que:

— Ei! Escuta! Acho que eles estão vindo. — Maria cochicha.

— Finalmente!

— Assim que ele entrar eu vou apertar o botão de fechar a porta.

— Isso! Vai dar certo!

— Espero que sim. — dizendo isso, coloca o indicador por sobre os lábios para pedir silêncio, Lily assente.

Segundos depois, um homem muito alto e largo, usando terno preto e óculos escuros, entra no elevador. Um segurança. Rosa arregala os olhos porque foram descobertas e provavelmente Vicktor Downson foi conduzido para outro elevador. Mas não acontece nada, o segurança age como se não as visse e em seguida Vicktor entra muito tranquilo, até se dar conta das companhias. Rosa sai do transe e aperta o botão para fechar as portas, olhando para cima, para ver qual seria a reação deles, principalmente do segurança e se dá conta de que o conhece. É Abraham Telmo! Ele se mantém a frente do apresentador, como que o protegendo com sua enorme postura. Rosa olha com o canto do olho para a amiga e a mesma nem pisca.

— Tudo bem Telmo. Elas são apenas minhas fãs. Certo? — Downson pergunta saindo de trás de Telmo. Lily acena positivamente. — Ótimo! Não precisam ter medo, venham, vou dar autógrafos. — Vendo que ambas seguiam sentadas e imóveis, ele relaxa os ombros abrindo os dois botões do blazer e se agacha ficando na altura delas. — Oi meninas! Eu sou Vicktor,

tudo bem? Eu gostaria de subir para o meu andar, então Telmo vai apertar o botão ali para mim. Vocês vão ficar aqui sentadas? Ou gostariam de conversar?

— Conversar! Ai nem acredito nisso! — Yliany responde agora menos tensa, quase ela mesma.

— Ótimo! Então levantem! — Downson ergue-se e Lily o acompanha sorridente.

— Sou sua fã Vicktor! E minha mamá também! Ela é muito sua fã! Muito mesmo! E ela ficaria muito feliz se tivesse um autógrafo seu!

— Ah, sim! Claro! Autografo com prazer! — Lily dá um pulinho e pega seu digital do bolso, entregando para Vicktor Downson em seguida. Ele pega o aparelho e puxa do bolso sua caneta magnética, própria para escrever em telas digitais.

— Minha mamá vai amar!

— Qual seu nome e o nome de sua mamá? — pergunta com a caneta já posta para escrever.

— Me chamo Lily e mamá é Guadalupe. Mas pode colocar Lupe que ela vai adorar. — agita-se ao redor do apresentador, animada. — É como ela é chamada pelos amigos. Vai soar íntimo! Se não for muito incômodo, claro.

— Como quiser, Lily. — Vicktor começa a escrever uma dedicatória, a jovem comerciante quase nem cabe em si de ansiedade e alegria, tendo que se conter para não roer as unhas.

— Somos da família Erandi, sabe? Da Erandi Tecidos Tingidos. Uma fábrica têxtil familiar muito conhecida entre os comerciantes locais e alguns de outras cidades. Vendemos para a capital também! Duas lojas usam de nossos tecidos. São de qualidade. Seu terno é muito bem feito, tecido dos bons. — Ela pega na barra do terno analisando a textura. — Mas tenho certeza de que ficaria maravilhoso se feito com a marca Erandi. Seria um sonho confeccionar um terno para o senhor.

— Pois eu adoraria! Olha, vou deixar aqui meu número e vocês podem me ligar para dizer quando o terno ficar pronto. Eu vou pessoalmente buscar. Que tal? E aqui está o autógrafo para você e sua mamá. — informa devolvendo o digital. Yliany fica muda ao ouvir que ele havia aceitado a oferta do terno. Ela nem consegue desviar os olhos do aparelho vendo ali o número dele com o nome dele e na outra aba a dedicatória: *Para Lily e para Lupe com carinho e com os melhores votos de prosperidade. Não deixe de me acompanhar nas redes! Sempre com programas especiais para famílias*

especiais como a sua! Beijos e abraços, Vicktor Downson.

— Obrigada! Muitíssimo obrigada! Valiosíssimo! Mamá vai revelar e colocar numa moldura pra pendurar na parede da sala! Ela te ama muito Vicktor! Gratidão!

— Disponha! Fico feliz!

Lily saltita com sua conquista preciosa. Nem precisava mais ganhar o programa. A ida tinha valido muito a pena. Tinha conseguido ficar a sós com Vicktor Downson, conseguiu autógrafo com dedicatória e ainda faria um terno para ele. O que mais ela poderia desejar?

— Oi! E você? Venha, levante, quer meu autógrafo? — ele se volta para Rosa que estava absorta na conversa da amiga com *seu* celebridade. Também olhava vez ou outra para Telmo, para ver se ele se lembrava dela, mas ele seguia impassível, sem mover um único músculo que fosse para demonstrar o mínimo resquício de lembrança.

— E-eu? — assusta-se ao perceber que a pergunta foi para ela e gagueja apontando para seu próprio peito.

— Sim! É minha fã também?

— Desculpe-me, só estou acompanhando minha amiga. Você é o famoso preferido dela e da mãe, então eu quis ajudar para que ela tivesse uma melhor oportunidade. Eu não conheço o senhor, não tenho como ser fã.

— Ah, mas não seja por isso! Vou me apresentar! Levante-se! Por que está no chão ainda? Venha, está tudo bem. — Ele estende a mão para Rosa que olha para baixo. Então se levanta sozinha, não queria incomodar o apresentador com sua mão cheia de calos. — Então está bem. Assim é melhor para conversarmos, em condições iguais, certo? Em pé. Senão eu me sentaria junto, mas aí sujaria minha calça e minha estilista me daria uma bronca danada! Vocês não conhecem a senhora Brown! Ela é mais brava que o comandante de segurança! Não é mesmo Telmo? — Vicktor ri da piada interna.

— É mesmo senhor. — Telmo concorda, falando pela primeira vez desde que aquele encontro inusitado começou. Rosa fica confusa, não sabe bem do que estão falando, nem sabe o que é uma estilista. Ela resolve que encarar o chão é mais seguro. Lily ainda está perplexa com sua sorte de encontrar um famoso no elevador.

— Bem, me chamo Vicktor Theodor Downson, tenho 35 anos, o solteiro mais cobiçado de River. — Ele ri mais uma vez e aguarda as risadas que sempre vêm quando ele menciona esse fato. Dessa vez nada acontece, Rosa

nem está o olhando e não entendeu o que ele disse. — Bom, plateia difícil, prosseguimos. Sou apresentador oficial da emissora Nova América e criador do programa Rosas da Alma. Ideia minha, formato meu, um tiro no escuro que vai ser um sucesso! E vocês são prova disso! Aqui, buscando a chance do prêmio e de mudar de vida. Devem ser escritoras maravilhosas!

— Escrevo bem, mas Rosa é perfeita! — Lily retoma o foco da conversa.

— Sei disso, li os textos previamente selecionados de cada concorrente.

— Mal posso esperar por essa noite! — Lily exclama.

— Leu? — Rosa questiona como que para si mesma. Mas é ouvida.

— Li sim. É uma das funções do meu trabalho aqui no concurso. Além de apresentar. — Ele já tinha lido os textos. Ele conhecia uma parte de sua essência. Uma parte de sua alma.

— Sua vez de se apresentar. Só sei que seu nome é Rosa. O que mais?

— Meu nome?

— Isso!

— Maria Rosa Carmelo, senhor. — responde ainda com a fronte baixa.

— Vem de onde Maria Rosa? — Ele fica pensativo, analisando os gestos da menina, as roupas, os trejeitos.

— Do campo senhor.

— Pode me olhar Maria. Não vou morder.

— Ela é assim mesmo, é da educação dela. — Lily intervém pela amiga.

— Entendo, mas não quero que fique pensando que aqui você é inferior a mim ou a qualquer outro. Não é! No concurso todos os candidatos são iguais! — Rosa ergue o rosto e encara os olhos azulados de Vicktor Downson.

— Não nos sentimos iguais senhor. Não somos iguais. Sou do campo, da terra e tenho sido tolerada, como Lily e Avena, assim como se tolera os insetos enquanto são úteis. Na primeira oportunidade nos esmagarão. Já estão com os pés posicionados sobre nossas cabeças.

— Não, não. Imagino que deva apenas estar confusa com as novidades da capital e do mundo comercial. — Vicktor diz como se estivesse explicando para crianças. — As pessoas aqui precisam matar um leão por dia para se manterem no topo, sabe como é né? Você só precisa se encaixar e entrar no ritmo. Aqui no Mundo América enquanto estiver rolando o concurso, o lema é igualdade independente das estirpes, o que vai acontecer

vez ou outra é esse instinto dos participantes em conseguirem seus espaços, mas não por vocês serem de estirpe baixa, de jeito algum, esse comportamento é para com todos.

— Se permite dizer algo senhor...

— Claro, minha menina, diga. — Ele soa paciente e profissional. Rosa olha bem para os olhos do apresentador e, tomada de coragem, exprime o que guarda no peito desde que chegou à capital e no edifício:

— Há uma enorme diferença, grande demais para quem só está acostumado a olhar para cima consiga ver. Vocês precisam matar um leão por dia para se manterem no topo. Nós também temos o mesmo leão diário para derrotar, para nos mantermos vivos! E o que nos difere não é o animal, ele é o mesmo, o que nos difere está na forma como precisamos derrotar. Vocês têm armas, nós só temos nossas mãos. — Ela ergue suas palmas calejadas e marcadas, Vicktor encara as mãos da menina e engole, Telmo pigarreia antes de informar:

— Chegamos senhor Downson. — Vicktor desvia o olhar das mãos de Rosa para olhar para sua segurança.

— Um minuto Telmo. — pede erguendo o indicador.

— Sim, senhor.

— Menina... — O apresentador volta a olhar a camponesa, que estava tomada por um impulso onde não havia mais como voltar atrás, a mesma força que a motivava para descumprir as regras da mãe sobre os livros.

— Os outros participantes nos tratam com desprezo e nós só podemos tolerar. Já estamos acostumadas. Está tudo bem, podemos suportar. A única coisa que peço é que não menospreze isso, não diga que não existe, não diga que somos iguais. Nunca fomos. Mas tenho fé que um dia seremos.

— Menina, escute! — Ele se exaspera brevemente, aproximando-se ainda mais de Rosa, seus olhos frios, sem mais aquele calor de celebridade simpática. Um tom enevado de advertência: — Você tem um jeito muito perigoso, ainda não entendi bem esse jeito seu. Mas digo que é melhor você cuidar para quem faz seus discursos inflamados. Tome cuidado. Eu sou um cara muito paciente e não gostei do seu tom comigo. Existem caras que não têm a minha paciência e, numa hora dessas, você já teria evaporado daqui, na melhor das hipóteses. Guarde sua língua na boca que vai ser bem melhor! Nos vemos à noite no palco. Boa sorte! Vai precisar. — Ele se afasta, ajeita o blazer com uma puxada firme com as duas mãos e sai pela porta aberta, seguido por Telmo.



Pólvora

— E aí ele saiu bufando porta afora. Acredite se quiser.

— Rosa você disse isso mesmo a ele? — Avena olha para Rosa que apenas ouvia quieta o relato que Lily fazia do seu diálogo pouco amigável com Vicktor Downson.

— Disse — responde simplesmente, sem nenhum sentimento na voz. Ela não sabia bem o que sentir diante daquele ato que ousou fazer. Poderia ter arruinado sua única chance na vida de conseguir algo para sua família, se Vicktor a mandasse embora apenas pelo *discurso inflamado* como ele mesmo citou.

— Cara eu sou sua fã! Não acredito! Falou a ele uma boa parte do que está trancado aqui na minha garganta! Você é demais cara! Demais! — Avena abre o maior sorriso ao dizer, gargalha e sacode Rosa que sorri da animação espontânea da amiga por alguns segundos, para depois fechar o cenho novamente.

— Eu acho que estraguei muita coisa ao abrir minha boca. Lily era fã dele, assim como a mãe dela e eu ofendi o homem, criei um clima desagradável. Acabei com o encanto daquele momento pra você Lily. — diz para a comerciante num tom de culpa.

— Que nada! Eu não sou mais fã dele. Você me abriu os olhos, isso sim! Aquele babaca!

— Verdade? — Rosa questiona.

— Claro! Vou até deletar o autógrafo. Quando eu disser para mamá o que ele fez, ela não vai ser mais fã dele também. Faremos o terno porque somos profissionais, mas será apenas por isso. Vou virar fã da Pâmela Shaw do canal concorrente, ela tem programas quase sempre no mesmo horário dos

programas do Vicktor.

— Não está chateada comigo então?

— Claro que não! Ele que foi um asno idiota e não você.

— E se ele me tirar do programa ao vivo por causa disso? Posso ter acabado com minha chance. Às vezes acho que falo muitas coisas inapropriadas. — Ela recorda da mãe e das lições. Das vezes que Rebeca punia, que xingava, que batia com a vara. Sempre que Maria Rosa abria a boca para falar demais, questionar, exaltar, vinha a punição. Sem a mãe ali, ela estava sem os freios, será que realmente aprendeu alguma coisa? Será que a educação que recebeu se fixou? Ela temia que não. Estava quase certa de que não.

— Se ele te tirar do programa eu também saio, não sem antes abrir o verbo em pleno palco, ao vivo, pra essa nação de zumbis fúteis. Quebro a casa. — Avena comenta com seu tom rebelde natural e ajeita-se em sua cama.

— Eu saio também. E aviso no palco para mamá não mais amá-lo. Certeza de que ele vai perder muita audiência. — Lily diz resoluta. Avena sorri ao ver que realmente tinha pessoas que apoiavam seus ideais. Será que poderia se apegar assim? Amigas. Suas primeiras amigas. Uma família. Ela sabe que precisa se manter mais fria, senão as coisas seriam dolorosas quando tivesse que partir.

— Não! Não podem sair. Têm que continuar, ficar até o fim. Uma de nós tem que ser a vencedora! — Rosa se exalta. Não poderia tirar mais chances além da sua.

— Calma! Eles não são burros. Nós somos a mina de ouro desse programa. Não vão querer perder nós três. Ninguém vai sair. — Avena menciona totalmente relaxada em seu leito, com as mãos postas atrás da cabeça.

— Avena está certa. Sem a gente, esse programa não será interessante. Não vai trazer audiência. Eles sabem do nosso potencial para atrair telespectadores.

— Fica tranquila Maria. Ele não vai te mandar embora. Não assim. Ele vai deixar o programa correr e vai adorar ver o que temos para mostrar. Somos um mistério, somos pólvora e isso é bom para esquentar as coisas num reality. — Avena explica usando de sua experiência. Pausa alguns instantes, ergue-se, ficando novamente sentada e olha fixamente para as meninas enquanto diz: — Mas se um dia ele sequer ousar tocar em qualquer

fio do cabelo de vocês ou ameaçar suas vidas e de suas famílias, ele vai se ver comigo. Eu acabo com a vida dele e de qualquer um que quiser machucar vocês. Não tenho nada a perder. Não me importo de explodir antes da hora. — dizendo isso, volta a deitar, como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse causado um impacto nas duas amigas.

Horas mais tarde, depois de deixarem o quarto de Avena — sem aquela preocupação da primeira visita, agora sabendo que ninguém se importava com os passeios delas pelo andar —, as meninas do 901 se preparam para a grande noite da estreia do programa, quando o apresentador chamaria os doze selecionados.

Lily penteava os cabelos longos com esmero, queria que ficassem perfeitos. Usaria sua melhor fita para prendê-los, uma fita da marca Erandi. Óbvio. Maria Rosa aguardava com paciência olhando pela janela. Estava sem seu caderno, seria devolvido apenas mais tarde, então ela estava sem poder expressar o que sentia. E era muita coisa. Sua mente imaginava como seria o palco, a apresentação dos candidatos, as músicas que tocaria. As cores das luzes, das roupas das pessoas, os cheiros. Imaginava se chamariam seu nome entre os doze; ou se a deixariam para trás; se a mandariam embora com chutes e pontapés, ameaças; se viraria chacota pelo atrevimento. Isso não a assustava. O que a deixa com medo é a possibilidade de irem atrás de sua mãe para machucá-la, descobrindo o irmãozinho escondido, machucando-o também, ou pior, levando-o embora. Isso não! Isso Rosa não suportaria. E se, além disso, ferirem Avena e Lily se elas se posicionarem? Tinha muita coisa em risco por causa dela, da atitude impensada de mais cedo ao sair falando o que bem queria para a pessoa errada.

— Está pronta Rosita?

— Estou sim.

— Venha cá, deixa eu te ver. — Rosa levanta da cama e fica em pé perto de Lily. — Você é mui hermosa. Bonita. Até mesmo por debaixo de todo esse uniforme cinza. Veja seu cabelo! Tão belo! — Ela analisa as vestes de Rosa, sua mente processando mil ideias. Rosa apenas aguarda sem saber como reagir aos elogios. — Com sua roupa eu não posso fazer nada porque você precisa ir com o traje da sua estirpe. Ela não te deixa feia, não mesmo. Apenas esconde seu brilho, porém é importante que use, é o que te torna especial.

— Não me importo com isso Lily, de verdade. Não tenho vaidades. Não me incomodo com minha aparência.

— Eu sei que não. Mas eu quero que você comece a mudar isso. Comece a gostar mais de você e de como se vê. Sei que não quer se olhar no espelho ainda, não vou forçar isso, só quero que acredite no que eu digo: você é bela e estará bela essa noite para o país todo te ver. Ver o que eles querem esconder, o que eles insistem em tratar como nada. Você pode nem saber, mas está prestes a se tornar porta-voz de toda uma estirpe, Rosa! Um povo todo que estará de olhos grudados em você para que um mundo inteiro veja a vida que os camponeses levam. Entende? — Maria Rosa assente rapidamente. Lily busca os olhos de Rosa, que se nega a encará-la. Dificilmente Rosa olha nos olhos, acostumada a sempre se manter solícita. A não ser nessa tarde, quando mergulhou no azul gelado dos olhos de Vicktor Downson. O que deu nela para tamanha ousadia? — O uniforme sufoca sua beleza, porém retrata sua vida, vamos mantê-lo, mas com seu cabelo eu posso dar um toque para que fique ainda mais maravilhoso. Espere aí! — Sai pulando até sua maleta, retirando um lenço colorido com tons de vermelho acentuados. — Olha!

— É lindo! — Rosa encanta-se com o tecido fino e fluido que se retratava em cores alegres.

— Pega! — Yliany entrega o tecido nas mãos da amiga, que sente a textura ao deslizá-lo pelos dedos e palmas.

— Tão macio! Parece que estou tocando a brisa da primavera! — Soa encantada ao fechar os olhos e se ver correndo de encontro ao vento numa manhã ensolarada, de braços abertos, livre.

— É seu! E se usa assim. — Sem dar tempo de Rosa entender o que estava acontecendo ou negar o presente, Lily tira o lenço de suas mãos e passa por seus cachos frondosos e exuberantes, prendendo com maestria no topo na cabeça como uma tiara. — Ah! Perfeito! Seu rosto! Está enfim aparecendo! Bela! Bela! Bela! Mui hermosa! Um primor! — diz eufórica juntando os dedos, beijando as pontas unidas e jogando o beijo no ar, num gesto muito característico.

— Tem certeza? Não sei se posso aceitar isso. Deve ser caro! Minha mãe vai me mandar devolver.

— Melhor! Assim ela deixa você ir à minha tenda e a gente poderá conversar. Claro que não quero que me devolva, ela pode aparecer na nossa tenda e eu explicarei, não tem problema.

— Eu não sei como agradecer ao presente. Não tenho como retribuir.

— Você fez muito hoje ao relatar nossa dor ao Vicktor. Você lutou por

nossos direitos. Colocou um superior em seu lugar. Eu deveria te dar um caminhão de lenços isso sim.

A campainha soa, o nome da monitora aparece no topo. As meninas sabem que é chegada a hora, Bree veio buscá-las.

Seguindo Bree pelos corredores em um silêncio que cabia um mundo de pensamentos, indagações e conjecturas, elas chegam no último andar, destinado inteiramente para os estúdios dos programas da emissora. Elas olham ao redor, observando cada detalhe de cada parte. Pessoas andam de um lado a outro, umas mais devagar, outras com pressa para cumprirem horários e metas. O movimento maior se dava na ala mais afastada do andar, onde as amigas descobriram que ficava o estúdio do Rosas da Alma pela placa luminosa que se destaca por sobre a porta. Ali a circulação é frenética, pessoas entram e saem com rapidez, se chocando e esbarrando umas nas outras, mesmo com a larga porta automática.

— Bem meninas, minhas jovens pupilas, aqui é a entrada dos participantes e auxiliares do programa. Produtores, maquiadores, estilistas, cabeleireiros, staffs e ajudantes em geral. Vocês entram por aqui. Está bem? Mas não se preocupem. Estão sob minha tutela, então, ficarei com vocês, qualquer dúvida estarei a postos para atender, basta me chamar por aqui. — dizendo isso, Bree lhes mostra um ponto eletrônico minúsculo, instalando em seguida no seu próprio ouvido. Depois ela pega mais dois e pede licença para colocá-los nos ouvidos de suas tuteladas.

— Como funciona? — Yliany indaga curiosa tocando no ponto já instalado em seu ouvido esquerdo.

— É só tocar nele, soltar e falar. É muito sensível e está adaptado para captar somente a sua voz. É personalizado. Para que a fala seja encerrada, toque novamente. Bem simples. Testem! — Bree propõe com seu eterno ar solícito pouco natural, porém esforçado. Quase autêntico.

As meninas testam, uma de cada vez; Lily primeiro, se encantando com o resultado. Bree falava dentro de sua cabeça de forma bastante sutil. Rosa, por sua vez, consegue usar o aparelho, mas não se sente tão empolgada com aquilo quanto sua amiga. É estranho pensar que alguém pode te ouvir mesmo estando tão longe, quase como ler pensamentos.

— Eu adorei isso! Muito interessante, não acha Rosita?

— É mesmo interessante.

— Muito simples, não é? Basta tocar, me chamar e eu chegarei em segundos, no mais tardar alguns minutos a depender da distância. Agora

entrem, está na hora. Lá vocês serão recebidas por Micha e Kate, eles estão no aguardo. Nos vemos antes do palco ou se precisarem de mim. — informa e gesticula para que as meninas andem até a porta, vendo que elas iam, vira as costas e se vai para suas outras tarefas.

— Vamos Rosa. Está nervosa? — Lily pergunta enquanto caminham lado a lado até a grande entrada.

— Pelo programa em si não. Só com medo de que façam algo contra nós, contra você e Avena e minha mãe.

— Medo de que te mandem embora e a gente se rebele por você?

— Exatamente. Não quero que façam mal a vocês e nem a minha mãe. Podem puni-la por me ter como filha.

— Vai ficar tudo bem. Escute, — Lily pausa o caminhar, posicionando-se na frente de Rosa, segurando-a pelos ombros. — estou com você e não vou deixar que nada de mal aconteça, nem comigo, nem com você. Sei que Avena sabe se cuidar, que ela pode fugir pelo mundo, mas você tem sua mãe e teme por ela. Quero que saiba que se precisar eu darei abrigo para vocês na minha casa. Vocês não ficarão sozinhas em nenhuma hipótese. Aconteça o que acontecer, se precisarem fugir, se esconder, contem com meu lar.

— Mas comerciantes não se misturam com outras estirpes. — Rosa balbucia.

— Não importa. Mamá e papá são compreensivos e nunca deixariam amigos precisando de ajuda. Não se preocupe. Darei um jeito. Só confie em mim. Dou minha palavra e palavra de Erandi tem muito peso, vale mais do que ouro.

Rosa queria ficar mais tranquila com aquela proposta, mas havia seu irmãozinho e ninguém poderia saber de sua existência, do contrário perderiam muito, teriam que lidar com a severidade dos fiscais, ficariam sem o alimento e poderiam ficar sem José também. Deus tenha misericórdia!

Ela assente e tenta esboçar um sorriso de gratidão, porém sabe que não pode aceitar aquela ajuda. Teria que lidar com suas consequências de outro modo; esconderia José ainda melhor, se colocaria como única culpada para evitar que a mãe sofresse punições. Qualquer coisa, menos pôr sua família em risco, seu amado irmão em risco.

Como que lendo o impasse doloroso de Rosa, Lily a abraça para confortá-la e repete em seu ouvido que tudo ficaria bem. Maria Rosa anui, fingindo que a solução tinha trazido alívio para seus temores. Não trouxe nenhum, só a certeza de que Lily é a irmã que nunca poderia sonhar em ter.

Elas voltam a caminhar para a porta, lado a lado. Lily confiante, Rosa tensa, só que sem nenhum desejo de voltar atrás. Ela seguia em frente, pronta para o próximo passo, para descobrir o que viria depois, além daquelas paredes.



Trabalho em equipe

A camponesa e a comerciante adentram no estúdio. Seus olhos têm pouco tempo para descobrir as novidades daquela primeira sala, pois assim que entram, são literalmente empurradas por um par de mãos em suas costas.

— Vamos, vamos meninas, estamos atrasados! — Elas ouvem a voz de quem as guiava, sem muitas cerimônias, pelo estúdio adentro. Lily olha para trás para ver quem as conduzia e se depara com um rapaz loiro, magro e alto. Não consegue ver mais do que isso. — Não se distraia mocinha, foco, precisamos chegar imediatamente no camarim, tenho muito trabalho com vocês! — Lily obedece, voltando a olhar para frente. O trio segue, esbarrando vez ou outra em pessoas que circulavam pra lá e pra cá, até chegarem a uma sala cuja porta branca estava parcialmente aberta, nela Rosa leu: *Camarim Rosas*. — Chegamos! Venham! — O rapaz passa por elas e abre a porta com um empurrão leve. — Você, na cadeira cinco — diz para Rosa. — e você, ali na doze. — Ele aponta para Lily. — Rapidinho, rapidinho! — Bate palmas para ressaltar sua pressa.

As meninas se dirigem até as cadeiras indicadas, não sem receber olhares de repreensão e desprezo por parte dos demais participantes que ali estavam. Rosa senta-se e baixa a cabeça rapidamente. Há um espelho enorme cobrindo toda a extensão da parede. Ela não pode se ver. Sua mãe não permite e ela não está pronta para quebrar essa regra. Decide olhar para suas pernas, para o piso encerado, para o pouco que conseguia identificar das cadeiras ao lado.

Olhando sua esquerda, vê de soslaio que é uma moça que está ali sendo atendida. As mãos estão sendo amparadas por uma mulher que pinta suas unhas, os pés massageados por outra mulher. Ela é branca e tem cabelos

amarelos e longos, o suficiente para que Rosa consiga vê-los sem erguer a cabeça, sua roupa é rosa e ela usa uma pulseira dourada no pulso direito com uma palavra escrita em relevo na placa central: Lolly. Maria Rosa não consegue ver seu rosto, pois teria que olhar para cima, mas recorda-se de quem ela é. É a moça que viu no primeiro dia quando foi almoçar. Candy Lollypop Marshall. A herdeira das balas Lolly. A garota fútil e boba que Lily disse que era bom ficar perto. Bom, Rosa está perto dela agora, já é um bom começo.

Olhando para a direita, vê botas e pernas masculinas, uma bermuda verde escuro. O rapaz sentado ao seu lado está mexendo num aparelho digital enquanto um homem corta seu cabelo, Maria Rosa vê alguns tufoes caindo. Ela não se lembra desse rapaz, Lily provavelmente deve ter dito quem era, em um dos almoços, mas para Rosa, eles eram todos tão parecidos que ficava difícil identificar e lembrar.

— Mocinha! Tudo bem?! Nos vimos agorinha, vou me apresentar: me chamo Micha, Bree deve ter falado sobre mim. — O rapaz que tinha a empurrado até o camarim, chega por trás de Rosa na cadeira. Ela sabe que é ele pela voz. — Hoje eu cuidarei das suas madeixas e da sua *make* para que fique radiante no palco, afinal, é televisão né meu bem e todos querem ficar um luxo em frente às câmeras. — Por perceber que Maria não se mexia ou se empolgava com sua animação característica, ele balança a cadeira e exclama: — Mas que desânimo é esse, criatura?! Acorda pra vida mulher! — Rosa quer rir do jeito como ele fala. Micha nota que enfim surte efeito sua tentativa de animar a mocinha bicho do mato. Baixando seu tom ele pede: — Levanta essa cabecinha linda, quero ver seu rosto pra estudar a melhor *make* pra sua pele. — Ela não entende do que especificamente ele está falando, não sabe o que é uma *make*, mas fecha os olhos e faz o que ele pediu. Micha se aproxima, abaixando-se para ver mais de perto o rosto da camponesa. — Sua pele é formidável, macia como uma pétala. Seu nome é alguma flor, não é?

— Maria Rosa, senhor. — Ela fala então, mantendo os olhos fechados.

— Senhor está no céu minha querida! Pelo amor de *God*! Sou muito jovem para ser chamado de senhor. Me chame de Micha ou de soberano da maquiagem. Qualquer um estará ótimo para mim.

— *Make* é maquiagem?

— *Yes*! E eu te deixarei divando, pode confiar! Quanto ao seu cabelo, gosto dele. Tem estilo, vigor. — Micha mexe nos cachos, sentindo textura e peso. — Só estão um pouco desidratados, nada que uma hidratação profunda

com definição de cachos não resolva.

— Seria deselegante eu pedir que não faça nada com meu cabelo e com minha pele? — Ela pergunta olhando para suas mãos postas em seu colo.

— Como assim gente?

— Eu venho do campo e lá não temos nada disso. Quero ser eu mesma. Representar minha estirpe por completo.

— *Own!* Você é a menina do campo! Claro! Sou tão distraído! *My gosh!* — Ele bate em sua própria testa. — Entendo seu pedido. E você não está nada mal. Vou deixar exatamente como está. Gostei do lenço, inclusive.

— Ganhei da Lily. A menina que veio comigo.

— Ah uma graça ela! Está com Kate, minha mulher, logo ali. Cada um dos participantes tem um cabeleireiro e maquiador próprio. Chique né? Eu sei. Kate e eu somos do *staff* de vocês duas. Cuidaremos de vocês com tudo referente ao programa.

— Desculpe por não deixar você fazer seu trabalho comigo.

— Que nada! Até é bom que fico uns minutos de folga. Estou cansadíssimo menina! Mas não pense que desisti de você não. Você vai ter que me prometer que um dia vai me deixar te dar um dia inteiro de beleza. Cabelos, unhas, pele, roupas. Um geralzão! Promete?

— Prometo, Micha.

— Maravilha! Estamos acertados então. Vou até me sentar. — dizendo isso, ele puxa um banco estofado preto, sentando-se próximo de Rosa. — Ai, ai, exausto, garota!

— Quer que eu busque algo pra você?

— *What?! Are you crazy?!* Não, não! Aqui você é a celebridade meu bem. Eu sou o empregado. Eu que busco coisas pra você, pelo período todo em que você ficar no programa.

— Mas você é um superior...

— Sou um superior disciplinar, dono da minha rede de salões, estudei muito para isso, mas fui contratado pela emissora e aí gata, eles mandam e eu obedeço. Sou pequeno perto dos monstros da classe alta, dos donos de fábrica e de emissoras. Que, querendo ou não, são fábricas que produzem programas e shows. Artistas, meu bem, são pequenos, sempre serão, não importa o quanto a gente sue e lute e ganhe milhões — o que é bem difícil, diga-se de passagem — quando um dono de fábrica chama e manda, a gente vai e faz.

— Ainda assim você é superior a mim.

— Aqui dentro não. Segundo as regras do programa, as estirpes não têm influências por aqui. Todos vocês, candidatos, são iguais para tudo, independente de onde vieram. E nós os ajudamos.

— Não é o que eu vejo...

— Obviamente. Na teoria deveria ser assim, mas a gente sabe que dinheiro fala mais alto. Qualquer um daqui, esses candidatos todos, — ele reduz o tom de voz, para se misturar no burburinho do salão de beleza. — quando o programa terminar vão sair e continuar sua vida rica, podendo acabar com qualquer um de nós num estalar de dedos. Então *honey*, a gente faz o que pode, porque na prática é tudo bem diferente. Eu estou fazendo minha parte e seguindo os preceitos que o senhor Downson nos passou: trato todos maravilhosamente iguais. Kate também. Quanto aos outros, bom, aí não sei dizer.

— Você está sendo muito bom mesmo. Te agradeço por isso.

— Imagina gracinha! Ei, mas por que você só olha para baixo? Pode olhar para mim, para os outros, para o espelho. É tudo seu também.

— Eu não sei explicar, só não consigo fazer essas coisas. Desculpe.

— Não consegue ou tem receio?

— Olha só! Parece que o papo está muito bom aqui! Querido, você não fez nadinha de nada na menina! — Constata uma voz feminina que Rosa ouve às suas costas. Micha se levanta do banco e gira a cadeira de Rosa para ela ficar de costas para o espelho e de frente para a voz que havia chegado.

— E você acha que eu preciso fazer alguma coisa nessa menina? Veja bem Katherine! — Ele aponta, mostrando Rosa, que timidamente começava a erguer a cabeça para olhar para cima.

— Nada! Nadinha! Ela já nasceu pronta! Que pele é essa?

— De pêssego não é? Rosa deixa te apresentar: essa é Kate, minha esposa e parte da equipe sua e de Lily.

— Olá! Prazer em conhecê-la! Lily me falou de você, na verdade, ela falou bastante sobre você. — Ri. — Deve ser uma pessoa ótima. — Rosa vislumbra a figura de Kate: alta, ombros e tronco largos, cabelos amarelos ondulados, parece estar na faixa dos trinta anos. Usa um macacão jeans por cima de uma camiseta branca. Muito bonita e parece simpática. Espera que ela seja legal, porque Micha merece alguém muito bom. Pelo pouco tempo que teve com seu cabeleireiro, acabou nutrindo enorme apreço por ele.

— Lily fala por nós duas mesmo. Prazer em conhecê-la também.

— Veja! Você conseguiu conquistar a simpatia da Maria Rosa mais

rápido do que eu. Não é justo! Só porque você tem essa carinha de anjo? Preciso fazer uma plástica pra ontem!

— É o meu charme querido. Agora vamos ao que interessa. Tudo pronto aqui? Lily está pronta e os outros concorrentes pelo que vejo estão se encaminhando, acho que estamos bem adiantados então com nossas meninas.

— Somos os melhores, meu amor! — Eles batem as mãos numa comemoração. — Eu não entro nesse jogo pra perder não! Se bem que eu nem precisei fazer nada...

— A sorte contempla os vitoriosos, não se esqueça! Vamos levá-las?

— Pronta? — Micha pergunta para Maria.

— Pronta. — Maria responde imediatamente.

— *Let's go baby!*

Eles vão até a cadeira doze, onde Lily aguarda sentada alisando os cabelos com uma prancha de última geração. Vendo que Rosa chegou acompanhada dos *staffs*, a comerciante se junta a eles, indo em direção da porta do final do salão, oposta àquela por onde entraram. As amigas estavam contentes com a aproximação do horário do programa e por se sentirem muito especiais. Estavam tão bem e despreocupadas que nem precisaram contatar Bree. Micha e Kate seguiam atrás delas, comentando sobre esse ou aquele detalhe no visual das suas protegidas.

— Hei! 901! Onde pensam que vão sem mim? — As meninas viram em direção ao chamado, encontrando Avena sentada em uma cadeira, a última do salão.

— Avena! Que bom te ver aqui também! Estamos prontas indo para o palco! E você? Também vem?

— Estou esperando meu *personal* sei lá o quê vir me liberar pra ir. Acho que ele ficou irritado porque eu não deixei encostar em mim. — diz e gargalha. — Bom, acho que não vou esperar aquele mimado, vou com vocês.

— Avena, esses são Micha e Kate, estão com a gente, da nossa produção. Não é legal? — Lily apresenta.

— Como vão? Por acaso sabem onde está um tal de Rick?

— Aff, Rick é um insuportável, deve estar te dando um gelo. Mas não temos o que fazer, você deve esperar por ele. — Micha responde, causando desapontamento nas três meninas.

— Bom, paciência então. Vou esperar o criancão. Vejo vocês no palco!

— Até logo! — Rosa acena.

— Vê se não demora muito! — Lily pede, mesmo sabendo que Avena

nada poderia fazer quanto ao atraso.

— Tem gente que não sabe ser profissional mesmo. Rick é um pé no saco! Deveria já ter liberado a garota mesmo sem ter feito nada nela, temos horário pra cumprir. — Kate comenta quando voltam a caminhar.

— Deixa ele. Melhor para nós.

— Avena não merece isso. Ela deveria ter a mesma equipe que Lily e eu. Estamos praticamente sobrevivendo a tudo aqui juntas.

— Concorde com a Rosita.

— Acalmem-se meninas. Vou ver o que posso fazer pela amiga de vocês. Ela é diferente, né? Gostei do estilo cabeça raspada. Moderno. Ela é modelo? — Micha pergunta curioso.

— Não. É do campo. Do meu povo. Rasparam a cabeça dela de um modo que os cabelos nunca mais vão crescer. Foi punida. Vive na rua. É sozinha. Só tem a nós. Mas é a pessoa mais forte que eu conheço. Se puderem, arrumem uma pessoa melhor para ajudá-la.

— Ai jura? Gente! Estou perplexo! Não se preocupe *honey*, o soberano Micha aqui vai dar um jeito nisso.

Os quatro percorrem alguns corredores até chegarem ao estúdio principal. Chegam com antecedência, assim conseguem bons lugares na fila para a hora da entrada no palco.

— Prestem atenção: eles vão querer passar por cima de vocês. Fiquem firmes, marquem seus territórios. Chegaram aqui primeiro. Não deixem que tomem seus lugares. Nós vamos estar aqui na salinha do lado, temos pontos eletrônicos também, basta apertar duas vezes nele que vai abrir chamada para nós. Apertando uma vez, chama a Bree. Certo? — Micha passa instruções. Elas assentem confiantes. Eles se vão com sensação de orgulho de suas pequenas.

Em seguida os outros começam a chegar, sentando-se na sequência atrás de Lily e Rosa, para desagrado da maioria. A música começa a aumentar de volume, ouvem-se aplausos, ruídos da plateia, a voz de Vicktor ecoa vez ou outra quando ele entoa a voz de forma mais intensa para gerar emoções no público.

— Certo garotas e garotos! — Um produtor surge na porta. — Estamos nos comerciais, no próximo bloco é a vez de vocês, vai começar! Quando chegar a hora de entrarem, haverá uma contagem regressiva bem aqui. — Ele aponta para o topo da porta. — no zero vocês entram na ordem e procurem os lugares no palco. Tem cadeiras circundando todo o lugar. Arrumem-se lá

como acharem melhor. O show vai começar e aí é com vocês. Sejam vocês mesmos. É disso que o público gosta.

Lily pega a mão de Rosa, segurando para passar confiança e tranquilidade mútua. Elas ficam assim até verem o sinal da contagem no painel. Três. Dois. Um. Zero! Elas nem se dão conta quando muitos começam a passar na frente delas. Resolvem se enfiar entre eles, buscando a boa posição de novo, num embate entre ombros e braços. Estavam ficando para trás por serem inexperientes. Começam a ouvir a voz de Micha e Kate nos ouvidos, dizendo para irem logo, mas não conseguem se mover. Um dos garotos, muito grande, passa de forma grosseira, empurrando-as com força com as duas mãos. Elas caem no chão e sentem a dor nas costas pelo impacto, ficando tontas e ainda mais atordoadas naquele meio, como se não houvesse cem pessoas e sim mil, ali naquela antessala.

— Otárias! — Ele ri com os outros.

— Ei, grandão, acho que esqueceu isso aqui! — Ao ouvir ser chamado e tocado, o garoto vira-se e recebe um soco em cheio na boca, fazendo-o perder os sentidos quase que imediatamente. — Nunca mais bata em meninas, ouviu bem? Idiota! — cospe as palavras. — Dá próxima vez eu arranco seu saco fora! Imbecil! Covarde! — As meninas reconhecem Avena, os demais saem de perto dela. — Meninas, está tudo bem? — pergunta, checando se não estavam machucadas. — Eu vi o que aquele escroto fez com vocês. Ele não vai fazer mais. Garanto. Venham, eu vou levar vocês lá pra frente. — Ela ajuda as duas a se levantarem.

— Você chegou! — Lily comemora ainda levemente desorientada.

— Estamos bem. — Rosa responde.

— Ficam dois minutos longe de mim e já se metem em confusão! O que eu faço com vocês, hein? — Avena diz auxiliando-as para andar entre os participantes, segurando cada uma pela mão, coladas em seu corpo, como uma mãe carregando seus filhos por um local movimentado. — Saiam da frente! Eu sou uma experiência científica, altamente radioativa, saiam de perto de mim! Estive em laboratórios, vi o inferno e vou levar vocês até lá se me irritarem. Tô avisando amigavelmente! Se não quiserem ter o mesmo fim do garotão ali, é bom saírem! — Ela grita enquanto vai passando, conseguindo deixar muitos para trás, assustados com o que ela dizia. Nunca tinham visto uma mulher de cabeça raspada, não podiam arriscar.

Elas enfim ultrapassam uma porta e se deparam com muitas luzes, brilhando, girando, refletindo. Chegaram ao palco, enorme e repleto de gente

na plateia de olhos grudados nelas. No centro, o apresentador fala inúmeras coisas apontando para elas.

Rosa não consegue fixar nada do que ele diz, sua mente não quer aquilo, está longe, perdida em pensamentos, se encantando com as novidades, suspensa naquela atmosfera.



Os doze

O que antes parecia rápido, rápido, cada vez mais rápido, de repente ficou lento, lento, tão lento! Como se o tempo tivesse parado: pausado os segundos, freado o compasso dos centésimos, congelado totalmente.

Rosa via tudo ao seu redor de forma vagarosa, parecia que havia mergulhado no fundo das águas de um rio caudaloso.

Pessoas, sons, luzes, girando e pairando. O país inteiro de olhos nela. Gente que ela nunca viu e nunca verá, encarando-a naquele instante. Sabendo dela coisas que ela nunca saberá deles. Não parece justo, parece irreal. Mas não é.

Então, um baque a traz de volta para o momento, para a realidade. O fluxo dos outros participantes correndo solto, fazendo-a ter que andar, tirando-a do marasmo sonhador. Avena e Lily, que haviam seguido adiante, retornam para resgatar Rosa, solitária nadando naquela correnteza.

— Vamos Maria! O que está fazendo aí parada feito um dois de paus? — dizendo isso, puxa-a junto de si mais uma vez. — Venha, depois que a gente sentar, você vai poder olhar tudo.

Elas encontram cadeiras lado a lado, posicionadas com mais noventa e sete, formando um semicírculo ao redor do palco. Avena senta-se no meio, entre elas, respira fundo e pergunta:

— Tudo bem com vocês?

— Estou bem. — responde Rosa. Ela nem se lembrava da dor da queda, poderia até dizer que nunca caiu, ficou no passado, há séculos, sua atenção se tornou apenas o palco e o presente. Dúvidas, receios, ansiedade, curiosidade, animação, preocupação. Tudo ao mesmo tempo percorrendo em sua mente. Ela começa a observar ao redor, o barulho dos demais inscritos, seus gestos,

seus rostos tensos. Eles também estão receosos como ela. Iguais. Nada de estirpes. Apenas humanos, pela primeira vez.

— Estou bem também. Foi só um susto, mas perdi meus óculos.

— Perdeu? Quando? Agora? — Avena indaga percebendo que realmente a comerciante está sem o par de óculos.

— Não, na queda. Deve ter sido. Só me dei conta quando chegamos ao palco.

— Consegue ver sem eles?

— Quer que eu busque pra você? — Rosa propõe prestes a se levantar.

— Não Rosa, eu posso pegar depois. Estou vendo apenas borrões, mas são lindos borrões, garanto.

— E se precisar se levantar? Peça que Kate ou Micha tragam pra você.

— Maria tem razão.

— Não se preocupem, sou acostumada, vai dar tudo certo.

— Fica perto de mim então, quando precisar se levantar para algo, vou junto.

— Sem problemas, estou bem.

— Shhhhh! Quero ouvir o apresentador! — Uma das garotas, já zangada, retruca olhando para elas. Rosa esqueceu o nome dela, só recorda que ela é herdeira de uma indústria de refrigerantes.

— Ok. Ok. — Avena anui.

— Desculpe. — pede Lily constrangida pela matraquice.

Maria Rosa nada responde, porque está atenta a Vicktor antes mesmo da garota dos refrigerantes reclamar. Ele fala em ampla voz e aquela voz potente parece que conversa diretamente com ela. Aqueles olhos azuis parece que estão fixos nela. Cuidando cada movimento, cada piscada. Ela não pode perder isso, pois sabe que sua permanência no programa está mais do que nunca nas mãos dele. Ela não pode parecer derrotada. Não pode parecer com medo. O medo entrega tudo, o medo te enfraquece, o medo confessa o arrependimento e é isso que Vicktor busca nela como um cão farejador: uma brecha, uma falha, um tremor. Rosa percebe então que não está arrependida das palavras que trocou mais cedo com Vicktor. Mesmo com medo de prejudicar sua chance no programa, com medo de punirem sua família, ela faria e falaria tudo outra vez. Ela não sente arrependimento. Isso a assusta mais do que qualquer coisa.

— Aqui estão! Os cem jovens escritores da nossa geração! Sim, senhoras e senhores, ainda existe quem escreva! Acreditem se quiser! Após

pensarmos que estavam praticamente extintos, eis que nos surpreendemos com a presença de não meia dúzia como bem pensávamos, mas de cem escritores! — Vicktor Downson exclama, falando para o público ali presente e para as câmeras, com todo o seu carisma e simpatia, recebendo uma chuva de aplausos eufóricos. Muito experiente na arte de entreter, sabe exatamente como e quando falar, como se mover, como gesticular, como olhar e comover. — É mesmo impressionante, estou sinceramente emocionado. Vocês podem me perguntar a razão de minha emoção, já que não sentimos falta de ler, temos aplicativos que suprem essa necessidade, mas saber que temos essa raridade aqui conosco, prestes a participar do maior e mais inovador *reality show*, me deixa sem palavras. Apreciem esse momento! Pode ser o último!

Rosa vê que ele enxuga os olhos. Ele está mesmo chorando? Rosa deduz que não. Aquele homem no elevador, aquele que a fuzilou com o olhar, não choraria de verdade por tão pouco. Só podia ser fingimento pra conquistar quem o assistia. Pessoas simples como Lily e a mãe dela. Resolve olhar para sua amiga, ver o que ela está sentindo pelas palavras de seu antigo ídolo. Lily o encara com a expressão confusa; não o vê por estar sem seus óculos, mas o ouve e está dividida sobre o que pensar a respeito. Rosa sente pena dela.

— Ele é o maior otário Lily, não vale um centavo, não acredite nessa farsa! Sei que está magoada com ele, por ter visto a forma como ele agiu mais cedo. Sei como é acreditar muito numa pessoa, achar que ela é diferente de todas as outras para depois levar um banho de água fria com direito a soco no estômago e chute no saco — que você nem ao menos tem —, mas acredite em mim, quanto antes deixar isso pra lá, melhor. — Avena aconselha da forma mais gentil que pode.

— Ele é sempre assim? — Rosa pergunta para Lily que reflete as palavras de Avena.

— Não. Ao menos nunca o vi chorando antes. Ele é sempre alto-astral e animado. Fez programas emotivos, claro, mas nunca chorou, ou fingiu chorar, não sei.

— Quer saber? Não duvido nada de que esteja emocionado, mas deve ser pelos milhões entrando em sua conta com a audiência que deve estar imensa. Não acredito em nenhuma lágrima dele.

— Não estou magoada por mim, sabem? Mas por mamá. Ela realmente o ama, o considera um bom homem pelos vários programas beneficentes que fez, vai ser difícil desapontá-la contando a verdade. Ela deve agora estar aos

prantos na frente da tevê por três motivos: por eu estar aqui aparecendo para ela e para todo o país, por vê-lo emocionado e por me ver perto dele. Deve estar banhada em lágrimas por tanta emoção. Pobre mamá!

— Odeio gente que brinca com o sentimento alheio. Canalha aproveitador! — Avena xinga olhando para ele que falava qualquer coisa para a câmera.

— Tá tudo bem. Fique calma. Temos que manter a aparência se quisermos entrar nesse programa, depois a gente pensa no que faz.

— Eu sei, eu sei. Mas minha vontade é ir até ele e sentar um murro naquela cara engomada!

Rosa dividia sua atenção entre a conversa das amigas e o discurso de Vicktor sobre seu novo programa e os participantes, contando brevemente sobre a seletiva inicial.

— E chegou a hora que todos aguardávamos ansiosamente! A escolha dos doze! Preparados? Que rufem os tambores! — O som dos tambores ruge pelo estúdio ao pedido do apresentador. Ele diz olhando para a plateia e para os concorrentes que expressavam diversas sensações por aquele momento; desde contentamento, aflição, nervosismo à completa indiferença. — Chamarei por ordem alfabética e quem eu chamar, gostaria que se dirigisse até o centro do palco. Certo? — pergunta para eles, que acenam em positivo. — Muito bem! Em minhas mãos tenho a lista. — Ele sacode um tablet que recebeu de uma moça da produção, Rosa achou parecida com Bree, mas não conseguiu ter certeza. — Não foi uma tarefa fácil senhoras e senhores. Minha equipe e eu lemos cada um dos textos dos participantes e nossa vontade era de escolher muito mais do que apenas doze, porém, infelizmente, são as regras do jogo, temos que segui-las. Enfim, sem mais delongas, vou começar.

— Ai meu coração! Acho que vou ter um piripaque! — Lily exclama. Rosa estende a mão por sobre o colo de Avena buscando a de Lily para acalmá-la. Lily, percebendo o gesto, entrega sua mão para Rosa, que olha para ela e balbucia: respira. Avena envolve ambas com seus braços.

— Se ele não chamar vocês duas, vou rachar esse programa no meio! Então vai ser divertido de qualquer forma. Aproveitem o show, 901! Seja ele qual for!

— Primeira selecionada: Alicia Macqueena Oliver! — A garota pula ao ouvir seu nome, levando a mão ao coração. Aplausos e gritos se ouvem quando ela levanta, indo até o palco. — Segunda selecionada: Avena Camon!

— Ah merda! — Ela diz como se não esperasse, incrédula. Por mais que

achasse que seria escolhida, aquilo parecia tão distante. Ela só torcia para que as meninas conseguissem, nem pensava nela mais e agora é chamada. E se as duas não fossem?

— Avena! Você conseguiu! Isso é o máximo mi amiga! Vá lá!

— Você merece Avena! Merece demais! Estou muito feliz por você!

— Vou esperar por vocês naquele palco. Nos vemos garotas! Vejam se não criam confusão nesses segundos sem mim, ouviram? — Elas riem, Avena levanta também rindo, mas apenas de nervoso. — Que merda! — Ela repete para si mesma enquanto caminha na direção de Vicktor.

— Próximo selecionado: Brian O’Connell! — O filho do comandante de segurança. Ele está com um corte nos lábios, Rosa vê. Foi ele quem as empurrou. Foi ele quem Avena derrubou com apenas um soco. Ela acertou seu palpite quando conheceu Avena! Rosa ri consigo mesma, agora sentada ao lado de Lily. — Selecionada número quatro: Candace Beatriz Lollipop Marshall! — Candy, a herdeira Lolly. Ela sorri e acena para a plateia que comemora sua conquista. Rosa percebe que Avena está muito desconfortável no meio daquelas pessoas, procurando se manter afastada, mas sem perder sua postura, aquela despretensiosa que botava medo. Rosa queria estar ao lado dela pra dizer que estava tudo bem. — Quinta selecionada: Maria Rosa Carmelo!

— Rosa! Rosita! Rosa! É você! Você conseguiu! Ai Deus! Vou chorar! Estou tão feliz! — Lily abraça a amiga que fica segundos sem ter mesmo certeza de ter sido chamada. Estava quase certa de que iria embora por causa do atrevimento. Elas se afastam do abraço, Rosa pede:

— Não chore Lily. Aguenta firme! Vai dificultar mais ainda sua vista e você vai ter que andar até aquele palco. Fique firme! Promete?

— Prometo.

Rosa levanta-se, indo de encontro aos outros. Seus olhos encontram os de Vicktor, ela o encara, firme e ativa, ele mantém o olhar sem ao menos piscar. Quando ela passa ao seu lado, tem impressão de tê-lo ouvido falar: *parabéns menina!* Porém, não soube se ele realmente disse isso ou se ela ouviu outra pessoa dizer, decide não olhar para trás para confirmar. Vê Avena sorrir para ela. Quando se aproxima da amiga, Rosa diz:

— Você está bem?

— Já estive melhor. Só espero que aquele canalha chame o nome de Lily. — completa entredentes.

— Espero também. Ele precisa chamar por ela.

Ambas vislumbram as cadeiras, vendo Lily que já era pequena, parecendo ainda menor lá sozinha, sem enxergar direito, desnorreada.

Os nomes vão sendo chamados. As chances vão diminuindo. O alfabeto findando. A agonia das três aumentando.

Resta apenas mais uma vaga, o apresentador parou na letra S. A letra L já havia passado antes mesmo de Maria ser chamada. Pobre Lily! Não podiam fazer isso com ela!

— Yliany Yelitza Magdalena Penates Samin Erandi! Ufa!

— Ah merda!! — Dessa vez o xingamento de Avena sai mais alto pela aflição, pelo alívio. Ela soca o ar, comemorando. Os selecionados dirigem olhares de repreensão na direção dela, que ignora sumariamente. Candy é a que mais se incomoda, Rosa percebe.

— Lily conseguiu! Graças a Deus! — agradece baixinho. Lily se desvencilha das cadeiras, mas por estar sem os óculos, demora a se acertar no andar. — Ela está chorando Avena, não vai conseguir chegar até aqui assim.

— Vou buscá-la. — Prontifica-se e percebe que Vicktor já está fazendo isso. Ele diz no microfone:

— Senhorita Erandi, da Erandi Tecidos Tingidos! Venha, me dê sua mão, vi que está sem seus óculos. — Ele estende sua mão, a qual Lily segura, demonstrando total sentimento de gratidão. O apresentador a conduz até os selecionados e, ao posicioná-la ao lado de Samantha Jones — penúltima escolhida, ele completa: — Estou ansioso por meu terno novo! — E pisca.

Mas não para Lily, e sim para Maria Rosa, que sabe que ele está provocando. Aos poucos ela começa a entender aquele jogo de fingimento e falsidade dos superiores. Ela aprende muito rápido. E o que pode dizer que sabe com toda certeza é que Vicktor Downson não passa do maior dos cínicos. Um sonso como diria sua mãe. Rosa ergue as sobrancelhas e sorri. Não um sorriso simpático, um sorriso de: eu entendi seu jogo. Ele nota e volta a olhar para as câmeras, sorridente e expansivo, como se nada tivesse acontecido.

Quebrando o protocolo, ela e Avena se aproximam de Lily:

— Filha da mãe! Você quase me matou do coração! Precisava ter um nome começando com Y? Eu tinha me esquecido completamente! E que diabo de nome comprido é esse? Yelitza? Magdalena?

— Ah! Mal posso acreditar que conseguimos! Nós três! Eu falei, não falei? Lily Erandi nunca erra um palpite!

— Eu estava que não cabia em mim de preocupação. Parabéns Lily!

Você conseguiu! Você está entre os doze!

— Nós estamos Rosita! Nós estamos! — Lily se controla para não pular de alegria. — Quanto ao meu nome, Avena, saiba que é um dos menores entre os comerciantes. — gargalha. — Mas vocês viram o atrevimento dele? Indo me buscar e falando do terno? Asno! Borbulhei de raiva!

— Se saiu muito bem Yliany blá, blá, blá, blá,... Quase achei que você tinha perdoado o canalha.

— Que nada! Eu só sei fingir tão bem quanto ele.

— Merece o Oscar! — Avena bate palmas.

Vicktor Downson seguia saudando os selecionados, mencionando quando seria a próxima transmissão, se despedindo dos que não foram chamados. E Rosa só conseguia pensar em sua mãe, em seu irmão. Estava fazendo aquilo por eles. Conseguindo por eles. Indo adiante por eles. Só rezava para que sua mãe a perdoasse.



Descobertas

— Ah, estou tão orgulhoso de vocês minhas meninas! As duas conseguiram! Mal posso acreditar! — Micha recebe Rosa e Lily com um abraço muito apertado, comemorando a boa notícia.

— Parabéns meninas! Vocês conseguiram! Estamos mesmo muito orgulhosos. Vocês precisam ver o estado que Micha ficou assistindo esse programa. Totalmente desesperado, torcendo, gritando. Quase dei um sedativo pra ele. — Kate comenta, aguardando sua vez de abraçar suas protegidas.

— Eu achei que morreria! Me deu um nervoso que nunca senti em vida! Se não fosse Rosa e Avena eu teria desmaiado! Juro! — Lily diz esbaforida no corredor que levava aos elevadores. — Rosita que estava muito tranquila. Nunca vi uma pessoa tão calma.

— Eu estava aflita, mas com a possibilidade de acontecer algo de pior, não com a eliminação do programa, até estava esperando por isso.

— Mas só o melhor aconteceu! E temos nossas duas protegidas dentro do programa. Agora vocês receberão os textos de vocês de volta e um contrato também. Essa parte fica com a Bree.

— Por que ficaram tão contentes com nossa entrada no programa? Ganham algo com isso? — Rosa questiona.

— Nós recebemos por dia aqui meu bem. — Micha responde.

— E por “cliente” — Kate faz aspas com os dedos. — Então, quanto mais tempo vocês ficarem melhor para nós, e ter vocês duas nos garante um pagamento em dobro, fora que existe uma competição interna entre os *staffs*. Nada grandioso, mas rola um clima de disputa e Micha e eu saímos em vantagem. Temos muito a comemorar.

Ao finalizar a frase, o elevador abre as portas e eles adentram. Antes de as portas se fecharem, ouvem um chamado:

— Ei! Segura aí! — grita Avena que vinha correndo para ir no mesmo elevador. Rosa aperta o botão de contenção das portas. — Cheguei!

— Olá! Bem-vinda a bordo do expresso 901! Avena não é? — Micha pergunta soando muito animado. O elevador começava a descer.

— Eu mesma.

— Oi Av! — Lily cumprimenta com um apelido para sua amiga. Ela ama criar jeitos carinhosos para chamar as pessoas queridas. Avena pensa em cortar esse mal pela raiz, mas não quer frustrar a alegria daquele momento para a jovem comerciante. Resolve deixar para depois. — E aí, recebeu os parabéns de seu *staff*?

— Rick? Mal olhou pra minha cara! Não sei qual o problema dele! E nem quero saber. Já me bastam os meus.

— Os óculos da Lily! — Rosa se recorda. — Temos que voltar pra buscar!

— Ah minhas queridas, Kate e eu vimos quando aquele gorila empurrou vocês. Machucou?

— Estamos bem. Avena cuidou de tudo. — Lily diz com tom de gratidão.

— Não foi nada demais. Fazia dias que estava doida para socar a cara dele.

— Micha urrou na nossa cabine com seu soco. Eu não o via tão empolgado desde que fomos ao show da Milady Spears.

— É verdade mesmo. — Micha concorda com a esposa de forma saudosista. As portas do elevador se abrem e eles saem juntos.

— Gente temos que voltar para pegar os óculos da Lily. São os únicos que ela tem, sem eles não enxerga direito. — Rosa insiste, fazendo todos frearem seus passos.

— Temos mesmo. Vamos voltar. — Avena concorda.

— Garotas, Kate e eu fomos até a antessala procurar os óculos, mas não achamos nada. Certamente alguém da limpeza encontrou e jogou na lixeira.

— Ai meu Deus! E agora?! — Lily exclama.

— Onde ficam as latas de lixo? — Rosa pergunta.

— A essas alturas, já desceu para o separador. Fica no térreo. Ele era de plástico? — Kate indaga pensativa.

— Não, não. Arame, madeira e vidro. O que é separador?

— Menos mal! Os plásticos são os primeiros a serem desmanchados. — Micha suspira pondo a mão no peito. — Ainda tem chance de estar inteiro. — completa e depois continua a explicação. — Separador é um local onde o lixo é armazenado. As latas de lixo têm seus conteúdos despejados dentro de grandes tubulações metálicas, aí o lixo cai no separador. Ele vai separar cada tipo de lixo. Os plásticos são incinerados até virarem farelo e são amontoados formando caixinhas. Os demais materiais são desmontados e preparados para serem recolhidos. Os orgânicos vão para aterros; os outros tipos eu não sei bem. Dizem que vão para usinas de reciclagem, mas já ouvi boatos — Ele baixa a voz, fazendo soar conspiratória. — de que tudo é jogado numa ilha que fica no Oceano Pacífico.

— Isso com os plásticos, querido. Os outros materiais, dizem, são triturados e misturados em outras coisas. — Kate diz também em tom baixo. — Uns dizem que fazem tijolos, outros que misturam no cimento, ou no asfalto e...

— São misturados com os grãos. — Avena solta de repente, cortando a fala de Kate de forma brusca.

— O quê? — Micha parece não ter entendido.

— Misturam esses restos nos grãos, tudo triturado e socado até virar farinha. E essa farinha é dada na cesta básica dos camponeses para fazerem mingau. — Ela enfim fala aquela outra parte sórdida que descobriu sobre o tratamento aos camponeses. Havia tanta coisa errada que ela nem sabia como não tinha surtado de vez. E o pior: não sabia como não havia feito nada. Aquilo dito naquele momento, na frente de Maria Rosa, que mesmo tentando evitar, acabou estreitando laços de amizade, tinha sido como um murro no estômago. O que sempre a deixou irritada querendo burlar o sistema — já que a morte da mãe tinha sido por esses venenos, o segundo, posto na farinha, que ela descobriu apenas mais tarde, fora as outras sujeiras. — agora tinha lhe causado uma dor profunda. O egoísmo, pensando apenas em suas perdas, foi o que a fez sair de casa e se manter viva para infernizar a vida dos superiores. Ter a amizade de Lily e Maria a fez ter sentimentos de família novamente e a levou a refletir no quanto estava sendo omissa com o povo de onde ela veio, da terra de onde ela nasceu.

— É verdade mesmo Avena? — Rosa parece não querer acreditar naquele fato desumano.

— É só um boato, não é mesmo *honey*? — Micha ri amarelo.

Kate e Lily ficam mudas com a possibilidade de ser mesmo verdade.

Lily sabe que Avena conhece o submundo da capital e que ela viu muita coisa. Avena jamais mentiria ou inventaria, o que deixa Lily completamente estupefata com essa afirmação. Kate acredita que seja mesmo verdade porque já ouviu coisas parecidas, só não queria assustar Rosa com o que poderia ser uma mentira.

— Sim, Rosa, é verdade. Eu já vi. Trabalhei um tempo numa usina de grãos e vi com meus olhos o que eles fazem com os restos. Não suporte aquele trabalho, era demais eu ser cúmplice daquele horror. Além dos venenos nos produtos para exterminar pragas, ainda há a farinha com restos de lixo. — Rosa fecha o cenho, olhando com rancor para Avena. — Eu sinto muito Maria. — diz, triste, segundos antes de Rosa sair em disparada para seu quarto. — Maria! — chama, prestes a ir atrás dela, mesmo sabendo que não havia desculpas que pudessem sanar aquela dor.

— Deixe-a Avena. — Lily pede, chateada. — Eu vou lá falar com ela.

— Mas que merda!

— Vá para seu quarto. É melhor. Micha, Kate, vocês me acompanham? Não sei se consigo chegar lá sozinha enxergando tão pouco.

— Claro querida. — Micha responde, aflito pelo clima ruim que se formou.

— Te acompanhamos sim. Sem problemas. — Kate completa.

Eles percorrem mais alguns corredores até chegarem ao 901, Lily nem tentou ver para onde Avena foi, estava magoada por Rosa. Depois de já ter entrado em seu quarto, encontra Rosa sentada em sua cama olhando pela janela.

Todos esses anos e eles sendo mortos aos poucos. Nem na comida podiam confiar. José era o único que comia o mingau. A mãe dava a ele pelas manhãs, para que começasse o dia com sustança. Pobre irmãozinho! Ela precisava fazer alguma coisa! Precisava alertar a mãe para que ela não desse mais a ele aquela comida estragada. Nada mais! Como ter certeza de que não envenenam todos os itens da cesta? Teriam que comer apenas os frutos que eles mesmos plantavam e sem usar o veneno para as pragas. Mas, como? O que ela poderia fazer estando tão longe? Isso doía tanto no peito que Rosa não conseguia nem chorar. Só de imaginar seu pequeno José sendo envenenado, ela tinha vontade de sair correndo e voltar para casa. Abraçá-lo, banhá-lo, dar-lhe muita água pura para limpar tudo por dentro, depois jogar tudo fora, para que a mãe não quisesse contrariar. Ela gritaria e apanharia muito se fosse preciso, mas não deixaria que seu irmão comesse aquelas

coisas nunca mais. E ainda havia os vizinhos, o bairro, a cidade inteira e todas as outras. Rosa quer correr e gritar. É muito para ela assimilar. Está tão imersa em tantos problemas que nem vê Lily entrar.

— Rosa.

— Lily, oi. — diz voltando a si.

— Como você está? — pergunta ainda parada na porta.

— Ah nossa! Desculpe-me, fiquei tão enlouquecida com isso tudo que acabei te deixando para trás. — Levanta e vai até a amiga, ajudando-a a chegar até a cama.

— Estou bem. Eu vejo borrões e já estou acostumada com nosso quarto. E tive ajuda de Kate e Micha. Entendo o que te motivou a sair correndo. Foi mesmo horrível descobrir aquilo por Avena.

— Estou perdida Lily. Minha família comendo lixo. — Ela não poderia se referir ao irmão, o que aumenta ainda mais o sofrimento. — O que eu faço? Preciso avisar minha mãe! Meus vizinhos, todos os camponeses! Mas como vou fazer isso sozinha? Estou desesperada! — desabafa sentando ao lado da comerciante.

— Rosita, acalma-te. Pensa comigo, estamos numa emissora assistida pelo país todo. Você vai aparecer constantemente na televisão de muitos moradores por aí. Você pode falar com o público, pode usar sua voz e ela vai se espalhar para milhares de lares. Eu vou abraçar essa causa com você. Vou falar sempre que puder. E tenho certeza de que Avena fará o mesmo.

— Será? Por todo esse tempo ela silenciou as coisas que sabe, Lily.

— Acha mesmo que tudo o que ela faz por nós não merece reconhecimento? Ela está conosco e está pegando nossos problemas para ela. Confie nela. Dê esse tempo para ela, afinal, ela passou por muitas coisas terríveis.

— Você tem razão! Eu não deveria ter pensado isso dela! Misturei os problemas todos. Fiquei sem chão e acabei culpando quem não merecia.

— Depois vocês conversam e fica tudo bem. Mas e quanto a minha ideia, o que acha?

— Perigosa, mas é só o que resta. Porém, na primeira chance que tiverem, depois que mencionarmos esse tema em plena rede nacional, vão nos punir Lily. Prefiro que punam apenas a mim, já estou acostumada, não quero que façam nada a você. Eu assumo isso. — fala convicta e firme.

— Não vou abandonar você sozinha nessa, nem pensar! — A comerciante se empertiga.

— Não seja teimosa! Sua ajuda agora foi essencial, pude pensar e ver essa solução, então deixe que a execução seja comigo.

— Rosa!

— Lily, confie em mim, vai ser melhor assim. Por favor!

— Vamos ver isso com o tempo. — Elas balançam as cabeças, concordando naquele ponto.

— E seus óculos? Ainda tem uma chance de estarem inteiros. Só precisamos achar esse depósito de lixo.

— Podemos ir agora procurar. Já está tarde, os andares daqui de baixo já devem estar praticamente vazios.

— Vamos lá então. Senhorita Erandi precisa de seus óculos para que não precise aturar a ajuda de nenhum senhor Idiota Downson. — Lily cai na risada com a frase, fazendo Rosa sorrir também.

Assim sendo, elas deixam o quarto, descendo até o térreo, em busca do depósito para onde metais, vidros e demais materiais eram enviados. Chegando no hall de entrada, elas decidem ir mais para dentro daquele andar, local que elas ainda não tinham explorado. O depósito deveria ficar no final do prédio, numa ala escusa, mas o lugar é tão grande, com tantas portas, que elas não sabem por onde começar.

Um ruído baixo e compassado é ouvido: passos! Não demora muito até notarem uma figura imponente surgindo em direção a elas. Um segurança!

— Diremos que estávamos passeando e pronto. Nada demais. — Lily cochicha. Rosa ergue a fronte se deparando com o homem.

— Desculpe senhor Telmo, estávamos...

— Procurando os óculos da mocinha. Eu sei. Venham comigo. — Ele sussurra e gesticula, chamando-as.

— Não fizemos nada de errado. Precisamos dos óculos porque minha amiga não vê sem eles. — Rosa tenta argumentar enquanto seguia Abraham Telmo.

— Aqui, entrem. — Ele abre uma porta, cuidando para ver se não estavam sendo vistos.

— Não nos castigue, por favor! — Lily pede chorosa. Rosa encara Telmo, que tira uma laranja do bolso, sorri e pisca para ela. Ele guardou a fruta!

— Lily venha, está tudo bem. Vamos entrar. — Confiando na amiga, Lily concorda e ambas ultrapassam a porta, que é fechada a seguir.

— Não vou fazer mal a vocês, se acalmem. Eu tenho uma enorme dívida

de gratidão com a senhorita Maria Rosa. Nunca vou me esquecer desse presente. As palavras e o conforto naquele momento de perda.

— Não foi nada.

— Não estou entendendo nada. — Lily diz coçando a cabeça.

— Saibam que estou ao lado de vocês e que sempre que puder, vou ajudar. Como acham que vocês conseguem andar por aí sem serem incomodadas? Como acham que chegaram ao elevador para falarem com o senhor Downson?

— Você ajudou em tudo isso?

— Com todo o prazer senhorita Maria Rosa! Por falar nisso, seu discurso para o senhor Downson foi brilhante. A senhorita sabe se posicionar muito bem.

— Ela foi maravilhosa, não foi? — Lily se gaba da amiga.

— Te agradecemos profundamente!

— Sei que perdeu os óculos, vi nas câmeras quando foram atingidas. Mas posso ajudar. Sei onde é o armazenador de lixo pesado. Amanhã eles vão prensar tudo, então vocês têm essa noite para recuperá-lo.

As amigas agradecem e seguem Telmo até outra porta, revelando um enorme salão cheio de entulhos dos mais variados tipos. Ele diz que elas podem ficar sossegadas que ele faria a segurança da porta pelo tempo que precisassem. Telmo sai e as duas olham para frente, encarando toneladas de lixo pesado.

— Temos um longo trabalho, Lily.

— Quer desistir? Posso ficar sem eles, tudo bem mesmo.

— A Noite e eu somos amigas, sei que nós três juntas vamos encontrar. E eu sou muito teimosa. Nunca desisto.

— Rosa amiga da Noite. Gosto disso! Soa bem. Até daria uma poesia!

— Primeiro os óculos, depois poesia. Que tal se nos separarmos? Acha que consegue procurar por aqui enquanto eu procuro do outro lado da montanha de entulhos?

— Claro. Eu enxergo bem de perto, vou sentar e ver o que consigo fazer.

— Tudo bem. Qualquer coisa você grita, certo?

— Deixa comigo!

Rosa contorna a pilha de lixo metálico, começando suas buscas de modo rápido e ao mesmo tempo delicado, como bem aprendeu nas práticas do campo ao colher os legumes e verduras.

Lily, sentada, pega um por um, com cuidado, aproximando dos olhos

para saber do que se tratava, mas se valendo do tato para examinar e descartar boa parte.

Entretida, ela cantarola uma canção típica de sua terra, e não nota a figura que se aproxima às suas costas, vindo de um pequeno corredor de refrigeração, com janelinhas para entrada e saída de ar. O intruso se aproxima cada vez mais, ficando a meros dois passos de Lily, prestes a tocá-la.

— Acho que isso te pertence. — A voz surpreende Lily, fazendo-a se alarmar e por a mão no peito.

— Quem disse isso? — Ela pega um pedaço de qualquer coisa que encontra no chão e gira lentamente o corpo apontando o objeto, com medo de encontrar o dono da voz. — Quem está aí? — Ela pergunta e levanta, encontrando o visitante inesperado.

— Oi! Calma, não precisa se assustar! Seu nome é Lily, não é? Baixe isso Lily.

— Quem é você? Eu, eu acho que te conheço — pergunta, confusa, forçando os olhos para desfazer o borrão colorido, mesmo sabendo que isso não adiantaria de nada.

— Toma. São seus. — Ele pega a mão de Lily, aquela com a qual ela o ameaçava com um tubo de papelão e entrega o item precioso. Ela identifica o que é na mesma hora.

— Céus! Meus óculos! — Lily os coloca.

— Sim! Eu ach...

— Eu, eu... Eu não posso acreditar... Za-Zachary?

— Sim, sou eu. Como me conhece?



Encontro inesperado

Não dá tempo de responder, Lily perde totalmente os sentidos, sem nenhum poder sobre seu corpo, caindo lentamente em um desmaio. Zachary percebe que a garota está desfalecendo e se apressa em segurá-la, aparando a queda em seus braços bem preparados. Ele a segura levemente inclinada, porém ainda a mantendo com os pés no chão; pensa em pegá-la no colo para carregá-la para algum lugar e deitá-la, mas ao procurar, não encontra nada confortável ou ao menos limpo o suficiente para ela. Resolve aguardar, tentando despertá-la, chamando-a pelo nome e tocando-lhe o rosto delicadamente.

Alguns segundos depois ela começa a recobrar a cor da face, voltando ao lindo tom de canela, despertando um pouco confusa, suando gelado.

— O que aconteceu? — indaga juntando aos poucos as imagens ao seu redor.

— Você desmaiou.

— Ai Deus! Lembrei! — Ela se levanta vagarosamente com auxílio de Zac.

— Você está bem?

— Estou. Não sei o que deu em mim.

— Deve ser o calor.

— Pode ser. — Ela sabe que não foi esse o motivo.

— Vem, vamos sentar um pouco. — Ele a conduz até perto da parede, tira sua blusa, ficando apenas com uma regata branca. Dispõe a blusa no chão e indica o local para Lily sentar. Ela demora a assimilar o que aconteceu. Não consegue desprender os olhos de Zachary. — Pode sentar, minha blusa posso garantir que está mais limpa que esse chão. — Ela desperta do transe ao ouvi-

lo falar, sentando-se um pouco envergonhada.

— Obrigada. Já estou bem melhor. Se bem que ainda estou muito confusa com tudo isso.

— Você disse meu nome e então começou a ficar pálida, caindo. Nós nos conhecemos? — Ele pergunta, sentando ao lado dela.

— Sim. Não! Digo, eu te conheço. Mas não muito. Na verdade não conheço nada. Eu te vejo quando vai até o centro dos comércios, trabalho lá. — respira, ao enfim dizer algo que faça sentido, para alívio de Zac que não estava entendendo muito bem.

— Ah! Você é comerciante! Qual tenda? Não me lembro de você. — Ela fica claramente desapontada por ele não se recordar dela. Mas como recordaria se toda a vez que ele vai até o centro, ela se esconde, espiando-o pelas frestas da tenda?

— Erandi Tecidos Tingidos.

— Conheço. Fica ao lado do posto de coleta. Já vi nessa tenda algumas pessoas mais velhas, mas nunca vi uma garota.

— É que eu fico muito ocupada. — *Se escondendo pra espiar*. O que não deixava de ser uma ocupação, ela pensa.

— E aposto que sabe meu nome por ouvir aquele fiscal mal-humorado gritar aos quatro ventos quando eu chego.

— Sim. — E é verdade, foi assim que descobriu e nunca mais esqueceu. — Por que ele grita seu nome daquele jeito?

— Porque eles todos me odeiam.

— Odeiam?

— Porque sou um rejeitado. Vê minha cabeça? É a prova disso, coisa que vou carregar para o resto da vida.

— Oh Deus! É verdade! — Ela se recorda de Avena. Rasparam a cabeça dela por ter se fingido de homem. O que será que ele havia feito? Seus pais nunca mencionaram isso. Seus pais não o odeiam por isso. — O que você fez?

— Tenho pulmões fracos. Fico doente com facilidade. Resfriados, gripes muito fortes. Eu não servia para o serviço das fábricas, então é isso que acontece: te rejeitam e raspam seus cabelos para todos saberem que você não está trabalhando porque não pode. Mas há quem veja isso como fraqueza e usam pra desprezar. Já acostumei.

— Que coisa mais horrível! Deus meu!

— Tá tudo bem.

— E como você sabia meu nome?

— Faz dias que estou nos arredores do prédio. Fico até tarde na rua esperando para ver se vocês descem para eu tentar falar. Vi chamarem seu nome.

— Então não sou a única que tem bons ouvidos.

— Não é mesmo. — Ele ri.

— Mas como achou meus óculos?

— Estou pernoitando aqui nessa sala. As janelas ficam abertas e eu entro e saio. São estreitas, mas sou magro, então não tenho dificuldade. Estava sentado ali perto daquele cano, vendo o lixo que caía como passatempo, até que vi os óculos. Eu já te vi por aqui no prédio com eles, sabia que eram seus, resolvi consertar o arame torto e guardar, caso você tivesse perdido.

— Eu te agradeço muito! Não vejo nada sem ele.

— Disponha!

— Mas, o que você está fazendo aqui?

— Vim atrás da Maria Rosa.

— Rosa? Você conhece ela?

— Somos vizinhos. Moro no rancho ao lado.

— Não diga! Nossa que mundo minúsculo, não é mesmo?!

— É. — Ele esboça mais um sorriso pelo jeito espontâneo dela ao se expressar.

— Ai, não me diga que veio por causa da mãe dela! Aconteceu algo?!
— preocupa-se imediatamente.

— Não, não! Está tudo bem na medida do possível.

— Deus seja louvado! Rosita não suportaria.

— De qualquer forma, eu preciso mesmo falar com ela. Estou há dias tentando, mas tem muitos seguranças e não consegui chamar por ela nenhuma vez. Na oportunidade em que vocês saíram de noite, eu vi um segurança enorme saindo pela porta quando eu estava prestes a ir atrás de vocês. Ele seguiu vocês o percurso inteiro e eu mantendo distância atrás pra ver se ficariam bem. Ele não fez nada, apenas cuidou de longe.

— É o Telmo. Descobrimos hoje que ele está do nosso lado, cuidando de nós.

— Menos mal. Fico mais tranquilo por saber que Rosa tem proteção. Que vocês têm proteção. Sabe onde ela está?

— Aqui mesmo. Do outro lado da pilha de lixo. Quer que eu a chame?

— Não se preocupe, você precisa descansar mais um pouco. Por falar

nisso, tenho água. Espere que vou pegar. — dizendo isso, ele se levanta e caminha até sua mochila que repousava em um canto escuro. Ele abre e retira um cantil, entregando em seguida para a comerciante. — Vai fazer bem.

— Obrigada pela gentileza. — Ela sorri, agradecida com o gesto, depois bebe dois goles. Não estava com sede, mas saber que ele havia posto a boca ali, despertou um desejo grande de provar do sabor da água. Imaginou ser os lábios de Zac e não o simples cantil que a refrescava. Mesmo não mais bebendo, ela manteve a boca por mais tempo, só para memorizar o gosto. Será que ele notou o exagero de tempo em que bebia? Resolveu devolver, expressando satisfação, como se ele tivesse acertado em cheio ao ofertar água.

— Falei que ia fazer bem.

— Falou mesmo e acertou. Estou bem melhor! Água mágica! — Ele sorri, guardando o cantil.

— Vou procurar por Rosa. Vai ficar bem aqui?

— Claro! Sei que precisam de privacidade, deve ser algo particular, de família, eu pressuponho. Vou ficar bem.

— Tudo bem então. Qualquer coisa, pode chamar.

— Não se preocupe, já passou o mal-estar.

Ele assente e vira as costas, para sair novamente do pequeno corredor. Lily solta um longo suspiro, pensando no quanto a vida é maluca. O único garoto que se apaixonou na vida é vizinho da garota que conheceu na competição e que se tornou sua melhor amiga. Descobriu-se apaixonada na terceira vez que o viu no centro dos comércios. Ele, um garoto mais velho, bonito, forte e tão educado; ela, apenas uma menina sonhadora. Passou longos quatro anos o amando escondida, espiando-o pelas frestas na tenda. Não poderia ser descoberta, não saberia o que dizer, nem poderia dizer nada, já que sua família não permitiria, ela só podia negociar com mulheres e na presença de um dos pais, por questão de segurança. Lily sempre soube que seu amor era proibido. Zachary camponês e ela comerciante. Comerciantes são muito severos com a proteção do seu povo. Não permitem muitas visitas, quanto mais relacionamentos. Misturar as estirpes num único matrimônio poderia trazer a ruína para o povo todo. Teve que manter o sentimento, que crescia intensamente, preso na gaiola do peito e seu segredo no mais íntimo do seu ser, para que nem sonhassem com a possibilidade de que ela pensava nele.

Aí então ele surge inesperadamente, no lugar onde ela nem poderia

imaginar, e ele a surpreende com toda a sua gentileza, segurando-a em seus braços, cedendo sua blusa para ela sentar, oferecendo sua água. Ela que pensou que nunca trocaria palavras com ele, trocou não uma ou duas, mas várias! Ele sabia seu nome, sabia dos óculos, preocupou-se em consertar e guardar para ela. Não passou despercebida na vida dele como achou que seria. Poderia passar o resto dos seus dias sabendo que ele a conhecia, que estaria com ele ao menos na memória, em uma lembrança. Poderia se contentar com isso. Ao menos ela pensa que sim.

Zac está fazendo o contorno na pilha de lixo quando Rosa o encontra na metade do caminho. Ela franze o cenho, não crendo no que vê.

— Zac?!

— Rosa! — Ele se alegra imediatamente ao vê-la. Fazia apenas poucos dias que não se viam, mas para ele, a saudade era a mesma não importava o tempo.

— O que você está fazen... — Ela não chega a completar a frase, dando-se conta do possível motivo. — Zac! Ai meu Deus! — Ela apressa os passos para diminuir a distância, assustada com os mil pensamentos sobre sua família. Só poderia ser por isso que ele estava ali. — Minha mãe, Zac! O que houve?! — pergunta quando se aproxima, ficando frente a frente com seu vizinho.

— Calma. Rosa, fique calma! Está tudo bem com sua mãe. Calma!

— Verdade mesmo? Pode me contar Zac, não esconda nada de mim!

— É sério. Sua mãe está bem. Eu não mentiria sobre isso, você sabe. Confie em mim!

— Ai graças a Deus! — ela solta os ombros, antes endurecidos pela tensão. — Cadê Lily? — Começa a procurar com os olhos. — Lily! — chama.

— Eu a encontrei. Ela acabou desmaiando quando me viu, pelo calor ou pelo susto, não sei.

— Jesus! Onde ela está?

— No corredor. Mas está bem. Eu cuidei de tudo. — Ele aponta o local. Rosa caminha até onde ele mostrou, encontrando a amiga sentada no chão segurando uma blusa enquanto a cheirava. Lily se assusta ao ver Rosa ali, soltando a blusa imediatamente enquanto avisava a amiga de que estava bem, tinha sido só um sustinho, que estava ali para dar privacidade para a conversa dos dois. Rosa assente, menos preocupada e volta para onde Zac havia permanecido.

— Ela está mesmo bem. Muito bem até. Mas, o que veio fazer aqui?

— Vim a pedido de sua mãe. Ela quer que eu te leve de volta para casa. Pediu para eu te buscar.

— Meu Deus! Ela fez isso mesmo?

— Fez. Ela foi bem convincente. E sabia que você estaria bem aqui. Você deixou bilhete?

— Não deixei nada. Mas ela sabia, porque eu disse naquela noite que eu queria vir. Eu insisti, tentei convencê-la, fui até mesmo grosseira e mal-educada. Não adiantou. Ela não mudou de ideia. Ainda não mudou pelo visto. Ela falou de mais alguma coisa? — referia-se ao seu irmãozinho, por ele, ela daria um jeito.

— Só me chamou e disse: *garoto traga minha filha de volta! Ela vai sofrer muito naquele lugar. Aquela ingrata não merecia meu perdão, eu deveria deixar que sofra, mas quero ela aqui de volta, sã e salva. Traga ela pra cá, faça qualquer coisa, mas traga ela!* Ela estava fortemente determinada. Ficou apenas repetindo isso. Me fuzilando com os olhos. Me ameaçando sem realmente ameaçar. Disse que faria uma troca comigo por você, que me daria sua mão. Mas não pense que foi só por isso que eu vim! Eu fiquei mesmo preocupado. Juro! — Aquilo é o de menos. José está bem. E é só isso que importa.

— Zac eu não vou voltar. Não importa o que tente fazer, não vai conseguir me levar. Mesmo minha mãe prometendo minha mão, mesmo que ela promettesse terras, dinheiro, uma estirpe nova pra você, eu não voltaria. Não vou voltar. Não posso voltar, agora mais do que nunca.

— Rosa, escuta...

— Não tente argumentar. Eu não posso sair daqui agora. Eu preciso fazer algumas coisas muito importantes. Coisas que poderão nos salvar, salvar a todos...

— Rosa eu não vou te levar de volta. Não quero mais fazer isso.

— Não?

— Eu vim com esse propósito, mas aí eu cheguei aqui e vi vocês da rua, na primeira vez que desceram para o térreo. Eu ia tentar falar com você, mas não conseguia entrar. Então, te vi escrevendo à luz do luar, foi uma das coisas mais lindas que vi. Então vi você correndo e sorrindo pelo andar. Vi você num outro dia, indo levar comida para pessoas sem teto. E você estava tão animada! Rosa, eu nunca te vi tão feliz em toda a sua vida como está aqui. Eu não poderia tirar isso de você. Quero que seja ainda mais feliz. Quero que

fique e faça história.

— Zac! Eu realmente te agradeço muito por compreender. Muito mesmo! É muito importante esse apoio agora. Porém eu preciso te pedir uma coisa. Preciso mesmo que guarde um enorme segredo. Estou confiando isso a você. Promete que nunca vai contar a ninguém e que vai proteger isso com a sua vida?

— Prometo! Por tudo o que existe de mais sagrado. Eu prometo! — Aproximando-se ainda mais, ela sussurra:

— Eu tenho um irmãozinho, Zac, e você deverá ser o guardião da vida dele, custe o que custar, não importa o que me acontecer. Promete?



Promessas

Zac engole em seco ao ouvir aquela revelação. Ele nunca poderia imaginar tal coisa. Mesmo espiando Rosa ao anoitecer, quando ela ia para o porão, nunca viu vestígios de outro morador no rancho da família Carmelo.

— Preciso que me jure que cuidará para que ele sempre fique bem e seguro. E de minha mãe também. Dos dois. E não me questione a respeito disso, até porque nem eu tenho respostas. Só prometa que vai tomar conta dele acima de qualquer coisa. Ele nunca sai de casa. Não pode de jeito algum ser descoberto. — Ela ainda mantém a voz baixa, cochichada, ninguém poderia saber disso. Ela só dividia o segredo com Zac porque não havia alternativa. — Ele tem apenas cinco anos e ama as estrelas. Meu irmão é tudo para mim. Eu amo aquele menininho mais do que tudo! — Ela pausa, tentando frear a saudade repentina que sentiu. Aproveita para ver se ainda é seguro conversar sobre isso, se não há ruídos denunciando intrusos. Zac apenas ouve, acenando a cabeça para demonstrar que está atento e entendendo tudo, mesmo completamente alarmado com aquela informação. Rosa prossegue: — Vá todos os dias até meu rancho, quando o sol estiver se pondo, e procure pela janela do meu quarto ou do quarto da minha mãe. Aguarde até ele aparecer, ele gosta de olhar para o céu quando está escurecendo para poder ver as estrelas e fazer pedidos. Se o vir inteiro e bem, já estará bom. Poderá regressar para sua casa. Só cuide para não ser visto. Minha mãe não pode saber que você sabe. Ela me mataria. E poderia fazer alguma loucura, fugir com ele ou sei lá. Só tome cuidado. E nunca deixe que ninguém desconfie. Se descobrirem, nos punirão gravemente. Poderão levar ele de nós. Ele é a minha vida, Zac. — Ela puxa o ar com força para não se emocionar, precisa ficar calma, do contrário, largaria tudo e voltaria para

casa. E ela ainda não pode fazer isso. — Sei que estou pedindo demais, mas não me resta nenhuma outra opção, eu só posso contar com você. Prometa-me, Zachary.

— Eu prometo. Farei tudo o que me pedir e nunca contarei uma única palavra sobre isso com ninguém, seu segredo está a salvo comigo. — Rosa solta o ar, aliviando o medo agora por saber que seu irmão teria um guardião leal. Tudo ficaria bem com ele.

— Te agradeço demais. Muito obrigada! Isso significa muito para mim.

— Não precisa me agradecer. Estou do seu lado para qualquer coisa. Você sabe disso. Somos amigos e eu amo você, Rosa. Faço o que me pedir. — Ele diz e tosse, está novamente ficando resfriado, percebe.

— Obrigada mesmo. Tirou um enorme peso das minhas costas.

— Mas, porque está tão preocupada? O que você vai fazer Maria Rosa? — Ele sente que há mais coisas além de uma simples preocupação de irmã.

— Eu descobri coisas horríveis Zac. E preciso alertar nosso povo. Vou aproveitar que entrei no programa para falar isso em rede nacional. Eles precisam me ouvir, o país todo precisa, e esse é o único jeito. Por isso pode ser que me peguem para punir, se for apenas a mim, tudo bem, mas meu medo é descobrirem onde minha mãe mora. Eles podem querer punir a ela e ao meu irmão. Por isso, preciso de você. Se por acaso vir qualquer movimentação estranha, se vir carros diferentes na nossa rua, corra até meu rancho. Alerta minha mãe e a faça ir com você, levando meu irmão. Leve-a nem que seja amarrada, porque ela é resistente e muito teimosa. Se ela não for mesmo assim, fuja com meu irmão e o proteja com você. Ele é só uma criança inocente, não sabe desses horrores. Minha mãe é adulta, sabe correr se precisar. Meu irmão é prioridade. O nome dele é José, diga que é meu amigo e ele vai ficar calmo. Espero que nada de ruim ocorra, mas precisamos estar preparados. Consegue fazer isso?

— Consigo. Vou ficar de olho e qualquer coisa eu arrasto sua mãe e seu irmão. Pode confiar em mim. Mas, e quanto a você? Quem vai cuidar de você? E que coisas horríveis você descobriu? — Ele é sincero ao fazer suas promessas. Faria exatamente tudo o que Rosa pediu se fosse preciso. Porém, está aflito com o risco que ela correrá.

— Eu me viro, dou um jeito, tenho algumas pessoas aqui que poderão me ajudar se for preciso. — Ela diz isso só para confortá-lo, porque não envolveria nenhum dos seus amigos em seus problemas. —

— Eu posso vir ajudar também.

— Não! Zac, sua missão é cuidar da minha família. Use todo o seu empenho e força para isso. Eu vou ficar bem. O máximo que pode acontecer é me expulsarem do programa. Então vou despistar, ficar um tempo me escondendo até achar que está seguro o bastante para voltar para casa. — Na verdade, se apenas isso acontecesse seria lucro. Rosa sabe que pode ser a última vez que vê Zac, sabe que pode nunca mais voltar para casa, para sua família, sabe que seu destino pode ser uma vala rasa, mas tudo exige sacrifícios e se isso significasse que os camponeses viveriam livres, teria sim valido a pena. — Jure que não importa o que aconteça, você vai apenas cuidar deles, principalmente de José.

— Eu juro. Mas, por favor, fique bem! Não se arrisque muito. Eu não gosto nem de imaginar você sofrendo. — Ele quer tocar o rosto dela, mas não o faz. Mesmo estando muito perto, frente a frente, eles não se tocam, ele nunca faria algo sem que Rosa permitisse. — Sua vez de prometer. Prometa que vai voltar para casa sã e salva.

— Zac, eu vou fazer todo o possível.

— Isso não é uma promessa. — Ele segura outra vontade de tossir. Está há tempo demais em um lugar pouco arejado, seus pulmões reclamam da escassez de ar.

— Não posso prometer. Só posso dizer que o que eu mais quero e que mais vou fazer de tudo para conseguir, é voltar para casa. Isso vai ter que bastar para você.

— Sei que vai voltar.

— Você precisa ir, mas antes tenho que te contar umas coisas para que você se cuide e cuide da sua família também, e da minha, se por acaso encontrar minha mãe novamente.

— Estou sozinho em casa. Minha mãe morreu. — Ele diz com pesar na voz. Rosa sente a dor daquelas palavras.

— Morreu? O que aconteceu? Ah Zac, eu sinto muito!

— Estava muito doente, enfraquecida fazia dias. Os chás dos curandeiros não estavam mais dando conta das crises dela, das faltas de ar, dos desmaios, das tosses. Ela não conseguia nem comer ou beber água direito. Assim que eu cheguei em casa naquele dia que te dei carona até o centro, encontrei ela e o casal de vizinhos ao redor dela na cama. Ela estava pálida, muito pálida. Os vizinhos deram os remédios naturais, fizeram reza, mas não adiantou. Ela faleceu naquela noite. Quando eu saí para te dar a carona, nem imaginava que aquele seria o último dia dela. Achei que era mais

uma crise forte e que com as rezas ficaria tudo bem. Mas, Deus a chamou. Meu pai ainda nem sabe, ele está na fábrica, só volta no final do mês. Coitado! — Ele baixa a cabeça, entristecido e pesaroso.

— Eu sinto muito mesmo. Tão jovem! Meus sentimentos Zac.

— Obrigado. — agradece ainda com a fronte baixa.

— E mesmo assim você largou tudo e veio para cá a pedido da minha mãe?

— Nós a velamos na madrugada e enterramos de manhã bem cedo. Doeui muito, Rosa, mais do que eu poderia imaginar. Resolvi sair para caminhar, pensar na vida, respirar. Sua mãe me viu e chamou, eu fui. Ela falou aquilo tudo e então eu vim. Foi a melhor decisão que eu poderia ter tomado. O que seria de mim se eu tivesse ficado? Estaria apenas sozinho e chorando. Aqui eu estou com você. E conheci sua amiga, que é muito legal.

— Obrigada por tudo isso. Por ser um ótimo amigo. Sua mãe deve estar muito orgulhosa do filho tão bom que colocou no mundo.

— Obrigado. Espero que ela esteja bem onde estiver.

— Sua mãe tinha que idade mesmo? — Rosa se alarma juntando as peças.

— Quarenta e um.

— Zac, presta atenção no que eu vou te dizer: volte para sua casa e jogue fora o produto para espantar pragas dos bichos, jogue fora a comida da cesta também! — ordena com pressa na voz.

— Mas, por quê?

Rosa explica os pormenores de todas as coisas que descobriu, para o completo espanto de Zachary. Ele enfim entende que Maria precisa mesmo alertar a todos através do programa. Aquilo que os superiores estavam fazendo com eles era desumano! Nojento! Terrível! Aquele veneno matara sua mãe! Pela primeira vez, Rosa o viu cheio de ódio, vermelho, tenso, prestes a explodir de ira. Ele alertaria seus vizinhos quando chegasse. Ele avisaria a todos que conseguisse. Ele protegeria a família de Rosa. Ele iria até o fim do mundo, mas encontraria o culpado, o idealizador daquela ideia demoníaca e o quebraria inteiro. Poderiam mexer com ele, rir dele, desprezá-lo, até mesmo espancá-lo, mas não poderia aceitar passivamente que matassem sua mãe, que matassem as pobres mulheres trabalhadoras do campo, que envenenassem bebês com farinha suja. Aquilo nunca!

Maria vê Zac se desmanchar em lágrimas. Ela nunca o vira tão descontrolado. Tão bravo, ferido, triste, raivoso e encolerizado. Ela o abraça,

pois é tudo o que pode oferecer no momento. Ele está, enfim, vivendo o luto, que até então era de uma morte por doença, descobrindo que na verdade era um assassinato cruel e premeditado. Ela queria dividir a dor com ele, sabia o quanto uma perda dessas pode ser dilacerante.

Lily, depois de espiar pela parede do corredor, vê Zac aos prantos abraçado em Rosa e se aproxima, receosa, abraçando-os mesmo sem saber o que acontecia. Os três se deixam ir ao chão, ainda mantendo o laço do abraço e permanecem em silêncio, pois não cabia nenhuma palavra para amenizar.

Minutos se passam, ou foram horas? Não podem precisar, só sabem que o tempo foi o suficiente para que Zac então se despedisse da mãe, coisa que ele vinha relutando desde o ocorrido há dias. Ele se desculpa pelo choro e explica para Lily o porquê de ele estar naquele estado. Ela se apieda instantaneamente.

— Que Deus a guarde. Vou rezar muito para ela e para você.

— Obrigado. — Ele funga e tosse, pedindo desculpas mais uma vez. — Eu preciso ir.

— Não quer ficar mais um pouco? Acha que está bem para sair assim?
— Lily indaga preocupada.

— Já passou. E como Rosa me disse, tenho que jogar muita coisa fora e alertar aos outros. Mas assim que der, eu vou escrever para vocês. Não sou tão bom com as palavras quanto vocês, minha mãe me ensinou o pouco que sabia, mas acho que consigo.

— Vamos aguardar notícias e tome cuidado. — Rosa pede.

— Pode deixar. Vai ficar tudo bem. Escrevam para mim também.

— Eu também posso escrever? — Lily pergunta, um pouco esperançosa.

— Claro que sim! Vou gostar muito.

— Ah obrigada! — Ela tenta controlar um sorriso de alegria. — Meu papá é amigo de um fiscal das correspondências, ele que entrega coisas lá para casa. Você pode deixar suas cartas na nossa tenda, o fiscal amigo do papá passa lá para buscar ou entregar com frequência, nós nos correspondemos com amigos queridos de outras cidades constantemente. Vou escrever para casa e avisar papá que você é um amigo de uma amiga que precisa se corresponder com ela. Assim, o fiscal pegará suas cartas e entregará mais depressa. O que acha?

— Não vai ser um problema para vocês? Não quero incomodar.

— Problema nenhum. Basta ter como pagar e tudo fica bem. O fiscal cobra apenas moedas, não é tão caro. Acha que consegue?

— Consigo sim. Te agradeço Lily.

— Não por isso. — Ela quase fica rubra pela timidez.

Zac se levanta para pegar sua mochila no corredor e se despedir para retornar. No meio do caminho é chamado por Rosa:

— Zac, espera!

— O que foi?

— Tenho comida na geladeira do meu quarto. Quero que leve com você, que coma e o que sobrar dê para minha mãe. Diga que eu mandei. Isso se ela não te matar por voltar sem mim. — Rosa esboça um sorriso para animar o amigo, ele apenas anui, com a expressão um pouco mais leve. Dizendo isso, Maria deixa o local, avisando Telmo, que escoltava a porta, de que iria pegar algo e que voltaria em minutos.

Lily fica a sós com Zac, pensando em tudo o que já havia sonhado com ele, todos os bilhetes que escreveu, os poemas, poesias, textos, tudo sobre ele. Mesmo que se um dia ele chegasse a gostar dela, eles nunca poderiam ficar juntos. Ele ali, tão perto, tão real, tão bonito e gentil, muito mais do que só as frestinhas da madeira da tenda revelavam.

Lily diminui o espaço entre eles, Zac apenas a olha, confuso a respeito do jeito como ela o olhava.

Sem dizer uma palavra, a comerciante beija o camponês rejeitado. Seu primeiro beijo. Talvez o último beijo. Porém, o único que ela jamais se esqueceria. O único que ela queria. Do único garoto que amou e que não poderia ter.



Deixar partir

Antes mesmo de o sol espriar seus raios através das nuvens para tocar as persianas das janelas da casinha simplória, Rebeca já estava de pé.

Arrumava os lençóis puídos do leito, fazendo expressões doloridas pela coluna que reclamava do colchão duro. Abriu a porta, foi até a cozinha, pôs lenha no fogão para requeentar o café. Caminhou até o quarto dos filhos como sempre fazia, para chamá-los, já que eram muito preguiçosos para se levantarem por conta. Abriu apenas uma brecha na porta e chamou com a voz elevada:

— Hora de acordar! Vamos, vamos! Café está pronto!

E saiu, para terminar de preparar a mesa, desligando o bule antes que fervesse. Alguns minutos depois, ouviu sons de chinelos se arrastando e encontrou o pequeno José bocejando e coçando os olhos, adentrando na cozinha.

— Bom dia meu amor. — Beijou o topo da cabeça dele. — Dormiu bem?

— Sim mamãe. — respondeu, sentando-se à mesa.

— Que bom! — disse, servindo uma caneca de café com leite para ele, que não demorou a dar o primeiro gole. Rebeca pegou um dos potes do armário e dispôs uma porção de farinha em uma cumbuca, batendo com leite quente e melado até engrossar, dando ao filho, que aguardava costumeiramente.

— Obrigado mamãe.—agradeceu, exatamente como Rebeca ensinara.

— E Maria que não vem? Onde está essa menina?

José deu de ombros, entretido com o mingau. Ele realmente não sabia onde a irmã estava, não a vira quando despertara. Rebeca pôs o pano de prato

no ombro e se encaminhou novamente até o quarto dos filhos, a menina com certeza estava passando dos limites com a desobediência. Rebeca teria que ser mais firme se quisesse manter a filha na linha.

Abriu a porta, escancarando dessa vez, a fim de dar um susto em Rosa, mas o que viu foi o vazio. Ela não estava ali. Será que tinha ido ao banheiro? Resolveu conferir, porém na passada pelo armário, algo se apertou em seu peito. Ela parou, engoliu o nó na garganta e lentamente o abriu apenas para desengargo de consciência, afinal, Maria Rosa não faria uma coisa dessas.

— Ai meu Deus... — A sacola de palha havia sumido assim como algumas peças de roupa. Rebeca levou uma mão ao coração e outra à boca, incrédula, assustada, temerosa. — ROSA!!! — Ela gritou com toda a força que tinha, afogada num choro compulsivo. Ela sabia o que a filha tinha feito. Ela sabia aonde a filha tinha ido. Ela sabia que talvez nunca mais voltasse.

As horas foram escoando e ela não sabia o que fazer. Como trazer a filha de volta se tinha José para cuidar? Não poderia levá-lo junto, não poderia deixá-lo sozinho ou com alguém. O que fazer? Refletia, aflita, olhando a esmo para o gramado e o mato que se perdia de vista.

Ao longe, enquanto remoía sua dor e suas dúvidas sentada em uma cadeira rude na varanda de casa, viu uma pessoa passar na rua. Pela cabeça raspada, sabia quem era: o filho de Raquel e Elias, do rancho leste, o menino que vivia na volta de Maria desde criança. Ele poderia saber de algo, fazer algo.

— Ei! Olá! Bom dia! — Ela chamou elevando o tom da voz e correndo, para chegar mais rápido até a estrada. Passou as mãos pelo rosto para esconder os rastros das lágrimas. Zachary ouviu o chamado e parou, aguardando. A mãe de Maria Rosa parecia desesperada, deveria ser algo sério. — Zac, não é? — perguntou assim que venceu a distância, chegando na porteira.

— Sim senhora. No que posso ajudar? — Ela percebeu que ele também trazia a expressão abatida, não poderia ser coincidência.

— Minha filha Maria Rosa sumiu.

— O quê?

— Ela fugiu de casa. Mas eu sei onde ela está. Preciso de ajuda.

— Ela está bem?

— Escute — Puxou o rapaz pelo braço para que ele chegasse mais perto. Ela não poderia correr o risco de ser ouvida. —, ela foi até a capital, para um concurso de escrita. Ela te falou algo sobre isso?

— Não senhora. Ela não me conta basicamente nada da sua vida. Só falamos de trabalho.

— Tem certeza? — soou incisiva.

— Sim, senhora. — Ele parecia assustado.

— Preciso que a traga de volta. Ela não merece minha preocupação, não merece meu perdão, aquela ingrata, mas ela precisa voltar. Traga minha filha de volta. Pode fazer isso?

— Ela está na capital? Eu quero muito ajudar. Nem consigo acreditar que ela fugiu, estive com ela ontem e não desconfiei um único momento.

— Gosta dela, não gosta?

— Muito, senhora.

— Traga ela sã e salva e eu concedo a mão dela em casamento para você! — O pavor, a angústia, a vontade de ter uma certeza, fez Rebeca abrir mão do que mais amava: um dos seus filhos. Ao menos seria para um casamento e não para sempre. Zachary arregalou os olhos com a proposta. Como um dia tão triste e pesado poderia ser brindado com a realização do seu sonho? Desposar-se com Rosa! A vida era mesmo estranha! Não poderia ter sido em outra ocasião? Uma menos trágica? Justo no dia que enterrara sua mãe? Mas não poderia negar, aquela havia sido a melhor notícia que recebia em anos. Não soube expressar o quanto aquilo o deixava feliz, deveria ter sido uma notícia para celebrar e muito, mas só conseguiu derrubar outras duas lágrimas. — Fale alguma coisa menino! Pelo amor de Deus!

— Eu aceito. Vou trazer sua filha pra casa. — Rebeca soltou o aperto no braço do rapaz, levemente aliviada com a resposta.

— Pode ir hoje? Agora mesmo?

— Sim, senhora. Só vou pegar algumas coisas e partir.

— Ótimo! Escute bem, que vou explicar o local para onde ela foi.

Rebeca passou as coordenadas, sempre frisando a urgência que aquela busca exigia, o quanto ele precisava ser rápido e objetivo. Repetindo vezes sem conta: traga Rosa pra casa!

Zachary partiu e tudo o que Rebeca poderia fazer era esperar. Todos os dias, após servir o desjejum ao filho, ela ia até a porteira do rancho e olhava para a estrada sem fim, aguardando um sinal, uma poeira levantada, um som distante, silhuetas andarilhas no horizonte. Era como um ritual.

Cinco dias se passaram. Nem mesmo uma única notícia do garoto, nem uma brisa diferente indicando uma mudança, nada. Tudo seguia exatamente igual. Ela começou a perder as esperanças. Talvez tivesse acontecido algo

com o rapaz, talvez com Rosa, talvez com os dois. E nada podia fazer. Só rezar, chorar e rezar. Então ela pensava: faz pouco, o percurso é longo e árido, só ter mais um pouco de paciência. E isso a confortava por um tempo, até o medo a atingir novamente.

Ela vinha acompanhando a programação na televisão, buscando datas, informações e descobriu o horário da primeira transmissão do programa. Naquela noite, no horário indicado, ligou o aparelho, com o coração na mão, sabia que veria a filha, seu pressentimento nunca falhou, além do fato de que ela conhecia o gênio da garota, uma cópia sua, não havia como negar. Lembrou-se do seu tempo de juventude, pôs-se no lugar de Rosa e a resposta era clara: fugiria de casa também e certamente estaria no concurso a uma hora dessas.

O apresentador surgiu com toda a iluminação e som, com suspense, sorrisos, pausas dramáticas e tiradas cômicas. Tudo para agradar seu público fiel. No último bloco, depois de segurar a audiência até o fim com muita maestria, eis que chamam os candidatos. E lá naquele mar de gente, Rebeca viu sua menina. Era como se Rosa estivesse olhando para ela, nos olhos dela, vendo além da câmera que a focava. Ela via Rebeca e Rebeca se via nela, realizando algo tão grande, tão importante, tão necessário. Seguindo um sonho, como um dia Rebeca tentou seguir e falhou. Parecia que Maria Rosa pedia perdão a mãe, que precisava que Rebeca entendesse e confiasse. Rosa ficou muito tempo parada olhando para frente, para o nada, para a câmera, para Rebeca. Por longos segundos foi só mãe e filha conectadas parando a programação, fisgando os espectadores, ganhando o público e a plateia. Conectadas como nunca, dizendo, naquela distância, muito mais do que disseram durante a vida.

— Ah Rosa, Rosa... — Rebeca disse para o silêncio. Receio e muito amor pairaram no ar.

Maria Rosa andou, sendo guiada por outras duas moças, como se só estivesse esperando aquelas palavras da mãe para prosseguir. E ela prosseguiu. Foi selecionada. Rebeca sempre soube do potencial da filha, ela mantinha todos os cadernos, nunca jogara fora nenhum deles, nunca os queimara. Lera todos, cada linha, cada verso. Tudo lindo e autêntico. Puro ouro derramado em papel.

Pensara milhares de vezes em não ensinar nada para a filha, em deixá-la na ignorância onde era seguro, mas como? Como não passar adiante a cultura? O ler e o escrever? Era a única coisa que poderia deixar para a filha,

não possuía nenhuma herança, apenas um breve conhecimento e os livros do porão. Arriscara e aí fora seu erro. A chama estava dentro de Rosa só esperando o combustível. Acendera e nunca mais se apagara. Nenhuma punição bastara e nem bastaria. Nada apagaria aquela chama, poderia abrandar, mas nunca apagar. Não tinha mais nada a ser feito e ali Rebeca aceitou isso. Aceitou que a filha tinha traçado seu caminho e seu futuro, que tudo o que ela poderia fazer, então, era apenas orar por ela e seguir em diante. Talvez com a filha fosse diferente, talvez não fizessem nada com ela. Isso, quase impossível, mas talvez ela conseguisse escapar, ser mais esperta, mais forte. Forte Rebeca sabia que era. Como uma rocha, uma pedra base, um alicerce. Tudo o que ela suportara sem reclamar, de todo aquele trabalho rude do campo e das próprias durezas da vida, Rosa era uma fortaleza resiliente.

Rebeca fechou os olhos e desligou a televisão. Amava tanto a filha que a deixou partir. Deixou que ela seguisse seu sonho e seu destino. Não poderia mais barrar. Estava chegando. Precisava proteger José.

Amanhece um novo dia. E em todas as manhãs, o pequeno chama pela irmã, sente muitas saudades. Rebeca repete o de sempre:

— Logo ela volta meu amor. Logo ela volta. — Ele aquiesce e ela vai para as lidas.

Pega um cesto de roupas e sai para bater no tanque, não sem antes ir até a porteira com ainda um resquício de esperança, ela sempre esperaria pela filha. Vislumbra o horizonte poeirento, vendo que ao longe um caminhão pequeno se aproxima. Zac tinha ido de caminhão. Seu coração pulsa agitado com a expectativa. Solta o cesto, levando as mãos unidas de frente ao rosto numa oração muda e angustiada. O caminhão para, o garoto desce. E mais ninguém. O veículo está vazio. Ela sabia que estaria. No fundo sabia que Rosa não viria. Não seria sua Rosa se viesse.

— Desculpe dona Rebeca, mas eu não trouxe sua filha de volta como disse que traria. Não pude fazer isso. Foi muito doloroso, mas eu tive que a deixar lá. Espero que a senhora entenda que é lá o lugar dela, e lá que ela precisa estar. Sinto muito.

— Eu sei menino, eu sei. — Ela responde resiliente. — Ao menos ela está bem?

— Está sim. Por enquanto.

— Acha que ela ficará segura por quanto tempo?

— Pouco, senhora. — Rebeca sabe disso. Rosa é rebelde, sempre foi, só nunca externou com todo o potencial, Rebeca não permitia, bloqueava

imediatamente. Sem Rebeca por perto, Maria está sem freios, completamente livre. E é aí que mora o perigo.

— Entendo. Ela já se meteu em um problema pelo visto.

— Ela encontrou um problema enorme, senhora e vai lutar como pode para esclarecer ao povo. Se ela conseguir falar o que sabe, vai nos salvar. Mas...

— Mas não vai salvar a si própria. — Zac balança a cabeça pesaroso ao confirmar a afirmação. Rebeca suspira. Dor e amor forçando a barreira para derramar as lágrimas contidas. Ela leva as mãos trêmulas aos olhos, secando antes que elas escorressem, não queria mostrar fraqueza. Não na frente do garoto. Tem que parecer confiante. — Pode ser que salve, a gente não sabe, não é mesmo?

— Tudo pode acontecer. É arriscado, mas é só o que resta. As coisas que ela descobriu são terrivelmente desumanas. — Sim, Rebeca sabe da podridão. De toda a podridão. — Aliás, preciso que a senhora acredite em mim agora no que eu vou lhe dizer: jogue os produtos fora, jogue as comidas da cesta fora. Tudo está envenenado para nos matar aos poucos. Mataram minha mãe, dona Rebeca. Minha mãe!

— Oh meu filho! Dona Raquel faleceu? — Ela se apieda. Lá se ia mais uma camponesa. Mais uma jovem mulher morta pela ambição e pela ignorância.

— Sim senhora.

— Que Deus a tenha.

— Amém. — Ele pausa, fitando o semblante cansado da mulher a sua frente. Ela parece menos resistente hoje, mais frágil. — A senhora precisa se proteger, Rosa tem medo de que venham fazer mal a senhora. Mandou que eu ficasse de olho para agir se for preciso. E é o que eu vou fazer.

— Entendo meu filho. Venha, vamos entrar, preciso te mostrar uma coisa. — Ela não temia por ela. Sempre temeu pelos filhos. Por Maria nada mais havia a ser feito, mas ainda tem José e chegou a hora. Zac parece ser um bom rapaz, bastante ágil e forte, vai saber proteger seu menininho se assim for necessário.

Zachary segue Rebeca, percebendo o quão parecidas mãe e filha são: na hora do perigo, elas abriam mão de tudo para salvarem o garotinho. Abnegadas e corajosas. Seria uma honra lutar ao lado delas. E ele então percebe que seu lugar nunca foi nas fábricas, mas, sim, ali, no campo, como escudeiro. Agora tudo fazia sentido. Enfim sua missão chegou.

Caminhando, ele recorda de Rosa, ela ficaria contente por saber que a mãe estava ao seu lado, apoiando suas decisões. E se recorda de Lily mais uma vez. Veio pensando nela o caminho inteiro. Naquele beijo, seu primeiro beijo. Um prêmio, um ato de desespero nas trincheiras de uma guerra.

Lily, Lily, quem é você?

Não tinha sido o beijo que ele sonhou a vida toda, mas também não foi ruim. Foi bom. Surpreendentemente bom.

Porém, seu amor era de Rosa. Todo de Rosa.

Sua mente confusa com aquela confusão de sentimentos e sensações, ele nem se apercebe que entrou na casa de Rebeca e que ela está aflita lhe apresentando o filhinho amado.

— Zac, esse é meu filho José. José, esse é nosso amigo Zac. — Vendo que o filho passava por um impasse, ela completa. — Tá tudo bem filho, agora Zac também sabe de você. Ele vai ser seu protetor.

— Jura mamãe? Tenho mesmo um novo amigo? — José indaga com os olhos esperançosos.

— Juro meu amor.

— Oi rapazinho! — Zac cumprimenta, agachando-se para ficar na altura de José.

— Oi. Quer brincar?

— Eu quero!

Rebeca olha para ambos, saudosa, cansada, amedrontada, porém feliz. Seu filho ficaria bem. Ao menos a vida lhe cedia um consolo em meio ao caos.



Revelações

Cinco dias haviam se passado desde que Zac partiu do edifício Mundo América. Faltava apenas dois dias para a estreia oficial do concurso e nesse tempo, as meninas do 901 andaram ocupadas com as burocracias que o programa exigia, como leitura do contrato, assinaturas, fotografias, filmagens para os comerciais, arrumação no *Camarim das Rosas* com Micha e Kate. Quase não tinham sossego, as horas movimentadas passavam cada vez mais depressa que quando se davam conta, já estava na hora de dormir.

Rosa e Lily permaneceram juntas no mesmo quarto, não quiseram mudar como ofertado, preferiram ficar onde para elas havia se tornado um pequeno lar. Viam Avena apenas de passagem entre uma sessão de fotos e outra, nem mesmo no camarim geral elas se viam. Micha achava que era porque Rick não tinha muito que arrumar em Avena, ela não deixava ele nem ao menos tocá-la.

Lily sente falta de Avena, aquela barreira que havia se firmado entre elas, desde que revelou sobre o lixo na comida, estava sendo complicada de dissolver. Avena não é fácil de ser encontrada, some, tornando-se incomunicável.

Porém, outra coisa ocupa demais os pensamentos da jovem comerciante: Zachary. O beijo. Sua coragem de dar aqueles passos de encontro a ele, selando os lábios tão inexperientes com os dele. Aquele sentimento cultivado por anos com doses homeopáticas de amor, de repente se tornou imensurável, impossível de conter, ela só tinha aquela chance e aproveitou. Ah, como era doce beijá-lo! Como era maravilhosamente doce! E intenso. Como micro explosões por toda a parte do seu corpo. Incêndios, que começaram na boca, ganhando todas as terminações nervosas.

Ela repete e repete a cena mentalmente sempre que vai dormir. Na verdade nem dorme, só recordando e pensando nele. Ele a beijou de volta. Demorou, mas retribuiu o beijo. Segundos ínfimos e infinitos em que se uniram, saboreando uma vivência única.

Lily poderia casar-se futuramente com algum bom rapaz comerciante, que fosse de boa família, educado e prestimoso, bonito e laborioso, que lhe beijaria centenas de milhares de vezes, que lhe daria filhinhos lindos, numa casinha colorida e feliz, mas ela nunca se esqueceria daquele beijo. De Zachary. Do seu primeiro amor. Continuará amando-o e cultivando o sentimento, tendo fé numa outra vida, onde, quem sabe, não existissem mais as injustiças dolorosas e as regras duras para proteção.

— Você anda tão sonhadora, avoada, o que está acontecendo Lily? — Rosa indaga, vendo a amiga suspirar, deitada em sua cama.

— Nada e ao mesmo tempo tudo. — responde evasiva.

— Vai ter que me contar. Você está estranha, suspirando, rindo para o nada, pensando e escrevendo mais do que falando. Está me deixando assustada!

— É um segredo meu Rosita. Um segredo perigoso.

— Perigoso? Você não me parece com medo, parece muito feliz.

— É difícil de explicar. Eu quero muito te contar, mas não sei se devo...

— Se for algo que te coloque em risco, é bom que me diga, assim vou poder ajudar, do contrário, pode ficar tranquila, não precisa dizer nada. Só me preocupo mesmo. — diz, virando-se de lado em sua cama, para tentar ver melhor, na semiescuridão do quarto, as expressões de Lily na cama oposta. Yliany ergue-se num salto, acende a luz e pula no leito de Rosa, sentando-se como uma pequena criança prestes a ganhar uma bala.

— Eu não aguento mais! Preciso contar senão vou explodir. Sente-se Rosita, sente-se! E me prometa que não vai contar para ninguém! — Rosa ri e senta, como Lily pediu, aguardando pacientemente.

— Eu não conto para ninguém. Sabe disso. Mas não se sinta obrigada a me relatar se não quiser.

— Eu quero! Você é minha melhor amiga e é para isso que melhores amigas servem: para ouvir e dar conselhos.

— Tudo bem então.

— Eu amo seu amigo Zachary. — cochicha.

— Ama? Ama como amigos ou...

— Amo! Sou completamente apaixonada por ele!

— Mas como? Só se viram uma vez... — Rosa pensa por um segundo.
— Vocês já se conheciam! — exclama afirmando.

— *Eu* o conhecia do centro dos comércios, ele só me conheceu naquela noite. Eu sou apaixonada por ele desde os quatorze anos Rosa. Guardando o que sinto só para mim, me escondendo para que ele não me visse. Ele nem sabia que eu existia enquanto que ele povoava meus mais românticos sonhos.

— Ah Lily! — Rosa expressa com certa tristeza.

Zac queria se casar com Rosa, gostava dela, havia se declarado, revelado planos para o futuro. Ela não correspondia a nada disso, não era algo que ela tinha como objetivo, ou ao menos cogitado, mas Zac nutria amor por ela. Como dizer isso para Lily sem feri-la? Sem magoá-la? Por que a vida tinha dessas confusões? Não era mais simples fazer Zac conhecer Lily e ambos se corresponderem no amor mútuo?

— Eu sei que fui uma tola ao me esconder dele, mas o que eu poderia fazer?

— Falar com ele, ué! Se apresentar! Lily você perdeu muito tempo!

— Rosita, Rosita... Já se esqueceu? Eu não posso me relacionar com garotos de outras estirpes. De que me adiantaria falar com ele, me apresentar, se meu amor é proibido? — Rosa realmente tinha esquecido desse fato.

— É verdade. Eu não tinha pensado nisso.

— Você que o conhece. Fale-me mais dele. Ele é um bom rapaz, não é?
— pergunta, ansiando por mais detalhes sobre seu amado.

— É um ótimo rapaz. Muito educado, temente a Deus, honrado, trabalhador e esforçado.

— Ah! Eu sabia! Sempre soube disso tudo apenas observando. Nunca erro um palpite!

— É um bom amigo para mim. Ficaria tão feliz de ver dois amigos queridos juntos! Acha que não se tem nenhuma chance de seus pais permitirem?

— É tão complicado mi amiga! Mamá e papá são muito bondosos, auxiliam a todos, nossa casa está sempre de portas abertas para ajudar a quem precisa, mas eles são firmes no propósito de nos mantermos entre nós. De não misturar estirpes. Por segurança e proteção.

— Mas Zac é um bom homem! Nunca que ele prejudicaria alguém, pelo contrário! Cuidaria para que tudo ficasse bem.

— Não posso ter esse tipo de esperança. É tudo complexo demais.

— Nunca aconteceu um casamento entre estirpes diferentes na sua

aldeia?

— Já. Já sim. Como bem sabe, nada por lá é rígido a ponto de ser definitivo. As regras foram feitas e as seguem quem quer, mas haverá consequências. É feito um ritual onde é necessário dar seu sangue para selar a responsabilidade. Se aquele ato de trazer um intruso para aldeia gerar algum mal, quem se responsabilizou, pagará gravemente: será expulso da aldeia e suportará para sempre o peso de uma triste maldição.

— Então há um jeito. — Rosa pontua, mesmo achando aquilo estranho demais.

— Há. Mas meus pais não permitirão que eu corra esse risco. Que eu faça o ritual. Eles são muito fiéis ao nosso Deus Supremo e aos deuses da natureza, e assinar o pacto é se envolver com seres poderosos, que cobrarão pelo tratado se for preciso para proteger a aldeia.

— Entendo.

— Estou num mato sem cachorro. — Lily diz, jogando-se deitada na cama de Rosa.

— Lily, eu preciso te dizer uma coisa. Eu espero que não se zangue comigo. Apesar de entender se por acaso se zangar.

— O que foi? — Lily torna a sentar, olhando com seriedade para a amiga.

— Como sabe, Zac e eu nos conhecemos há anos. Somos vizinhos, crescemos juntos. Ele para mim sempre foi um bom amigo, mas acontece que para ele as coisas não são bem assim.

— Como assim? — Lily começa a entender qual o rumo da conversa.

— Ele me pediu em casamento antes de eu vir para o concurso.

— Casamento? Ai mi pobre corazon! — exclama, levando a mão ao peito. — Vocês estão noivos! Ai ai ai que desgraça! Eu me declarando apaixonada pelo noivo da minha melhor amiga! Sou uma pessoa horrorosa!

— Lily! Não! Não!

— Devia ter me mantido calada! Quem mandou eu ter a língua maior que a boca?

— Não estamos noivos! Não estamos. Eu não quero me casar.

— Não?

— Não. Zac é apenas um amigo para mim. Eu não consigo imaginar um futuro diferente disso para nós. Eu não me vejo casando com ninguém. Nunca sonhei com esse tipo de coisa.

— Negou o pedido de casamento de Zac? Você é maluca? — Rosa

começa a rir.

— Neguei.

— Maluca!

— Não sou maluca!

— Ele gosta de você Rosa. Por isso ele veio até aqui. Porque te ama! E você não quer casar com ele. É maluca! Não existe outra palavra.

— Talvez seja o destino querendo unir vocês dois.

— Eu beijei seu quase noivo. Veja só o que fui capaz de fazer!

— Vocês se beijaram? Quando?

— Eu o beijei. Sou uma aproveitadora. Poderia ter destruído nossa amizade.

— Mas não destruiu nada. Nem tinha como saber. Mas, como foi o beijo? Ele correspondeu? Conte-me tudo!

As amigas passaram a madrugada conversando sobre os detalhes do acontecido, imaginando e sonhando com mil futuros diferentes, onde o mundo seria um lugar melhor.

Na manhã seguinte, elas despertam com o sol alto e Bree batendo à porta para entregar o desjejum. Ela passa a agenda do dia. Hoje seria mais um dia cheio, com a gravação de um comercial, afinal, o programa começaria no dia seguinte e eles precisam chamar a atenção do público o máximo possível.

— Rosa, acho que deveríamos falar com Avena. O programa começa amanhã, não queria que estivéssemos tão afastadas assim. Sinto falta dela. Imagina ela ontem a noite conosco sabendo de todas essas fofocas sobre meu amor escondido pelo garoto que ama você?! — Rosa sorri com a ideia.

— Sinto falta dela também. Muito. É culpa minha esse afastamento. Eu me isolei e acabei criando um muro entre nós.

— Fale com ela. Tenho certeza de que as coisas vão ficar bem.

— Vou fazer isso.

Rosa bebe mais um gole do seu café, termina de se ajeitar e apressa-se até o quarto de Avena, sendo seguida por Lily, que não conseguiria aguardar apenas, teria que estar junto. Elas apertam a campainha, duas vezes. Talvez Avena tivesse saído. Elas não conseguiam mais encontrar a amiga nos mesmos lugares de sempre. Temiam ter perdido aquela amizade.

Quando estavam prestes a desistir e retornar, a porta se abre. Elas entram cautelosas, igual na primeira vez que cruzaram aquela porta. Avena está sentada no chão, encostada na parede, segurando um cigarro entre os dedos.

— Avena. Acho que precisamos conversar. — Rosa começa.

— É.

— Eu sinto muito por ter saído correndo sem ao menos querer ouvir mais. Eu fui rude.

— Não Maria. Você não foi rude. Foi humana. Foi compassiva com a dor dos seus. Eu entendo isso. Na verdade eu é que fui uma fodida egoísta. Achei melhor esse afastamento. Achei melhor para vocês. Não posso oferecer coisas boas. Sou apenas erros moldados por um corpo de carne e osso. É por isso que preciso ficar sempre sozinha. Por mais que eu tente, algo mau vai ressurgir das profundezas do meu passado e vai machucar a qualquer um que se aproxime de mim.

— Não diga isso Av. — Lily se compadece, sentando-se no chão. Rosa senta-se também, à frente de Avena.

— Esse lixo todo não é culpa sua.

— Eu silencieiei. Eu fui conivente. É culpa minha também. — Ela traga o cigarro, soltando levemente a fumaça pelo nariz.

— Quanto a esse fato, realmente não há mais o que ser feito, é passado. Mas temos todo o presente e o futuro pra fazermos a diferença. Eu vou falar tudo em rede nacional, Avena, e preciso do seu apoio pra isso. — Avena ergue o olhar, até então baixo, encarando os olhos de Rosa, vendo que ela falava sério. E aquilo seria mortalmente perigoso.

— Sabe onde está se metendo, não sabe?

— Sei. E eu vou até o fim.

— Querem realmente ter-me junto a vocês, mesmo depois de tudo o que eu deixei de fazer?

— Queremos.

— Mais do que óbvio que sim! — Lily completa. — Te amamos Av! Somos uma família, mesmo você não querendo ser.

— Vocês são duas burras, idiotas sentimentais! Não deviam deixar alguém tóxico como eu perto de vocês!

— Vai ter que fazer mais do que apenas nos xingar se quiser realmente nos afastar. Muito mais. — Rosa diz, sincera. Lily concorda com um aceno de cabeça.

— É que eu não quero! Não quero que se afastem! Mas que merda!

Avena nem tem tempo de tentar esconder os olhos úmidos, é envolvida por mãos e braços, fechados em volta de si num abraço apertado o suficiente para juntar alguns de seus cacos quebrados.



A entrevista

As três seguiam juntas para o último andar, onde passariam pelo camarim e depois para a filmagem de mais um comercial com os demais selecionados e Vicktor Downson, dessa vez ao vivo, o que criava um clima de nervosismo no ar.

Nas gravações anteriores, elas tiveram que, uma de cada vez, numa sala fechada, falar um pouco de si para a câmera, depois ficar ao redor do apresentador enquanto ele falava alguma coisa, aquele blá-blá-blá de sempre, elas nem deram muita atenção.

Maria, dirigindo-se pelo longo corredor do último andar, recorda do que disse na última gravação. Quando chegou sua vez de falar, ela não poderia perder a oportunidade, porém também não podia falar demais para não ser cortada e a mandarem falar de novo. Precisou fazer uma média, para não ser impactante nem irrelevante ao extremo. Então ela simplesmente abriu a boca e falou de si e de sua vida. De onde veio, sobre sua mãe, como descobriu o concurso, como veio parar ali, seu trajeto pelas ruas. Não falou como aprendeu a ler e a escrever, nem dos livros do porão, muito menos de José, seus segredos mais íntimos seriam preservados, mas pôs para fora a realidade dura de uma trabalhadora camponesa.

Foi um bom começo, ela pensa, andando e andando ao lado das amigas. Hoje ela não sabia o que teria que fazer, cada vez era diferente, como na vez que só ficou parada ao lado de Lily, vendo Vicktor falar sobre elas, numa outra vez, com os doze, ficou sentada tendo que agir naturalmente, enquanto Vicktor discursava a respeito do modo como cada participante se portava. Ela não soube se seu natural foi suficiente, ficou apenas olhando ao redor, procurando livros para ler. Hoje ela só sabia que seria ao vivo. O roteiro

nunca era dito para elas. Bree dizia que assim era melhor porque o participante poderia reagir como ele mesmo, sem querer interpretar.

— Meninas! Minhas pupilas! Venham! — Micha as recebe na porta do camarim. Eles se cumprimentam com um beijo no rosto, exceto Avena que não se aproxima, Micha a conhece, portanto, nem espera esse tipo de saudação. — Lily, pode ir que Kate está te esperando, ela conseguiu uma máscara capilar maravilhosa! Está doida para te mostrar.

— Ai meu Deus! Quero muito! — exclama, saltitando até a cadeira doze, onde Kate arrumava os produtos.

— Avena, Rick está atrasado, então você vai esperar ali comigo e com Rosa. Eu não vou ter muito que fazer, como sempre, já que Rosa prefere manter tudo ao natural, então poderemos só jogar conversa fora e relaxar um pouco.

Elas assentem e seguem Micha até a cadeira cinco, onde Rosa imediatamente baixa a cabeça para não se olhar no espelho. Todos acostumados com esse gesto dela, nem acham estranho mais.

— Hoje farei uma massagem facial em você, para que fique radiante. Teremos tomada ao vivo meu bem! E pelo que andei sondando, as pessoas já amam você! Você já tem torcida! — Micha informa animado, enquanto desliza as mãos pelos cachos de Maria Rosa.

— Tenho?

— Os comerciais foram ao ar no decorrer dessa semana e muitos falam de você nas redes sociais, repostando suas fotos e trechos dos vídeos. Rosa, você está se tornando muito popular! As pessoas querem saber mais da menina camponesa, elas adoram novidades! Você só perde para uma pessoa. Adivinhem?

— Candy? — Rosa arrisca um palpite.

— Negativo! Avena Camon! — Avena ergue a fronte ao ouvir seu nome. — Você é um sucesso querida. Esse seu jeito “não estou nem aí para nada disso” vem conquistando o público. Seu estilo é único, ninguém vê mulheres sem cabelo. Anota o que eu estou dizendo: vai lançar moda!

— Foda-se! — diz simplesmente, pegando fones de ouvido, colocando em si mesma e fechando os olhos, como se fosse dormir sentada.

— É exatamente isso! — Micha bate palmas, efusivo. — Esse jeitão mesmo que pode te tornar a vencedora desse programa. Você é ótima!

— E Lily? Algo sobre ela? — pergunta Rosa.

— Está em terceiro nas buscas. Ou seja, a mina de ouro está nas minhas

mãos. E nas de Rick, aquele ingrato! — Micha revira os olhos e procura algo entre seus potes. — Ele não merecia Avena. Bem que podiam passar ela para Kate e eu, seria lindo.

— Acho que seria muito bom também. — Rosa concorda.

— Pois é. Mas, menina, me espera aí que vou ali pegar com Kate o creme facial, aposto que ela pegou, não encontro por nada aqui.

Rosa anui balançando a cabeça e Micha sai, apressando os passos até o outro lado do salão.

— Deve ser legal encontrar alguém do mesmo ramo que você e descobrir nessa pessoa o amor da sua vida. Fico pensando em Micha e Kate, o quanto eles são bacanas e tão bonitos juntos, na mesma profissão... — Rosa comenta, pois sabe que Avena está atenta.

— Cara, você não sabe, né? — Avena se aproxima puxando sua cadeira de rodinhas e tirando os fones.

— Não sei do quê?

— Micha é homossexual. — Ela cochicha no ouvido de Maria.

— Mas e...

— Kate? Não sei. Eles estão juntos, mas não de verdade. É apenas fachada. Homossexuais não têm vez nesse mundo. — Ela suspira, ainda aos sussurros. Não poderia prejudicar o cabeleireiro. Ele poderia ser demitido ou coisa pior. — Kate é uma boa amiga, está ajudando Micha. — Avena volta a se afastar.

— Eu o achava diferente, mas não sabia. Eu me sinto mal por ele agora. Achava que ele vivia um casamento feliz com o amor da sua vida, quando não é nada disso.

— Talvez eles sejam felizes assim. Não sei muito mais sobre eles, apenas isso. Porque eu ando por aí sabe? E eu descubro coisas. Fora que Micha é muito feminino, nem tem como não notar.

— Eu não notei.

— Você veio de um mundo perdido Maria. Não tinha como você saber disso mesmo. Mas ó, não saia contando isso por aí!

— Eu não sou de sair falando da vida dos outros. Ainda mais de um amigo querido.

— Eu sei. Foi só força do hábito.

— Lily sabe?

— Provavelmente sabe. Na verdade, todos sabem, mas não têm como dizerem nada justamente pelo casamento deles, que serve como prova. Então

fica apenas a desconfiança que com o tempo vai se perdendo na poeira. — Percebendo que Micha está retornando com um pote enorme e dourado nas mãos, elas se afastam para encerrar aquele assunto.

— Estavam falando de mim, suas cobrinhas? — Ele ri, e logo começa a fazer a massagem em Maria Rosa.

Depois de uma hora de produção, elas deixam o salão-camarim, indo para o estúdio dos comerciais, que ficava a uma curta distância. Rosa não conseguia parar de pensar em Micha e em sua situação: ter que casar com uma amiga para poder viver livremente em sociedade, mesmo isso indo contra suas reais vontades. Avena deveria conhecer ainda melhor aquele sentimento, de ser muito mais do que querem que você seja, do que permitem que você seja. Viver escondido é terrível! Disso Rosa sabia bem. Lembra-se imediatamente de José. Sente tanta saudade dele! Mas fica tranquila por saber que Zac está com ele, ficaria tudo bem.

— Muito bem pessoal! Todos aqui? — Um dos produtores pergunta, conferindo se os doze selecionados estavam presentes para ele instruir.

— Sim! — respondem quase que em uníssono.

— Ok! Hoje Vicktor vai entrevistar um por um, frente a frente no estúdio três. Será ao vivo, como sabem, então, façam seu melhor! O programa começa amanhã e as pessoas têm memória curta, para que sejam lembrados e preferidos, hoje é a última chance de fazerem acontecer. Usem de suas armas. Certo? Ok! Alicia? — Ele chama, a garota ergue a mão. — Vem, pode passar, estúdio três. Seu *staff* vai te acompanhar.

Em torno de meia hora depois, Alicia retorna sendo cercada por outras garotas, curiosas a respeito da tal entrevista com Vicktor. Pelo que parecia, estar perto dele, para elas, era algo emocionante, elas queriam parecer boas o bastante, serem interessantes para Vicktor.

— Avena?

— Aqui.

— Pode vir. — O produtor gesticula para ela e conversa alguma coisa através de seu ponto eletrônico.

— Vai lá Av! Boa sorte! — Lily acena para a amiga, vendo-a andar até onde o produtor indicou.

Avena encontra Rick e Stela — sua monitora de quarto. Uma senhora na casa dos sessenta anos — no corredor. Avena tem quase certeza de que Rick é gay, mas não pode afirmar, ele é um rapaz que aparenta ter a mesma idade de Avena, usa roupas pretas e tem um cabelo normal, sem tons coloridos.

Também não usa piercing ou possui tatuagens. Mas ele tem momentos de irritação típicos femininos, o que faz Avena cogitar sua homossexualidade. Stela, ao contrário, é uma senhora simpática e agradável, Avena gosta dela, apesar de achá-la muito intrometida, querendo mudar as coisas dela de lugar, mexendo nos objetos pessoais e xeretando sempre que possível.

Stela passa dicas feito uma matraca, Rick não abre a boca para nada, Avena não se importa com nenhum. Chegam ao estúdio três, entram em uma sala pequena e ali só permanece a selecionada, os dois ajudantes saem sem delongas.

Avena olha ao redor, encontrando duas cadeiras, uma de frente para outra, uma mesinha de centro com duas garrafas de água e dois copos, as paredes são pretas e há duas câmeras posicionadas. De outra porta, surge Vicktor, ajeitando o blazer cinza e depois a gravata preta. Ele senta, trazendo em mãos um tablet onde constam as perguntas.

— Feche a porta por favor. Vamos entrar no ar em um minuto. — diz para ela e depois volta sua atenção ao tablet. Ela faz, caminhando a passos lentos até a cadeira oposta ao apresentador. Ele toca o ouvido, recebendo a informação de que entrariam em trinta segundos. — Pronta?

— Manda lá. — diz preguiçosamente com um gesto evasivo de mãos.

— Estamos de volta! Agora com a selecionada número dois: Avena Camon. Então Avena, o que fez você decidir que queria participar do concurso?

— Eu faço o que me dá na telha. Apareceu a propaganda, eu tava sem nada para fazer e pensei: por que não?

— Interessante. E você é uma escritora, presumo.

— Eu escrevo coisas. Não sei se posso me considerar escritora. Pelo visto o que eu escrevo presta, do contrário eu não estaria aqui.

— Você tem um sonho? Se sim, conta para o público de casa, tenho certeza de que eles gostariam de saber.

— Meu sonho é ver esse mundo fodido ir para os ares. Acabar com essa desgraceira que chamam de estirpes. Seremos um povo só e com dignidade. É isso.

— Uau! Isso soou pesado. Não teme que seu temperamento seja mal interpretado?

— Não.

— Tem algum relacionamento? Ou está livre para flertar no programa?

— Minha vida pessoal não é da sua conta, muito menos da conta desse

povo fútil que assiste todas essas drogas que passam na TV.

— Se acha uma droga, por que se inscreveu?

— Pela grana. Quero a grana. Só isso.

— Acha que é válido participar de algo que não gosta só pelo dinheiro?

— Acho.

— Mas o público quer muito saber sobre sua vida amorosa. Muitos acreditam que você não curte homens. É verdade?

— Não curto seres humanos idiotas.

— Certo. Obrigado Avena, foi muito esclarecedor. Nos vemos amanhã!

— Virando para a câmera ele completa. — Estivemos agora com Avena Camon. Conte pra gente o que você achou dessa conversa que tivemos. Deixe sua mensagem!

— Já posso ir?

— Cai fora logo! Tem noção do quão estúpida você foi?

— Não e nem me interessa. Até mais otário! — dizendo isso, ela se levanta, retornando rumo à antessala.

No caminho, Rick e Stela fazem perguntas sobre a entrevista, Avena não responde a nada. Apenas caminha, ignorando-os totalmente. Na antessala, encontra Rosa e Lily, que não tarda a puxá-la.

— E então? Conta tudo!

— Foi um saco! Uma chatice! Só aquele idiota do Vicktor fazendo perguntas imbecis.

— Ah, sério? Foi chato? O que ele te perguntou, Av?

— Nem me lembro. Mas coisas bestas sobre minha vida pessoal e amorosa. Tem ideia do quanto eu odeio essa invasão?

— Ele humilhou você? — Rosa pergunta pela primeira vez.

— Não porque eu não deixei. Mas tentou. E vai tentar com vocês também. Por isso, fiquem firmes.

Elas assentem, tomando o conselho para si mesmas. Só restava aguardar. Lily é a mais ansiosa e seria a última, já Rosa demonstra a mesma serenidade do dia do programa onde os doze foram selecionados.

Brian é chamado, depois Candy e Maria Rosa. Ela encontra Micha, Kate e Bree, que a acompanham. Micha é o mais tagarela, animado com a entrevista, onde Rosa poderia mostrar mais de si e tentar angariar mais ainda a simpatia do público e agora a de Vicktor, justamente por ser o primeiro momento de Maria Rosa “a sós” com o famoso apresentador.

Assim que entra, Rosa vê Vicktor sentado, muito concentrado no

aparelho digital que segura em mãos. Ela não sabe bem se fica onde está até ser chamada ou se vai até a cadeira.

— Você veio rápido. Ainda temos cinco minutos até a próxima entrada. Pode sentar se quiser. Nessa cadeira aqui e não no chão, pelo amor de Deus. — Se apressa em acrescentar.

— Qual o problema com o chão? Não gosta?

— Não tenho nada contra com suas preferências esquisitas, só não pegaria bem entrarmos no ar com você sentada num canto. Ia parecer muito pedante e desleixado. Coitadismo demais.

— Coitadismo? Pôr-me no lugar onde sempre exigiram que eu ficasse do contrário seria punida, é coitadismo para você? — Maria indaga, aproximando-se lentamente. Ela não sabe o que acontece com ela em certas horas, parece que não tem controle sobre si. Que sua boca desanda a falar coisas que ela nem sabe que pode dizer. Vicktor é o culpado! Ele provoca com seu jeito sonso. Rosa se lembra de sua mãe; Rebeca esbofetearia Vicktor muitas vezes se fosse mãe dele, só por esse comportamento irritável...

— Já falei pra você que aqui dentro não tem essa diferença. Esqueça isso.

— Como vou esquecer se são vinte anos que me forçam a ser assim?

— Sente-se menina, vamos começar daqui a pouco e pelo que eu saiba, as perguntas sou eu que faço. — Rosa permanece em pé por alguns segundos, depois senta, vagarosamente. Vicktor tem vontade de dizer para ela se sentar de uma vez, mas não o faz, consegue se controlar. Ele sabe que ela está fazendo de propósito.

— Essa cadeira é confortável. Como é para você poder ter uma dessas a hora que quiser, podendo se sentar a hora que quiser, sem que te repreendam por esse ato tão simples? — Ele bufa ao ouvir a questão, soltando o aparelho em seu colo. Coça os olhos e olha para Rosa.

— Eu já sei aonde você quer chegar com isso. Você tem coragem, não posso negar. Só não pense que todos os superiores são tolerantes como eu. Já avisei você uma vez, menina, e vou avisar mais uma: tome muito cuidado! Nós estamos em uma terra onde o maior esmaga o menor a troco de nada. E nessa escala, você está bem abaixo do menor, então não terão o menor remorso em triturar você.

— E por que se importa? Por que não faz como os outros? Por que tem essa tolerância comigo? O que faz de você um superior diferente dos demais?

— Estou apenas tentando pregar igualdade dentro do meu programa.

Não espere que eu haja assim do lado de fora. Faço isso aqui porque quero algo diferente para manter a audiência interessada, não pense que é porque existe um quê de revolucionário ou filantropo em mim. É tudo pela audiência, pela grana. Pelo show. — Ele toca o ponto no ouvido e antes que Maria responda algo ele avisa: — Agora chega. Fui bem bacana com você respondendo seus questionamentos. Vamos entrar em trinta segundos. Pronta?

— Estou. — responde simplesmente.

— Voltamos! — Vicktor soa como se sempre fosse uma pessoa bem-humorada e gentil. Como se não estivesse, há meros trinta segundos com vontade de esbravejar. — E trazemos agora a quinta selecionada: Maria Rosa Carmelo. Boa tarde Maria Rosa.

— Boa tarde.

— O público de casa quer muito saber o que fez você decidir participar do concurso.

— Eu amo o mundo literário. Amo ler e escrever. Onde há essa possibilidade, eu vou.

— Você veio do campo. Como é o acesso a esse mundo literário que você ama?

— Minha mãe me ensinou a ler e a escrever. Não há acesso à literatura no lugar de onde eu venho, mas minha mãe sempre me proporcionou como pôde o mínimo para que eu pudesse estudar.

— Se você for a grande vencedora, o que fará?

— Vou continuar lutando para conseguir uma vida melhor para os meus. Todos eles.

— Profundo isso. Podemos ver que você tem pretensões modestas para si mesma. Pensa mais nos outros. Não sonha com uma mansão, roupas novas, digitais modernos?

— Não. Vivi até hoje sem nada disso. Para mim não faria a menor falta ou diferença. Mas sonho em um dia poder dar conforto para minha mãe. Descanso. Ela trabalha pesado, vinte e quatro horas por dia.

— Bonito isso. E sobre seu coração: há um dono? Ou ele está livre para se aventurar em conquistas amorosas dentro do *reality*?

— A única dona do meu coração sou eu. E ele não foi feito para conquistas banais. Meu coração existe para amar os meus e me manter viva.

— E quem são esses *seus*? — Ele frisa, levemente impaciente com as respostas pouco atrativas da garota.

— Gente de bem, gente que Vicktor Downson jamais será.

Ele engole, sem saber como reagir àquela resposta. Se ele achava Avena difícil de lidar, com respostas ásperas, Maria Rosa conseguia ser ainda pior. Não havia saída para o pensamento forte e ágil da menina. Ela tocava em feridas de forma feroz, rápida e certa como um raio.

A entrevista se encerra sem a saudação final do apresentador, cortada abruptamente, pois ele simplesmente empacou, olhando completamente atônito para Rosa.

— Acabou? — Ela pergunta meio perdida.

— Você não tem medo? — Vicktor enfim reencontra sua voz.

— Não mais.

— Você me humilhou na frente de milhões de pessoas, ao vivo!

— Se você acha que o que eu fiz foi humilhar, então você é mais fraco do que eu pensava. Te convido a ir apenas um dia vestir minhas roupas, calçar meus sapatos, pegar em minhas ferramentas e ir trabalhar sem cessar, para depois levar o que conseguiu até o posto de coleta, abaixo de sol, puxando um carrinho. Ouvir palavras duras dos fiscais, que te olharão como lixo por não ter conseguido trazer mais legumes; retornar com o carrinho vazio, com a noite e os insetos te perseguindo, para no final do mês receber uma cesta com mantimentos envenenados. Essa é a vida que eu levo há anos. Com muito suor. Ela me fez forte. Ela nunca me causou vergonha ou indignação. Nunca me senti pisada. Sabe qual foi a primeira vez que me humilharam? Foi quando pisei aqui. Gente que nunca me viu e nem conhece minha luta, jogando lixo em mim, me desprezando, me tratando como uma lixeira ambulante. Você nunca vai saber o que é isso, senhor Vicktor. E é até melhor assim. Você não mereceria ser do meu povo.



Antes

Vicktor caminhou a passos firmes ao elevador que o levaria para a sala de Bill Rogers, seu chefe, o único acima dele dentro da Mundo América, o poderoso dono da emissora. Bill, um bilionário ambicioso de cinquenta e cinco anos que fazia sua fortuna em cima do consumismo do povo. Um visionário. Um homem frio, que passaria por cima de qualquer coisa para crescer ainda mais, além do topo. E Vicktor tinha um desejo: queria ser o homem de sucesso como Bill. Sua meta de vida. Seu próximo objetivo. E ele pensava que não estava tão distante assim de realizar.

Com o queixo erguido, ele atravessou corredores, andando serenamente, desviando de subalternos, cumprimentando apenas um ou outro que parecia ser mais insistente no *puxa-saquismo* ou algum artista que passava por ali.

Ele havia sido chamado pelo chefe — pelo *boss*, como ele gostava de dizer, e isso só poderia significar elogio, até mesmo uma promoção a algum cargo exclusivo. Quem sabe vice-presidente? Por que não? Bill não tinha sócios, era ele por ele, mas e se ele viu em Vicktor alguém perfeito para ser seu braço direito? Existia essa possibilidade, visto que os programas de Vicktor tinham as maiores audiências, rendendo quantias absurdas de dinheiro. Só poderia ser isso!

Seu peito inflou ainda mais quando adentrou no elevador, com alguns colegas apresentadores de outros programas da grade, e ele apertou o último botão. O botão da cobertura. O andar privado de Bill Rogers, *the big boss*. Os colegas lançaram seus olhares de inveja diretamente nele, que suspirou, achando maravilhosa aquela sensação de poder.

Aos poucos, o elevador foi ficando vazio, até restar Vicktor sozinho, que ajeitou o paletó e a gravata, conferindo se estava tudo certo com seu cabelo

no reflexo do tablet. Checou o hálito pela décima vez, não queria falhar de nenhuma forma e pelo visto isso não aconteceria, estava impecável.

As portas se abriram e ele sentiu um leve tremor percorrer a espinha pelo nervosismo, respirou e se dirigiu à mesa de Rogers, que o aguardava fumando um charuto cujo valor se equiparava ao do terno finíssimo que o apresentador usava naquela ocasião.

— Downson! Como vai? Prazer em vê-lo! — saudou Rogers, que permaneceu sentado, estendendo a mão esquerda.

— O prazer é sempre todo meu Rogers! — Retribuiu o aperto de mão estendendo a sua.

— Sente-se, sente-se por favor. — Apontou a confortável poltrona à sua frente.

— Obrigado. — Vicktor abriu dois botões do paletó, sentou e cruzou a perna, apoiando o tornozelo direito por sobre o joelho esquerdo. Tentando demonstrar confiança. Demonstrar que estava muito a vontade naquele ambiente.

— Então Downson, presumo que deva estar se perguntando qual o motivo de eu ter te chamado até aqui. É a primeira vez, não é?

— Primeira vez! Estou encantado com a decoração do lugar. Muito bom gosto.

— Gentileza sua. Sua contratação e promoções nunca foram passadas aqui, não é?

— Não senhor. O senhor me concedeu duas promoções e ambas foram passadas em reunião geral no salão principal.

— Claro, claro. Me recordo. Sua vida anda boa, não anda? É ou não é um sonho trabalhar na Mundo América?

— Ah é perfeito! Minha vida nunca esteve melhor. Viagens, casas, carros... mordomias que só esse emprego aqui poderia proporcionar.

— Muito me agrada a felicidade de meus funcionários.

— É o melhor empresário do país, Rogers! Sabe bem disso. Uma honra fazer parte dessa equipe de sucesso.

— E eu quero o mundo todo, Downson! O mundo todo! O que me diz disso?

— Não está longe de conseguir, senhor.

— Também acho. Mas para que eu consiga alcançar esse objetivo ganancioso, preciso, no momento, de duas coisas.

— Pois não? Algo em que eu possa ajudar? — Vicktor se acomodou

melhor na poltrona, sua hora havia enfim chegado.

— Na verdade você é o único meio para que eu consiga essas duas coisas e dê esse imenso passo.

— Pode dizer, Rogers, eu estou pronto.

— Está demitido.

— O quê?! — O apresentador quase engasga ao ouvir a simples frase. Rogers gargalha com a expressão de horror de Vicktor. — Está brincando, não está? — Vicktor engole e ri, tentando voltar ao normal. Bill Rogers se levanta, ficando de costas para Downson, olhando para a enorme janela, o charuto ainda entre os dedos longos. Segundos depois, vira novamente e diz:

— Estou. Demitir você seria realmente apenas uma brincadeirinha de criança perto da canalhice que fez comigo. Foi divertido pra você Downson? Valeu a pena? — perguntou, escorando-se na mesa. Vicktor nem precisa se olhar no espelho para saber que está mortalmente pálido, ele sente que todo o ar foi sugado daquele andar inteiro.

— Do-do que está fa-falando, senhor?

— Pensou que poderia seguir com isso até quando? Não se faça de idiota! Seu jogo acabou, pode acabar com o teatrinho também. Eu sei de tudo.

— Senhor Rogers acho que deve haver um engano aqui.

— Eu sou um homem poderoso, *Vicktor Downson* — disse o nome com desprezo e zombaria. —, eu tenho homens especializados que trabalham para mim, investigando tudo, passando pente fino em todos que me cercam, para minha segurança. Um caipira burro feito você, um vigarista de quinta, conseguiu nos enganar por alguns anos, te dou os parabéns por isso. Só que a casa caiu. Descobriram uma falha nos seus documentos. Você falsificou tudo beirando a perfeição. Beirando! E beirar não é o suficiente.

— Rogers, eu posso explicar, eu...

— Explicar? — Gargalhou. Erguendo o tronco, ficando totalmente de pé. — Explique para Johnson antes de ele meter uma bala na sua cabeça. — Vicktor começou a suar frio, sentiu que a camisa estava totalmente colada em seu corpo. Ele realmente fora longe demais, mas nunca pensara que seria descoberto e que acabaria assim, com uma ameaça de morte. Ele ouviu passos atrás de si, vendo se aproximar dois homens altos, prestes a levá-lo. Não era apenas uma ameaça. Ele seria morto. — Levem! — ordenou e virou para a janela outra vez.

— Rogers! Escuta! — Vicktor foi pego pelos braços. — Rogers, me dê

uma chance! — implorou, sacudindo-se numa tola tentativa de escapar dos dois capangas imensos que o arrastavam. — Eu sou mesmo um vigarista de quinta! Picareta dos mais chinelos! Um ninguénzinho rampeiro. Mas deixa essa informação cair nos ouvidos da concorrência, logo estarão com fotos suas por aí, como dono de emissora mais babaca do mundo! Imagina o sensacionalismo que vão fazer! — gritou, quando quase o colocavam a força no elevador privado.

— Você vivo ou morto não vai fazer diferença. — disse ainda de costas.

— Rogers, pensa só, ninguém vai saber de nada! Você pode dar um jeito de apagar meu histórico antigo. Nada vai mudar! Não vai ter sensacionalismo! O estrago vai ser imenso quando descobrirem que você se deixou enganar por anos por um trapaceiro vindo do meio do nada! Rogers! Olha tudo o que eu fiz nessa emissora! Todos os programas de sucesso! Todo o dinheiro que te fiz ganhar! Somos imbatíveis juntos! — Ele tentou mais uma vez, enquanto bloqueava as portas com suas pernas. Rogers se virou, lentamente, o charuto preso entre os dentes.

— Tragam ele aqui. — ordenou, sendo prontamente atendido. Vicktor respirou aliviado, ainda tinha uma chance. Os capangas sentaram o apresentador e se posicionaram atrás da cadeira, para evitar fugas.

— Rogers, eu...

— Cala a porra da boca! Eu falo e você escuta. — Sentou-se. Vicktor assentiu, ainda muito apavorado. — Conhece o prédio onde funciona a Biblioteca Nacional? — O apresentador olhou de forma curiosa para o chefe. Não entendendo bem o que estava acontecendo.

— Conheço.

— Aquela porcaria de biblioteca não serve para mais nada, porém o prédio é excelente! Está numa localização privilegiada e precisaria apenas de algumas reformas para ficar novo em folha. Eu quero aquele prédio, Downson. E você vai dar ele pra mim.

— Eu? Como? Sei que posso conseguir, posso mesmo! — completa com rapidez. Se aquela fosse a chance de permanecer vivo, ele não perderia.

— A prefeitura só não acaba com a biblioteca porque tem uns bibliotecários fazendo uns protestos, reivindicando, pedindo prazos. — Ele arrumou alguns papéis, guardando-os na gaveta. — Eu ofereci um valor exorbitante pelo prédio, mas estão negando por causa do prazo que deram aos bibliotecários. Mas esse prazo pode ir para os ares se eu conseguir provar que ninguém mais se interessa pelas merdas dos livros.

— Mas isso todo mundo sabe. Ninguém mais lê livros.

— Aquele prédio será meu para mais uma filial da Mundo América. E você vai trazer pra mim.

— Certo, eu só preciso que me diga o que eu tenho que fazer.

— Estou te dando mais uma chance Vicktor Theodor Downson. Vou manter esse seu nome ridículo só para não levantar mais suspeitas. Vou entrar no seu jogo. — Rogers puxou seu tablet, digitando algumas coisas e prosseguiu: — Você vai apresentar um novo *reality*. Algo sobre livros. Algo que prove que eles não mais interessam. Precisa ser atrativo porque quero manter o padrão da emissora e ganhar rios de dinheiro, mas terá que fracassar ao mesmo tempo.

— Como?

— Como eu não sei. Você vai ter que se virar. Dar seus pulos. Faça uma seletiva, convocando escritores, vai aparecer meia dúzia, se aparecerem. Monte um formato e me entregue sexta.

— Depois de amanhã?

— Sim! Meu tempo é curto, estou te dando um prazo muito maior do que merece.

— Isso quer dizer que eu não vou ser morto? — arriscou.

— Tudo vai depender do andamento do programa. Reúna escritores e me arrume um programa de sucesso.

— Mas as pessoas não se interessam mais em ler. Ninguém vai querer assistir! — exaspera-se.

— Isso não é problema meu. Se não for um sucesso, você morre. Fim de papo. — Faz um gesto indicando que a reunião tinha chegado ao fim.

— Mas terá prêmios?

— Não.

— Mas como atrair participantes sem premiação?!

— Eu não sei. Não é você o esperto? Dê seu jeito! Mas do meu bolso não vai sair, esteja ciente disso.

— Posso fazer comerciais?

— Dois. Se quiser mais, vai ter que bancar.

— O senhor não tem medo de reunir escritores? Não faz vinte anos desde aquele ato rebelde? E se fizerem dentro da emissora?

— Não seja idiota! Ninguém mais ousaria! Se sabem bem o que aconteceu com os rebeldes de vinte anos atrás, não vão querer ter o mesmo destino. O'Connell é amigo meu. Ele tem um filho, é só trazer o garoto pro

programa.

— Robert O’Connell, comandante de segurança?

— Consiga que o filho dele esteja no programa e com certeza ele estará sempre aqui, ninguém vai se rebelar com O’Connell nos bastidores. Não existe quem não conheça a lenda do sanguinário exterminador de baderneiros. — Vicktor sabia do que o comandante de segurança do estado era capaz de fazer. As piores atrocidades em prol da paz do país tinham a assinatura dele.

— Certo. Mas preciso saber do meu futuro. Rogers, eu tenho alguma garantia? Prezo muito pela minha vida. Nem vou apelar para familiares porque não tenho ninguém, sou só eu por mim mesmo. Poderia até inventar uma mãe doente, uma avó senil, uma namorada grávida, mas não quero mais mentir para você.

— Nossa! Quanta bondade sua. Estou impressionado. — soou sarcástico. — Você está na corda bamba. Um passo em falso, já era. Só depende de você chegar são e salvo do outro lado.

— Agradeço a oportunidade, senhor.

— Eu estava sendo bondoso com você. Morreria rápido com uma bala entre os olhos. Mas escute: se me aborrecer dessa vez, quem vai fazer o serviço será O’Connell e ele não costuma gostar de serviços rápidos. — Vicktor pensa que pode ter saído da frigideira e caído no fogo. Ele engole um nó na garganta.

— Não vou vacilar. Sabe bem do meu potencial. Todos os programas que apresento e já apresentei sempre foram de imenso sucesso. A missão agora é diferente, um sucesso que deve fracassar sem ser exatamente um fracasso, mas eu consigo. Volto na sexta com tudo esquematizado.

— Assim espero. Agora pode ir. Saia que eu tenho mais o que fazer.

— Não preciso mais da companhia dos seus amigos aqui, não é? — disse se referindo aos capangas às suas costas.

— Não tão de perto. Mas eles estarão de olho em você. Se cogitar fugir, Johnson pegará você. — Indicou o homem da esquerda, Vicktor acenou para ele, mantendo intacta a sua cara de pau. — E O’Connell te fará uma visita bem íntima.

— Não vai precisar. Não sou um bom anfitrião.

— Caia fora logo!

— Sim senhor.

Vicktor Downson ergueu-se e saiu da sala, descendo pelo elevador.

Arrumou os fios bagunçados dos cabelos, ajustou o paletó, secou o rosto que pingava suor. Quando o elevador chegou no seu andar, estava novamente pronto e intacto, como se não tivesse escapado da morte há minutos. Ignorou solenemente os colegas que o saudavam. Dessa vez, não por soberba, mas por desatenção mesmo. Ele só queria chegar em sua sala e pensar. Tinha muito no que pensar.

Assim que ultrapassou sua porta, trancou-a e correu ao banheiro, também chaveando. Foi à pia em tempo, uma ânsia subiu por sua garganta e ele ficou ali tentando pôr alguma coisa para fora, mas quase nada saía, estava sem comer desde a manhã. Quando o mal-estar passou, lavou o rosto e se olhou no espelho. Estava acabado. Vicktor Downson fora descoberto. A farsa foi mais longe do que ele pretendeu. E quanto maior a altura, maior o tombo. O dele seria fatal. Alto demais.

Ligou a ducha e tomou um banho rápido. Secou-se, retocou o gel do cabelo, enrolou-se da cintura para baixo com uma toalha e saiu do banheiro, indo até o closet para vestir roupas limpas. Vestiu um novo conjunto de terno e gravata, calçou meias e os sapatos. Sentou-se à mesa, sentindo-se levemente melhor. Colocou-se a elaborar um novo formato de programa. De começo nada saía, depois ideias foram brotando ao recordar que sua vida dependia daquilo. Virou a noite escrevendo, riscando, planejando. Lembrou-se de si mesmo. De que ele era um escritor. Se ele era um escritor, o que ele gostaria que tivesse em um programa? O que o atrairia? Quais prêmios fariam um jovem escritor pobre sair de sua casa e arriscar?

Na sexta-feira, o projeto estava pronto e sendo enviado para Bill Rogers, que o aprovou, inclusive se surpreendendo com a habilidade de Downson em arquitetar detalhes. O nome foi o que mais achou brilhante: *Rosas da Alma. Somente a Alma mais poética poderia fazer nascer a melhor Rosa. E é essa Rosa que queremos. A essência poética. O amor e a dor no seu estado latente, puro.*

— Downson é um canalha desgraçado, mas sabe fazer bem feito. — Rogers sorriu mordendo o charuto, falando consigo mesmo. — Isso aqui não tem como dar errado, mesmo tendo que dar. Vai ser um desperdício matar esse filho da puta, espero que ele não faça merda no meio do caminho.

Horas depois, Vicktor recebeu a resposta de Bill por mensagem:

— Aprovado. Mas, não me decepcione, Downson.

— Eu nunca decepciono, senhor. — Foi sua resposta ousada. Ele sorriu sozinho.

Dois meses depois, o que Vicktor não imaginava é que surgiria mais de cem inscritos. De que ele leria centenas de textos e poesias muito boas, outras nem tento. Que as melhores poesias seriam de uma mulher sem cabelos que tinha um histórico rebelde, uma mocinha comerciante que falava pelos cotovelos e uma garota do campo, com mais coragem e determinação do que ele jamais teria em toda a sua vida. Que essa garota o faria lembrar de seu passado, de sua infância remota e pobre, do tempo em que ele só trabalhava e rezava junto à sua mãe. Da fome e do medo das temporadas ruins, quando eles não conseguiam juntar o suficiente para os postos de coleta. Do horror que foi ficar totalmente sozinho.

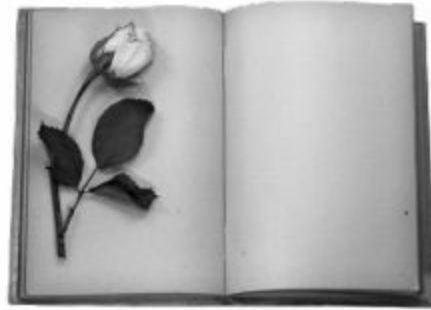
Não imaginava que o público a amaria sem se importar dos perigos que ela corria por falar mais do que deveria. Que ele se veria entre a cruz e a espada por mantê-la no programa pela audiência, e por temer que fizessem com ela o que fariam com ele se ele falhasse. Que o filho de O'Connell estaria no programa, que O'Connell estaria na volta, doido para ser liberado para pegar o primeiro a infringir uma lei ou ameaçar a pátria.

Não imaginava de que assim, ele teria que criar regras para dar liberdade aos selecionados, permitindo que eles fossem eles mesmos e fizessem o que lhes desse na telha como forma de atrair o público que gostava de certa ação.

Ele não imaginava que o Rosas da Alma seria um sucesso e que uma certa menina o faria temer. Não só por ele, mas também por ela, porque ela não tinha temores.

Maria via além das aparências, do belo, do exuberante. Além do exterior, além de si mesma.

Ela via muito além das rosas da alma.



Agradecimentos

Aos leitores, que me apoiam e que me fazem ser uma escritora. Dessa vez não colocarei nomes, não quero esquecer nenhum. Só quero que saibam que vocês são minha maior motivação. O grupo Piradas da Mila mora no meu coração.

Minhas lindas leitoras betas, que me deram sugestões, que sofreram comigo, que me apontaram caminhos e me ajudaram a construir essa história: Larissa Figueirero, Ione Barbosa, Katiane Hornke, Bianca Ribeiro e Mylla Dias. Obrigada por tudo!

Stefani Pinheiro Paludo, autora de distopias incríveis, que me presenteou com uma linda leitura crítica, muito obrigada por sua contribuição!

Ao meu principal leitor beta, meu marido, companheiro e meu amor Emerson Martins, meu agradecimento cheio de amor! Ele sempre escuta minhas dúvidas de roteiro e traz ideias que encaixam lindamente no que eu precisava. Te amo!

Meu agradecimento especial à minha editora Jéssica Milato, que me deu mais essa oportunidade! Que sempre está ali para me por para cima e abraçar minhas histórias com toda dedicação. Graças as suas aulas de storytelling, consegui me aprimorar e fazer esse trabalho. Ao revisor Messias Santos, que mergulhou na história e fez um trabalho maravilhoso! Muito obrigada à equipe Hope.

Ao Prêmio Ecos da Literatura, por existir! Graças a esse prêmio, que venci, esse livro saiu dos arquivos e veio para nossas mãos.

A Deus, por me permitir compor histórias!

Às minhas personagens, por me escolherem para contar suas histórias.

À história, por me escolher.

Visite: www.editorahope.com use o cupom: PIRADA e garanta desconto na pré-venda do livro físico.